

CENTENÁRIO
DE
OCTAVIO MENDES

1869-1969

SUBSÍDIOS PARA UMA BIOGRAFIA E
APRECIACÕES SOBRE O VULTO E A OBRA

SÃO PAULO
1969

CENTENÁRIO
DE
OCTAVIO MENDES

12-4-1869 — 12-4-1969

Subsídios para uma biografia

por

SYLVIA MENDES CAJADO
OCTAVIO MENDES CAJADO

Apreciações sôbre o vulto e a obra de

OCTAVIO MENDES

por

Ministro PEDRO RODOVALHO M. CHAVES
Prof. ERNESTO MORAES LEME (Discurso)
Prof. MIGUEL REALE
Prof. PAULO BONILHA
Dr. HERMANN MORAES BARROS
Dr. FRANCISCO GLYCERIO NETO

SÃO PAULO

ÍNDICE

SUBSÍDIOS PARA UMA BIOGRAFIA

As Origens	7
Infância	18
Adolescência	30
São Paulo	48
A Academia	66
Sonho Realizado	87
O Advogado	98
Paralisia	110
O Jurista e o Professor	134
O Homem	168
O Fim	240

APRECIACÕES SÔBRE O VULTO E A OBRA

Octavio Mendes — Ministro PEDRO R. M. CHAVES	249
Discurso — Dr. ERNESTO LEME	253
Posição de Octavio Mendes no Direito Co- mercial Brasileiro — MIGUEL REALE ..	273

Prof. Dr. Octavio Mendes — Prof. PAULO BONILHA	293
Octavio Mendes — O Homem da Família — HERMANN MORAIS BARROS	296
Octavio Mendes — O Homem da Família e o Professor — FRANCISCO GLYCERIO NETO	305

SYLVIA MENDES CAJADO
E
OCTAVIO MENDES CAJADO

OCTAVIO MENDES

Subsídios para uma Biografia

Para a
Amimbra, com
um abraço carinhoso
da "meta" da querida e in-
precável vovó Cecília, Maria Sylvia
Campinas, 07/11/08

AS ORIGENS

Octavio Mendes nasceu no sítio “Boa Vista”, na comarca de Campinas, aos 12 de abril de 1869.

Situado numa elevação, com vista para a cidade, eram 19 alqueires de ricas terras campineiras, cortadas por um córrego. Ampla, avarandada, erguia-se a casa de residência a pouca distância da senzala, onde cabiam nove famílias e cinco escravos solteiros. Logo atrás da casa principiava o pomar, famoso na redondeza pela qualidade das frutas que produzia. Ao lado, ranchos de sapé abrigavam vacas leiteiras, bois de carro, mulas e cavalos de sela. Mais adiante, o chiqueiro, com acomodações para a cria e engorda de porcos.

Pouco além da casa, principiava o cafèzal. Eram 3.800 pés de café que, naquela época, andariam por cinco ou seis anos, cuja colheita, três anos antes, rendera 600 arrobas. Depois de sêco no terreiro, de terra batida, defronte da casa, vendia-se o café em Campinas, transportado em carros de bois.

Além do café, cultivava-se no sítio a cana de açúcar, o milho, o feijão, a mandioca e muita verdura, numa horta bem cuidada. As galinhas caipiras andavam sôltas, em grande quantidade, em perfeita harmonia com marrecos e perus. In-

cluam-se ainda alguns alqueires de pasto, suficientes para os animais ali existentes, um capão de mato, onde abundavam palmitos, e ter-se-á uma idéia razoável da propriedade, com que o campineiro Francisco Borges Martins da Cunha sustentava mulher e doze filhos.

Leopoldina, assim chamada em honra a uma das princesas imperiais, quarta filha de Francisco Borges Martins da Cunha e de sua mulher, Dona Marciana Gomes Martins da Cunha, casara-se, nas vésperas do Natal de 1866, com Manoel Francisco Mendes, filho caçula de Francisco Mendes de Godói e de Dona Senhorinha Mendes de Godói, campineiros também. Dêsse casamento já lhes nascera uma menina, que, na pia batismal, recebera o nome da avó materna, Marciana, e que, por ser pequenina e franzina, ganhara um diminutivo: Marcinha.

A princípio, baldo de recursos para montar casa própria, o jovem casal permanecera no sítio, onde Manoel Francisco Mendes, o Maneco, ajudava o sogro e os cunhados a tocarem o sítio e a venderem na cidade, a fregueses certos, a sua produção.

Com efeito. Na propriedadezinha de Francisco Gomes, a faina diária principiava muito antes do nascer do sol. De véspera, à noitinha, colocava-se no carro o que os escravos haviam trazido

da roça naquele dia, reservando-se lugar apenas para o leite, ovos, frangos, frutas e hortaliças, recolhidas antemanhã, além do sabão, do melado e da rapadura, fabricados pelas mulheres da casa. Às cinco horas, no inverno, ou às quatro, no verão, rumava o carro para Campinas, onde tudo se vendia.

Antes do casamento, Maneco já montara, no mercado de Campinas, uma banca, onde começara a fazer seus negocinhos. Casado, o sogro concordou em ceder-lhe parte da produção do sítio, que se ia avolumando, para que êle sortisse melhor a sua banca. E, assim, tôda madrugada, com o cunhado e os acompanhantes habituais, um escravo de confiança e três moleques, levava Maneco, em lombo de burro, a parte que lhe cabia no trato com Francisco Gomes.

Quando, porém, em 1868, a mulher lhe confidenciou que estava novamente com esperanças, entrou a pensar mais sèriamente na vida. Viviam bem na "Boa Vista", nada lhes faltava. Mas, não podendo estar o dia todo à testa da banca, pois precisava também ajudar o sogro, Maneco sentia que assim deixava de ganhar dinheiro. E tantos tratos deu à bola que acabou achando melhor mudar-se para a cidade. Encontrara uma casa jeitosa na Rua de Baixo, perto da Matriz, pequena, mas com um forno grudado à cozinha e um quintal grande, onde poderia deixar o cavalo.

Deu parte do achado à mulher, que não hesitou. Estava pronta para acompanhá-lo. E o casalzinho acordou que, logo após a dieta do parto, se transferiria, com armas e bagagens, para a casa da Rua de Baixo.



Maneco preparara o seu ninho com meia dúzia de cadeiras rústicas, mesa de jantar, duas mesinhas, um guarda-louça e um armário de roupas. Mandara colocar prateleiras na cozinha e enche-las de mantimentos. Cobrira com sapé um rancho no quintal para o cavalo.

Vieram de véspera os cacarecos da “Boa Vista”.

E veio com o casal uma velha escrava, tida já como pessoa da família, a mãe preta Joaquina, que, tendo ajudado a criar os últimos filhos de Manoel José Gomes — o famoso Maneco Músico de Campinas — pai de Dona Marciana, fôra doada a esta por ocasião do seu casamento. Rezavam as crônicas familiares que, aos doze anos, por volta de 1815, na África, a futura mãe preta, fascinada por um xale de baeta vermelha com que lhe acenavam de bordo de um navio, embarcara para o Brasil. Após o desembarque, pertencera sucessivamente a três senhores, antes de ser vendida a Maneco Músico, num leilão em Campinas, no Largo da Matriz. Agora, volvidos mais de cinquenta

anos, recebeu de Francisco Gomes, cujos doze filhos criara, a carta de alforria, e acompanhou a sua Leopoldina a Campinas.

Dona Marciana não permitiu que a netinha deixasse o sítio. Era delicada de saúde e a avó contava com a ajuda das filhas, doidas pela sobrinha, para cuidarem da menina.

A casa em Campinas, de chão batido e telhava, compunha-se de uma sala, um corredor comprido para onde abriam dois quartos de dormir, uma boa cozinha e, ao lado, uma passagem externa que ia ter ao quintal dos fundos, aberto para a rua por uma porteirinha.

Assim, a família, que se compunha então do casal, do filhinho de meses e da mãe preta, encetou a grande aventura na cidade.

Passaram-se dias, semanas, meses. Maneco, que se desdobrava para pagar as dívidas contraídas na montagem da casa, começou a desesperar-se. Por mais que fizesse, o dinheiro não dava. Já havia vários meses que estavam em Campinas e mal conseguira amealhar trinta mil réis para pagar os móveis. Percebendo-lhe o desespero mudo, a mulher, solícita, a muito custo conseguiu fazê-lo falar. Ele contou-lhe a verdade. Matava-se para fazer dinheiro, e o dinheiro não chegava. Os negócios eram poucos e o pouco que davam sumia-se nas despesas obrigatórias do dia a dia. Entretanto, embora lhe doesse ver a mulher esfal-

far-se na lida da casa e não quisesse aumentar-lhe o trabalho, Maneco tivera uma idéia. No mercado passavam, tôdas as manhãs, bem cedinho, caipiras, tropeiros, forasteiros, que não encontravam nada quente para tomar. Se fôsse possível oferecer-lhes, diàriamente, café doce com broinhas de fubá, entre seis e nove da manhã, o lucro seria certo...

Não foi preciso dizer mais nada. Leopoldina encomendou duas dúzias de canecas a um latoeiro e, na manhã seguinte, mãe preta, de tabuleiro ao ombro, pela primeira vez, percorreu o trajeto que viria a repetir anos a fio, rumo ao mercado, levando o bule de café adoçado, feito na hora, com biscoitos e broas de fubá preparados de véspera. Cada caneca, com direito a uma broa, era vendida por dois vintens. E, das seis às nove, os tabuleiros iam e vinham, da casa para o mercado, do mercado para a casa, atendendo à freguesia, que, desta feita, não se fêz de rogada.

Cinco mses depois, embora estivessem pagos os móveis, o café com quitanda continuou firme na banca do Maneco. Com os lucros, Leopoldina pôde adquirir o que lhe faltava em casa: roupinhas para o filho, calçados, outros móveis que se faziam necessários, pagar a conta do médico, a farmácia, etc.



O antigo povoado de Campinas de Mato Grosso, entre Jundiá e Atibaia, cujos habitantes

somavam 357 em 1774, data da sua fundação, e que se chamara durante algum tempo, Vila de São Carlos, em homenagem a Sra. Dona Carlota Joaquina, espôsa D'El-Rei Dom João VI, e onde ensinara Francês, Português, Aritmética e Filosofia aos estudiosos da época o Padre Diogo Antônio Feijó, já era, a êsse tempo, a cidade de Campinas. A Rua de Baixo, a Rua do Meio e a Rua de Cima, que, durante muito tempo, haviam sido as ruas principais e quase únicas do lugar, eram cruzadas por outras, mais modernas, e entremeadas de praças. Contava a cidade 1.373 fogos, alguns prédios de valor, o Teatro São Carlos, elegante em suas linhas modernas e, na Praça José Bonifácio, a soberba Matriz nova, de linhas sóbrias e harmoniosas, concluída pelo jovem arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Em 1870, avaliava-se-lhe a população em 33.000 almas, das quais 10.000 residiam na zona urbana e 23.000 na zona rural. Dêsse total, 13.000 eram cidadãos livres e 20.000, escravos.

Considerada, já então, o mais abastado centro agrícola da província de São Paulo, Campinas possuía extensos cafesais, o primeiro dos quais fôra plantado na fazenda do Barão de Três Rios, Francisco de Souza Aranha, numa ocasião em que a cultura do café, reputado ramo de quitanda, era ostensivamente desprezado pelos poderosos senhores de engenhos, proprietários de imensos cana-

viais. Paulatina mas firmemente, a cana de açúcar fôra substituída pelo café e, já nessa época, o município de Campinas exportava 1.300.000 arrobas de café, conquanto produzisse ainda muita cana e alguns cereais.

Em 1872 chegava a Campinas a estrada de ferro de Jundiaí. Em 1875, instalava-se a Repartição dos Correios e Telégrafos. Campinas crescia em ritmo acelerado. Ao mesmo tempo, os seus homens de prol deixavam-se entusiasmar pelas duas idéias fundamentais que, então, agitavam o ambiente político do país: o Abolicionismo e a República. Dessarte, aos conservadores, monarquistas e escravocratas como o Major Antônio Francisco de Andrade, o Coronel José Franco de Andrade, o Tenente Antônio Francisco de Camargo, o Tenente-Coronel José de Barros Leite, o Major Joaquim Quirino dos Santos, Joaquim Antônio de Arruda, futuro Barão de Atibaia, opunham-se liberais, republicanos e abolicionistas, entre os quais se podem citar José Bonifácio do Amaral, depois Visconde de Indaiatuba, Joaquim Egídio de Souza Aranha, futuro Marquês de Três Rios, Francisco Egídio de Souza Aranha, Joaquim Ferreira Pen-teado, mais tarde Barão de Itatiba, o Capitão Francisco José de Camargo Andrade, Floriano de Campos e Cândido J. da Silva Serra.

Fundada em 1869, por José Maria Lisboa, a *Gazeta de Campinas* abraçou de pronto a causa

liberal e, em 1876, já sob a direção de Francisco Quirino dos Santos, passou a ser publicada diariamente.

Cabeça de comarca, Campinas teve logo seus primeiros advogados. Em 1869, já haviam instalado na cidade suas bancas de advocacia, além de outros, João Quirino, Francisco Quirino, Jorge Miranda, Francisco Glicério e Campos Sales. Deramara-se pela cidade o fermento do progresso, a febre das realizações. E sob o impulso dessa inteligência nova e dos novos ideais de progresso e liberdade, a antiga vila de São Carlos conheceu dias de intensa ebulição e extraordinário prestígio, sobretudo político. Transformada, pelo brilho dos seus talentos, em tribuna de combate, ninho da democracia, a ela acudiram, na sua cruzada de pregação republicana, Saldanha Marinho, José do Patrocínio, Quintino Bocaiuva, Ubaldino do Amaral e muitos outros.

Em 1875, com a inauguração da Estrada de Ferro Mogiana, os trilhos se lançaram para o interior, rumo ao sertão.

A festa inaugural teve a honra da presença de Suas Majestades Imperiais, fidalgamente recebidas e hospedadas no palacete do Comendador José Bonifácio do Amaral. No grande banquete que lhe foi oferecido, o Imperador viu sentados à sua mesa adversários irreductíveis, mas cuja personalidade e cuja eloquência, magnânimo como era,

deve ter sabido admirar: Quirino dos Santos, Campos Sales, Américo Brasiliense...



Em janeiro de 1871 nasceu o neto xaropim de Francisco Borges: mais um Chico na família; e, no ano seguinte, outro rebento do casal, a que Maneco deu o nome de Franklin, em homenagem ao grande norte-americano que inventara o pára-raios.

Os filhos de Maneco aumentavam em número e cresciam mais depressa do que os negócios. Êle puxava do bestunto, correndo de um lado para outro, ruminando, excogitando, procurando fazer dinheiro, mas a prosperidade franca e auspiciosa, a despeito dos primeiros progressos, ainda não lhe batera à porta.

Percebendo a situação, incansável no afã de ajudar o marido de qualquer maneira, Leopoldina principiou a preparar diàriamente, além do café doce com quitanda para o mercado, bandejas de guloseimas e biscoitos de polvilho, para vendê-los na cidade, entregues às freguesas, como sempre, pela mamãe preta.

Esta, porém, já pouco poderia ajudar. Com mais de setenta anos finou-se, mansamente, em 1873, vítima de uma pneumonia. Se bem continuasse levando, até cair de cama, o tabuleiro ao

mercado, já não era a mesma mamãe esperta e decidida de outros tempos.

O pesar de Leopoldina com o desaparecimento da bondosíssima criatura foi profundo e, daí por diante, as quitandas, pôsto não cessassem, foram feitas com duplicada dificuldade.

Entretanto, a morte da velhinha foi como um marco divisório na vida do casal. Premido pela necessidade e espicaçado pela ambição, Maneco se pôs a calcular. Entrou a fazer contas que não acabavam nunca, mas que o acabaram persuadindo a abandonar o mercado e a abrir um armazém de secos e molhados, na rua onde moravam. Cresciam as despesas, é claro, mas com o progresso pasmoso de Campinas, eram bem maiores as perspectivas de lucro. Armou-se de coragem e deu o passo decisivo. A sorte ajudou-o.

Dois anos depois, mudava-se com a família para uma casa maior, forrada e assoalhada, com enorme quintal nos fundos, onde nasceram: Cassiano, em 1875 e Marcílio, em 1877. Seis filhos, por enquanto.

INFÂNCIA

Aos cinco anos, Octavio era uma criança dócil e tranqüila, precoce, porém pouco expansiva, metida consigo mesma. Aos folguedos comuns da petizada da sua idade, preferia brincar sòzinho; deitado de bruços no chão, ora tagarelando interminavelmente, ora trauteando qualquer coisa, cortava papel com uma tesoura cega que a mãe lhe fornecia com mil e uma recomendações, rabiscava-o com carvão da cozinha, desenhava garatujas, que só êle compreendia, distraia-se e bastava-se.

Dois anos mais nôvo, o Chico era a sua antítese perfeita. Da pele do diabo, não respeitava as predileções do irmão mais velho. Vivia a arreliá-lo, dava-lhe sumiço aos tesouros cortados ou desenhados, rasgava-os, escondia-os, atucanando-o interminavelmente. Disso resultavam rixas e choradeiras a três por dois, que Leopoldina vinha apartar, apelando para os brios do filho mais velho, embora nem sempre fôsse bem sucedida.

À companhia do Chico, Octavio preferia a do irmãozinho menor, de ano e meio de idade. Tomava conta dêle, distraía-o com paciência e trejeitos de gente grande. Octavio e Franklin ha-

viam herdado o temperamento materno e por isso se entendiam melhor.



Anos havia que Maneco cerrara fileiras em tórno dos republicanos e abolicionistas, auxiliando-os como podia. Enquanto trabalhara no mercado, ganhando pouco, sem poder, às vêzes, acudir às necessidades mais prementes da família, a sua ajuda limitara-se à propaganda. E tôda vez que a freguesia lhe dava uma folga, montava a cavalo e percorria os sítios e fazendas dos arredores, à cata de prosélitos, num trabalho insano de catequização, empolgado pelas idéias novas, que já fermentavam em todos os centros mais cultos do país.

Entretanto, depois que montara o armazém, trabalhava com maior desafôgo e a vida lhe corria mansa, com prenúncios de fartura, entrou a contribuir também com dinheiro. Dava pela causa o que podia e, não raro, mais do que podia. E quando Leopoldina lhe censurava os gastos com a política, deixando as crianças de sapatos furados e roupas remendadas, êle calava-a com um argumento irrespondível:

— Você não entende disso, mulher, é melhor não se meter.



Aos oito anos, Marcinha começou a freqüentar a escola. Octavio e Chiquinho foram matriculados no Externato Ghirlanda, propriedade de Ma-laquias Ghirlanda, onde fizeram o curso primário. O estabelecimento era bom, os mestres competentes, a freqüência excelente, mas o diretor, o *seu* Ghirlanda — terror da gurizada — mantinha rígida a disciplina, convicto de que severidade era sinônimo de vara de marmelo. Uma vara de marmelo com bola de cêra na ponta, que, nas suas mãos destras, vivia ricocheteando na cabeça dos alunos travessos ou atrapalhados com a lição. E quando o caso aumentava de gravidade, não duvidava em aplicar a palmatória, a clássica Santa Luzia de cinco olhos. Aos sábados, repassavam-se as lições, sobretudo a taboada, cantada ao som dos bolos, generosamente distribuídos entre os que erravam ou mesmo hesitavam nas respostas. “Letra com sangue entra”, dizia entre si o velho Ghirlanda, convicto de que não havia, nem poderia haver, melhor e mais rápido sistema de educação.

Se alguém lhe dissesse, então, que cinquenta anos antes havia morrido um homem chamado Pestalozzi e, trinta anos depois, falecera outro homem chamado Froebel, que haviam revolucionado os métodos educativos e conseguido educar milhares de crianças sem recorrer aos préstimos da palmatória, é de crer-se que o velho Ghirlanda tivesse aboticado dois olhos incrédulos e cuidado que o interlocutor quisesse mangar com êle.

Como quer que fôsse, as mãos palmatoadas não tardavam a voltar ao natural, se bem o cérebro, nem por isso, se houvesse clareado mais. E a criançada, já esquecida dos bolos, volvia aos folguedos. As tendências dos pais refletiam-se, forçosamente, nos filhos. Os alunos do externato Ghirlanda, o mais velho dos quais não teria dez anos, logo se dividiram em duas turmas: a republicana e a monarquista. Octavio e Chiquinho formaram, é claro, com a primeira. E havia confrontos diários entre os partidos, para se descobrir qual dêles levava vantagem. No início da aula, como de hábito, o professor fazia a chamada. Os monarquistas respondiam *Presente!* e os republicanos, *Pronto!* Bastava, então, cotejar o número de *presentes* com o de *prontos* para saber-se quem estava por cima. E as defecções, traições e mudanças de partido eram sempre causa de brigas em que, na rua, se engalfinhavam os mais destemidos ou menos pacientes. Dessas refregas diárias, à saída da escola, resultou tamanha quantidade de galos e brechas na testa, arranhões, escoriações e contusões nas pernas, nos braços e no corpo todo, que os professores se viram obrigados a tomar providências para prevenir os pegas na rua.

Tornou-se famoso o gesto de um dos chefes da turma republicana. De uma feita, no auge do entusiasmo cívico, furou, com a pena, uma veia

do braço e conseguiu rabiscar num pedaço de papel, com o próprio sangue, um “Viva a República”, que impressionou profundamente os adversários.



Octavio fez rápidos progressos no Externato Ghirlanda. Aprendeu logo a ler e a escrever e, já no fim do primeiro ano, recebeu, à guisa de prêmio, “Um herói de quinze anos”, de Júlio Verne.

Para uma criança com o seu temperamento, introvertida e ensimesmada, a leitura do extraordinário escritor descerrou um mundo, talvez insuspeitado, de maravilhas sem par. O menino leu-o, releu-o e tresleu-o vêzes sem conta, deslumbrado, fascinado pelos novos horizontes que principiavam a desvelar-se-lhe aos olhos atônitos. Sentia que, pela primeira vez, alguma coisa respondia aos anseios ainda vagos, indefinidos, mas pujante, de sua almazinha abrasada de curiosidade.

Apesar de todos os cuidados, o livro já principiava a soltar as folhas, quando êle teve uma idéia luminosa. Outros colegas também haviam ganho livros, naquele ou em anos anteriores, e talvez consentissem em emprestá-los. Se bem o pensou, melhor o fez. Pouco depois, viu-se a ler, com a mesma sofreguidão, o mesmo prazer indescritível, outros romances de Júlio Verne, as fábulas de Esopo, poesias, enfim, quanto lhe caísse nas mãos.

E, terminada a leitura, o menino abria a devanear, com o livro entre as pernas escalavradas, pensando no que lera, rememorando-o, revivendo-lhe os lances mais emocionantes, sentindo-se na pele dos seus heróis...

Dotada da prodigiosa memória dos iletrados, Leopoldina contava-lhe histórias, casos e mais casos, reminiscências da infância humilde e apagada; fatos ocorridos com escravos, as poucas viagens que fizera, e a criança pendia, extática, dos lábios maternos.

Aproximava-se da mãe com carinho e confiança; da mãe que nunca lhe batera, da mãe que sempre o tratara com ternura e desvêlo e que êle, às vêzes, surpreendia a fitá-lo muda e longamente...



O guri, todavia, não era santo. Reparava nos colegas abastados, que brincavam no recreio com enormes bolas de borracha, cordas especiais, que traziam consigo, e tôda a sorte de brinquedos, que lhe provocavam cócegas de inveja. Um belo dia, surgiu a moda dos bilboquês. E sucediam-se as disputas, apostas, competições, que enchiam o pátio, entre as aulas, com a vozeada das crianças. Fascinado pelo jôgo, mas não podendo comprar um brinquedo para si e altivo demais para pedi-lo emprestado, que todos pertenciam aos monarquís-

tas, Octavio observava-os de longe, certo de que lhe seria fácilimo fazer todos aquêles movimentos e vencer os mais hábeis competidores.

Convidada para batizar o filho de uma amiga, Leopoldina costurou para o afilhado uma camisola e, para si, um vestido nôvo. Entretanto, como não se julgasse elegante com êle, mandou Octavio à “Loja do Sol” indagar do preço de uma mantilha de confissão, para completar a indumentária.

O garoto saiu correndo e voltou com a informação: a mantilha custava 11\$000.

— Volte lá, filho, e peça ao *seu* José que deixe por dez, — volveu a mãe, entregando-lhe uma nota de dez mil réis e outra de dez tostões.

O pirralho tornou a sair e não demorou a trazer a mantilha.

— *Seu* José mandou dizer que não pode deixar por menos.

— Então, paciência, — resignou-se Leopoldina.

Meia hora depois, ouvia os gritos eufóricos do filho. Intrigada, foi à porta da cozinha e deu com êle brincando no quintal com um bilboquê, cercado pelos irmãos, que lhe apreciavam, extáticos, a desenvoltura.

— Onde achou êsse jôgo, Octavio? — perguntou, desconfiada.

— Foi... foi um amigo, mamãe. Um... amigo me deu, — respondeu o menino, corado até a raiz dos cabelos.

— Venha cá. Como se chama o seu amigo?

Octavio, escarlate, não respondeu.

— Vamos, diga!

— Chama-se... Joa... Joaquim, — gaguejou o menino.

— Joaquim do quê?

Nôvo silêncio, desta feita mais do que acusatório.

— Joaquim, não é? Já percebi como foi a coisa. *Seu* José deixou a mantilha pelos 10\$000 e você, com o trôco, comprou o bilboquê. E agora está mentindo. Mentiu duas vêzes: primeiro quando disse que o *seu* José não podia fazer abatimento e, depois, quando inventou êsse nome.

O sangue que, segundos antes lhe afluira todo ao rosto, deixou-o com a mesma rapidez. E Octavio, lívido, fitava os olhos no chão enquanto o lábio inferior principiava a tremer-lhe.

— Se eu contar a seu pai, êle lhe dará uma coça. Não vou contar, mas você vai-me prometer, vai-me jurar, que nunca mais mentirá para sua mãe, nem para ninguém. Promete? Jura?

— Prometo, mamãe! Juro! — gaguejou Octavio, com a voz embargada pelos soluços, estendendo-lhe o bilboquê, que para êle já perdera tôda a graça.



Marcílio nascera doentio. Criança mimosa e galante, aos quinze meses de idade já falava e engatinhava, mas tinha intestinos fracos e sofria de total inapetência. Debilitada pelos partos sucessivos, Leopoldina precisara desmamá-lo cedo e experimentara criá-lo com leite de vaca, depois com leite de égua e de cabra, mas sem melhoras palpáveis.

Cassiano estava com coqueluche e, por mais que a mãe procurasse separá-los, a criancinha contagiou-se. Tossia de causar dó e acabou acometida de bronquite.

Uma noite, os gritos do petiz despertaram a mãe. Ela acudiu-lhe, tomou-o ao colo. Marcílio ardia em febre, contorcia-se em dores. Chamado o médico, êste receitou um purgante, que o pequeno vomitou. Seguiram-se convulsões, que exauriram as poucas fôrças da criança, intercaladas de breves períodos de prostração. A pouco e pouco, cessaram os gritos, transformados em gemidos surdos, abafados. Feições contraídas, olhos esgazeados a tosse não lhe dava tréguas e, quando sobrevinham os acessos, Marcílio quase perdia o fôlego. Não conseguia engolir o quer que fôsse, e vomitava sem parar. Passou-se outra noite. E o menino a piorar, cada vez mais, os gemidos sempre mais tênues, até que, à tarde do terceiro dia, expirou no colo de Leopoldina.

O marido ausentara-se e ela levou muito tempo para convencer-se de que o filho deixara de existir. Passeava pelo quarto, ninando o pequenino cadáver. Foi preciso que sua mãe lho repetisse muitas vezes, e a custo a fizesse compreender, que o filhinho já não era dêste mundo.

Não, não era possível, não era possível... O seu Marcílio...

— Por quê me mandou meu filho, Senhor, se queria arrancá-lo de meus braços tão pequeno ainda? — arquejava, desvairada.

— Mamãe!... Mamãe! Que aconteceu? — acudiu Octavio, assomando à porta.

— Marcílio morreu, Octavio, Marcílio morreu... Acaba de morrer... — soluçou Leopoldina.

— Marcílio morreu? Morreu e vai-se embora? Para onde?

— Vai-se embora para o céu.

— Êle vai para o cemitério, não é? Marcílio não volta mais, nunca mais, para brincar com a gente?

— Não, não volta... nunca mais.

Maneco chegou da rua, engoliu um soluço ao inteirar-se do fato consumado e saiu de nôvo, para encomendar o caixãozinho e o entêrro. Voltou algumas horas depois. Ajudou a mulher a vestir o pequerrucho e a colocá-lo no esquife de pinho.

Silenciou a casa, apagaram-se as luzes. Em cima da mesa de jantar, o caixãozinho só tinha a alumia-lo dois círios muito altos, que projetavam uma luz dúbia, sinistra.

Leopoldina despedia-se do filhinho, do seu Marcílio. Êle iria conhecer, desvendar, antes dela, o segrêdo das trevas eternas, o mistério da morte, do além... Não, não era crível, não era justo que ela, que lhe dera a vida de suas entranhas, tivesse agora de enterrá-lo... Não era justo, ela não podia aceitar...

— Meu Deus, eu lhe peço, dê-me de volta o meu filho!

O corpinho, que ainda há pouco ardia em febre, já esfriara... principiara a endurecer, ficaria rijo, têso e gelado. Marcílio nunca mais lhe estenderia os braços, à procura do ninho de um modo todo seu, chamando-a, sorrindo-lhe, acariciando-a como só êle o sabia fazer, enfiando-lhe os dedinhos pela bôca e pelo nariz... Nunca mais lhe chamaria mamãe...

Súbito, um ruído fê-la estremecer, levantar a cabeça e olhar à volta. Estava só. Mas, do fundo do corredor, como que a mêdo, um vultozinho branco se aproximava. Caminhava lentamente... hesitava... parava... continuava...

Era Octavio!

O menino agarrou-se, trêmulo, às saias da mãe e implorou-lhe:

— Mamãe, não posso dormir, não sei por quê. Vosmecê dá licença para eu ficar aqui um pouco, juntinho dêle?

Um soluço estrangulou a garganta de Leopoldina, que se aferrou ao menino de nove anos.

Octavio também não pudera conciliar o sono, não conseguira dormir sem primeiro despedir-se de Marcílio, que partiria dali a pouco, para nunca mais voltar.

E ali ficaram ambos, mãe e filho, abraçados, até que se consumissem as velas e raiasse o dia, até que os outros acordassem, chorando, para velar o defuntinho.

ADOLESCÊNCIA

Oferecidas à tarde, pela escrava Sabina, em grandes tabuleiros, as quitandas de Leopoldina eram variadas e apetecidas pela freguesia. Conforme a época do ano viam-se nêles: curau e pamonha de milho verde, sequilhos, broinhas de fubá, alfenins, cocadas brancas e mulatinhas, pés-de-moque, suspiros, doces de abóbora, batata roxa, fios de ovos.

E conforme a época do ano, os quitutes variavam. Por ocasião dos festejos do Carnaval, ela chegou a descobrir um nôvo meio de auxiliar o marido nas despesas da casa. Alastrara-se pela cidade a moda do jôgo de entrudo. Compreendendo a oportunidade que se lhe oferecia, Leopoldina encomendou forminhas de madeira e executou com cêra centenas de laranjinhas. Enchia-as de água de cheiro e mandava oferecê-las na rua, nos três dias de folgança. A idéia foi tão feliz que a indústria prosseguiu, sempre próspera, durante anos a fio.

Com essas e outras providências, a que não eram alheias a extraordinária atividade de Maneco, os negócios conheceram uma fase bem melhor. Melhoraram tanto que Maneco se abalou a comprar uma boa casa. Escolheu uma esplên-

dida, com jardim e horta, à rua do Caracol — hoje Benjamim Constant — e para lá se mudou com a família. Meses depois, surgia na casa um piano de mesa. Maneco tratou um mestre e pôs-se a batucar no instrumento durante vinte minutos todos os dias. Mas logo se impacientava e deixava a sala, frenético, a ponto de explodir. Para animá-lo, o professor trouxe-lhe uma polca de presente. A princípio, o estratagema deu certo. Em vez dos vinte minutos, êle obrigou-se a meia hora de exercícios diários. Mas os dedos rijos não lhe obedeciam, ferindo teclas que não constavam do papel. As notas já eram um suplício e o compasso, uma calamidade.

Marcinha espreitava-o, escondida a um canto da sala. De repente, como acontecia quase sempre, o pai se levanta e fecha o piano com violência.

— Papai, se Vosmecê deixasse, eu mostrava como é.

— Mostrava?! — espanta-se Maneco. — Mas você nem sabe o que é um piano.

— Sei, sim. A escola tem um e as alunas estudam. Eu fico ouvindo e aprendi essa música.

— Aprendeu esta música? Esta? Mas, como?

— Quando elas acabam a lição eu fico lá, sento no piano e estudo um pouquinho.

— Venha então tocar esta polca, — ordena Maneco, assombrado.

A criança obedece e o pai, boquiaberto, ouve-a tocar a música inteirinha.

— É... é isso mesmo... Você sabe, sim... Tem os dedos leves e mais jeito do que eu... É isso mesmo... Pois, daqui por diante, as aulas serão para você, ouviu? Não serão mais para mim, que já tenho as mãos endurecidas de tanto trabalhar. Piano é para mulher, não é para homem.



Dona Marciana Gomes Martins da Cunha viera de Piracicaba, onde então residia, para cuidar da filha, Leopoldina, que se achava de cama, com complicações de parto, após o nascimento de Odila. Essa netinha, de fundos olhos negros, doces como os da mãe, já lhe sabia sorrir, com quinze dias de vida.

Batem à porta, uma tarde, e Octavio vai ver quem é. Dona Marciana ouve passos apressados... Encaminha-se para frente da casa.

— Mano Tônico! — balbucia, entre surpresa e comovida.

— Mana Marciana! responde o recém-chegado, abrindo os braços e estreitando-a ao peito. Choravam ambos, no meio da comoção geral. Haviam sido inseparáveis, confidentes um do outro, e caro lhes custara a separação, que já se prolongava havia alguns anos.

De grande estatura e já grisalho, a basta cabeleira ondeada penteada para trás, apesar da glória que conquistara com suas óperas na Itália, Antonio Carlos Gomes estava magro e abatido. Contou à irmã notícias da mulher e de sua pouca saúde. Falou do filhinho Mário, seu predileto, que morrera criança. Da granja que adquirira em Maggiano, nas imediações do Lago de Leco, onde contava poder sonhar tranqüilamente e compor com paz de espírito a música de "O Escravo".

Narrou-lhe, por miúdo, as desilusões e prejuízos que tivera com editôres judeus, sucessos e reveses de tôda a sorte. As calúnias de que era vítima em sua própria terra. Propalavam, entre outras infâmias, que êle se naturalizara italiano. Êle, que sempre timbrara, orgulhoso, de ser brasileiro, querendo que todo o mundo lhe chamasse apenas o "Tonico de Campinas". Seus olhos ainda cintilavam, mas já sem a alegria e confiança de outros tempos.

Dona Marciana, por sua vez, narrou-lhe a sua vida singela de provinciana, e apresentou-lhe os netos, seu enlêvo na velhice.

— Ninguém aqui estuda música? — indagou Carlos Gomes.

— Marcinha toca um pouco de piano.

— Pois vá tocar, minha filha, para o tio Tonico ouvir.

A menina sentou-se ao piano, rubra de contentamento, e executou quanto sabia. O grande músico prestou atenção, fê-la repetir uma valsa e entusiasmou-se:

— Muito bem, muito bem! Com quem é que ela aprende?

— Com Nhá Quina, sua irmã, — explicou Maneco.

— Ah, essa não serve! A diabinha tem talento, e precisa de um bom mestre, que a faça mais tarde uma pianista de truz!

Foi êsse o derradeiro encontro dos dois irmãos. Quando Carlos Gomes tornou ao Brasil em 1889, Dona Marciana já havia falecido.

Um *bom mestre* de piano era o que ainda não havia em Campinas, àquele tempo. Mas Maneco, envaidecido com a opinião do grande compositor, não teve descanso enquanto não logrou confiar, em 83, os estudos de Marcinha a Luís de Pádua, aluno de Artur Napoleão.



O Colégio “Culto à Ciência”, ideado por um grupo de campineiros progressistas, estreou-se em prédio adrede construído, na chácara do Tenente Antonio Rodrigues de Almeida, à rua Alegre — hoje Culto à Ciência. Começou a funcionar em janeiro de 1873, sob os auspícios dos maiores da

terra e viveu anos ilustres, tendo prestado benefícios inapreciáveis à mocidade paulista.

Foram seus primeiros alunos Júlio de Mesquita, Antonio de Pádua Sales, Olavo Egídio de Souza Aranha, Joaquim Álvaro de S. Camargo, José de Campos Novaes, Antônio da Costa Carvalho, Inácio Queiroz de Lacerda, Carlos Sales, Luís Campos Sales, Eduardo Pompeo. Matricularam-se depois Cincinato Braga, Alberto Santos Dumont (o aeronauta), João B. Corrêa Nery (primeiro Bispo de Campinas), Antonio Lôbo, Adriano de Barros, Manuel Saturnino de Moraes, e muitos outros.

Fizeram parte do corpo docente Antonio da Silva Martins, o Dr. Carlos de Souza Lima, Amador Florence, Simão Filidori, Freitas Ribeiro, o notável educador João Kopke, o filólogo e escritor Júlio Ribeiro, Antonio Mercado, o Dr. João Arruda, Henrique de Barcelos e outros grandes mestres, que muito exaltaram o nome dessa casa de ensino, irradiando-lhe extensamente a fama e atraindo estudantes de toda a província.

Era manifesto que, num estabelecimento dessa ordem e na terra que se ufana de ter sido berço de Carlos Gomes, recebesse a música um carinho todo especial. Organizou-se uma banda, sob a direção de Azarias Dias de Mello e nela tomavam parte os alunos de bom ouvido e tendências musicais. O grupo, que se exibiu em público algu-

mas vêzes, com agrado e aplausos da assistência, mereceu elogios do maestro Santana Gomes.

A arte do teatro ali também se cultivou. Outro grupo de estudantes dava representações em pequeno palco improvisado no salão do edifício. As récitas atraíam espectadores e enchiam a platéia. Diversas foram as peças levadas à cena, destacando-se entre elas "Tipos da Atualidade", de França Júnior, que logrou êxito colossal.

Nela tomavam parte João Nery, no papel do Barão de Cotia; Cincinato Braga, no de Dona Mariquinhas; José Lôbo, no de Dona Ana de Lemos; Manuel Saturnino, no de Gasparino e outros.

Vem a talho de foice relembrar um episódio, ocorrido cêrca de quarenta anos depois, referido por Leopoldo Amaral em suas "Recordações".

"Estava em Campinas, a passeio, o Dr. Cincinato Braga, eminente político e deputado federal por São Paulo. Ocupava o sólio episcopal da diocese Dom João Batista Corrêa Nery, conde romano e assistente ao sólio pontifício. Cincinato Braga foi ao palácio de S. Excia. Revma., a fim de abraçar o antigo colega e amigo.

"No vestíbulo, todavia, declarou-lhe o porteiro que S. Excia. se achava ocupado, não podia recebê-lo... O ilustre político teve logo uma idéia original: tirou da algibeira

um cartão de visitas e nêle escreveu a lápis umas palavras, entregando-o ao porteiro, para que o fizesse chegar às mãos do venerando prelado.

“Pouco depois se abria o reposteiro, surgindo o sacerdote. Sorria satisfeito, trazendo o cartão entre os dedos.

“— Meu caro Cincinato! Que agradável surpresa! — exclamou. — Reconheci-o pelos dizeres do cartão — e abraçaram-se afetuosamente, entrando em palestra sôbre os tempos idos.

“As palavras rabiscadas tinham sido: *Dona Mariquinhas visita o Exmo. Sr. Barão da Cotia*”.



Em 1881, Octavio ganhou calças compridas e entrou para o “Culto à Ciência”, a fim de fazer os estudos secundários.

Era um menino sadio de 11 anos, espadaúdo, já com 1,60 m de altura, fundos olhos penetrantes, traços fortes, queixo voluntarioso, cabelos negros, magnífica dentadura.

Às correrias e brincadeiras próprias da idade, continuava preferindo as leituras e, de volta das aulas, metia-se em casa, a ler e estudar. Uma robusta memória muito o auxiliava. Descobriu a

biblioteca do colégio, franqueada aos alunos, e tornou-se seu freqüentador assíduo, quando a mãe não o ocupava com recados ou pagamentos a fazer.

Pouco sabia de francês e muitas obras que enfeitavam as estantes envernizadas eram escritas nessa língua. Não importava. Aprendê-la e dominá-la, pensava, seria coisa de somenos. Já era então insaciável a sua ânsia de conhecimentos.

Mas enquanto não aprendia francês, decorava os poemas de Gonçalves Dias, os versos de Castro Alves, e recitava-os baixinho, para si, absorto em devaneios.

Entretanto, à maneira que manuseava gramáticas e estudos de literaturas portuguesa, francesa e latina, compêndios de História e Geografia, foram-se-lhe dilatando os horizontes e Octavio, já nessa época, imaginou-se estudante de Direito.

Sim, terminando o "Culto à Ciência", ir para São Paulo, subir a *montanha sagrada*, freqüentar a célebre Academia e, ao cabo de cinco anos, receber o diploma de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais!

Auscultou-se demoradamente, observou-se, analisou, consciencioso, as íntimas preferências. Desadorava as ciências exatas. Aborrecia aritmética, a geometria e tudo que lhes dissesse respeito, tanto de longe quanto de perto. Sim, eram as letras, tôdas as letras, sua vocação.

O estudo do Direito lhe proporcionaria as bases para melhor apreender e assimilar a História, a Literatura, tôdas as manifestações da inteligência e da arte humanas. Mas como conseguiu-lo? Como falar com o pai, que vivia a fazer contas, a somar e a multiplicar, sempre a trovejar, a relutar, a vociferar contra as despesas mais indispensáveis?

Sonho irrealizável, na certa. Talvez fôsse preferível sufocá-lo... Dominá-lo em secreto, antes que o descobrissem, e acabar por esquecê-lo. Talvez...



Tentou-o sinceramente uma semana. Depois, não se contendo, armou-se de coragem e confidenciou à mãe o sonho que o obcecava. Leopoldina ouviu-o, olhos rasos d'água de justo envaidecimento.

A ela, que jamais freqüentara escolas, que mal aprendera a ler com os irmãos, seria dado um filho doutor! Haveria de convencer Maneco a custear-lhe os estudos em São Paulo, fôsse pelo preço que fôsse. Trabalharia dobrado... E, num dado momento em que viu o marido bem disposto, deu-lhe conta das aspirações que Octavio alimentava e lhe confiara.

Maneco pigarreou, resmoneou, mas não articulou palavra. Lisonjeavam-no ainda mais do que à mulher as inclinações do filho, mas não queria dar o braço a torcer. Pelos modos, não pareceu

aceitar o alvitre. Pretextou dificuldades financeiras, os gastos extraordinários que teria com viagens, livros, matrículas, longas estadas em São Paulo.

Eram as despesas a pedra no sapato, os entraves maiores que contrariavam a idéia tentadora.

Mas, em fins de 1882, Octavio veio a saber que estava autorizado pelo pai a preparar-se para os exames de madureza, em fevereiro do ano seguinte, no "Curso Anexo" da Academia de São Paulo. Exames de línguas. Mal acreditando no que ouvia, logo se munuiu dos estatutos e passou a estudar afincadamente os pontos relacionados de latim e português. Em janeiro do ano seguinte anunciou ao pai que tinha preparadas as duas matérias.

— Não lhe pagarei a viagem só para dois exames, — revidou Maneco. — Era o que faltava! Se ao menos fôsem três! Desista, que não tenho dinheiro para jogar fora.

Por essa não esperava o menino. Que faria agora? Estudava francês havia dois anos, no "Culto à Ciência", mas só conhecia os rudimentos desse idioma e dali a quinze dias se encerrariam as matrículas no Curso Anexo.

Socorreu-se de Marcinha, já mais adiantada, e ambos, destemidos, meteram mãos à obra. Antemanhã, dicionário em punho, Octavio traduzia trechos e mais trechos do *Itinéraire de Paris à*

Jérusalem e de *Les Martyrs*, de Chateaubriand, que havia em casa. Decorou os verbos auxiliares, uma série de verbos irregulares, estudou ferozmente a gramática, leu em voz alta para melhorar a pronúncia, aprendeu de memória extenso vocabulário. Pôde, então, inscrever-se em três exames e embarcar para São Paulo. À partida, Maneco entregou-lhe uma nota de 100\$000, recomendando-lhe:

— Isto dará de sobra para tudo, ouviu? Volte com o trôco.

Octavio ficou dois meses em São Paulo e hospedou-se em casa de um amigo da família, à Rua São José — Líbero Badaró —, à qual pagou pela pensão modesta quantia.

Freqüentou o Curso Anexo — o “Curral dos Bichos”, como lhe chamavam e passou nos exames com um *plenamente* em cada um, até no de francês.

Sua alegria foi tamanha que, estando no Carnaval, deixou-se ficar mais três dias na Capital. Garantiu a passagem de volta e divertiu-se à grande pelas ruas do Triângulo.

Na quarta-feira de cinzas estava em Campinas. Chegou a casa às duas horas da tarde, hora do jantar. Entrou lampeiro, sorridente, olhos iluminados a denunciarem o seu triunfo mas, antes que pudesse abrir a bôca, articular uma sílaba, o pai, sentado na cadeira de balanço, interpelou-o:

— Onde está o trôco do dinheiro que lhe entreguei?

— Eu não trouxe trôco, papai, — balbuciou o menino, atônito.

— Não trouxe trôco! Pois se eu fiz as contas com você, *seu patife!* Devia restituir-me pelo menos 12\$000! — voltou Maneco, com sobrecenho.

— É que... é que... eu... eu os gastei, papai.

— Gastou? Você os gastou? Gastou, como? Vamos, responda!

— Gastei... no Carnaval... com laranjinhas...

— Ah... Gastou no Carnaval! — vociferou Maneco. — Muito bem! Está muito bem! Você é das Arábias! Pois vai gastar agora na pele muito mais do que gastou no Carnaval!

Levantou-se furioso, puxou do chicote que trazia consigo, agarrou o filho pelo paletó e pôs-se a zurriz-lo com tôda a energia dos braços de ferro.

Leopoldina acudiu, revoltada.

— Largue o meu filho, Maneco! Largue já! — gritava, tentando separá-los à força.

— Saia de perto, mulher, saia de perto! Quero ensinar a êste beldroegas o quanto custa esbanjar dinheiro! Saia daqui que posso acertar em você também.

— Mamãe, venha embora, mamãe! — choravam as crianças, estarrecidas, agarradas às suas saias.

Mas Leopoldina não obedeceu, sempre mais apertada ao filho, e acabou levando também algumas lambadas.

Caindo em si, apalermado com a brutalidade que praticara, Maneco atirou longe o chicote e saiu de casa batendo a porta.

Octavio não derramara uma lágrima. Branco como cêra, arquejava, apertando os lábios para não gritar. Arrastou-se até o quarto de dormir, onde a mãe foi encontrá-lo, ainda tenso, trêmulo, olhos esgazeados de revolta ante a violência que sofrera e não compreendia.

— Octavio, sei que você passou, não passou?
— perguntou, com doçura.

— Passei, mamãe, — gaguejou o menino.

— Com boas notas?

— Três plenamentos.

— Tenha paciência, filho, acalme-se. Seu pai é assim mesmo. Os negócios não vão bem, êle gasta com política o que não tem e vive atordoadado com as despesas de casa. Faz questão de meia pataca. Olhe para a frente, olhe só para a frente, e esqueça o que aconteceu. Sua liberdade está perto, seu futuro é grande, bonito e tão claro! Daqui a pouco você estará livre disto tudo, estudando sossegado, na Academia de São Paulo, trabalhando para o seu sustento, já não precisará do dinheiro dêle. Tenha paciência, tenha coragem,

faça por esquecer, que eu lhe garanto que a cena de hoje não se repetirá.



Maneco só reapareceu na manhã seguinte. O que disse à mulher só ela ouviu e jamais contou a ninguém. O que ouviu dela também ficou em sigilo. Mas o fato é que o marido durante três meses consecutivos, nem ralhou com os filhos.

Em fins de 1883, Octavio voltou a São Paulo para fazer outras provas no Curso Anexo. Seria examinado, dessa feita, em Geografia, História e Aritmética. Tinha acentuada predileção por História Geral e contava certo com uma *distinção* nessa disciplina. Em virtude da sua inexperiência, todavia, foi êsse o único exame em que logrou aprovação com nota baixa. No exame escrito, conhecedor que era da matéria, estendeu-se em demasia, o tempo se esgotou antes que êle o terminasse. E se bem fizesse brilhante prova oral, não escapou ao *simplesmente*.

De volta a Campinas, esperava-o uma surpresa, coisa inaudita. Alinhados na estante do quarto, viu os vinte volumes da *História Universal* de Cesar Cantu, obra pela qual havia muito suspirava.

Presente do pai. Emocionado, compreendendo, Octavio foi procurá-lo, e Maneco leu-lhe nos

olhos agradecidos que a mágoa do filho, antiga de dez meses, se dissipara totalmente.

De gênio forte, irascível, por vêzes intratável, Maneco Mendes era, contudo, bom chefe de família. Queria bem aos filhos e à mulher. Mas inspirava aos primeiros um grande temor, que nunca se apagou de todo.

Gastava demais com a propaganda republicana, muito mais do que podia. De uma feita, concorrera com 200\$000 — soma que sustentaria a família por mais de um mês — para completar uma lista de donativos que visava a intensificar o movimento, e responsabilizava as despesas da casa pelos seus apertos financeiros.

— Toma emprestado de um amigo, ué! Você tem tantos conhecidos ricos! — lembrou Leopoldina uma vez.

— Isso, nunca! — atalhou Maneco, veemente. — Dinheiro que não é meu, na minha mão, féde!

Era verdade. Altivo e independente ao extremo, jamais soube dever a quem quer que fôsse e, como a companheira o ajudasse de mil modos, a vida lhe correu com altos e baixos, mas sempre sem maiores compromissos, até o fim.

Definir a personalidade de Leopoldina já é mais difícil. Reservada, introvertida, não se expandia. Observava atentamente os filhos, as tendências peculiares e os dotes naturais de cada um,

acompanhando-lhes as reações e maneiras de proceder. A cada qual tratava de modo diferente, já com conselhos e advertências, já severa e grave, já concisa, às vezes galhofeira, mas sempre terna, clarividente, afável. Nunca lhes bateu, nunca os maltratou.

Compreensiva, sabia desculpar-lhes os pequenos defeitos, que procurava atenuar, corrigindo-os pela doçura e pelo exemplo. Era-lhe, contudo, impossível perdoar a falsidade ou a preguiça, faltas odiosas ao seu caráter profundamente leal e combativo.

Inteligência lúcida, conquanto inculta, dela se serviu muitas vezes para elucidar algum ponto menos claro aos olhos dos filhos. Não educá-los, só empregou bondade e carinho, mostrando-lhes o caminho da verdade e da retidão, desejosa de fazer deles todos *gente de bem*, cidadãos úteis e prestantes. Mercê de sua brandura e calma inalteráveis e de sua extraordinária autoridade moral, fazia-se obedecer com os olhos e lograva demover o marido de decisões menos acertadas, quer em relação aos filhos, quer em relação a êle mesmo.

Jamais pensou em si, nunca teve vaidades nem caprichos. Como a mulher forte do Evangelho, foi sempre em sua casa o esteio real, o centro de gravidade, a palavra ouvida e acatada em última instância.

Eis por quê, se bem respeitado e querido, Maneco foi julgado pelos filhos quando êstes cresceram. Leopoldina, porém, foi sempre venerada. Nunca sentiu sua ascendência diminuída e filho nenhum deixou de acatar-lhe as opiniões, enquanto ela foi viva.

Alimentavam ambos o mesmo ideal em relação à prole: o de dar-lhe instrução sólida para que encontrasse, na luta pela vida, o campo aberto às respectivas inteligências e capacidades, vantagem essa de que ambos tinham sido privados, mas cujo valor reconheciam à saciedade. Por sua vontade, todos teriam conquistado um diploma — embora apenas o fizessem os mais velhos. Mas se os outros não se diplomaram, receberam instrução suficiente para se encarreirarem e prosperarem.

SÃO PAULO

A cidade de São Paulo, capital da província, possuía em 1885, uns 42.000 habitantes.

Malgrado a pujança da natureza que a circunda, a suave elevação em que se acha colocada e a amenidade do clima que a bafeja, era então a capital paulista uma cidade monótona, desanimada e triste.

Espalhavam-se as construções pelo Triângulo (Rua São Bento, Direita e Imperatriz, mais tarde Quinze de Novembro) e mais: ruas do Ouvidor (José Bonifácio), do Príncipe ou da Cruz Preta (Quintino Bocaiuva), da Freira (Riachuelo), da Quitanda, repleta de quitandeiros; a Rua das Casinhas (do Tesouro), a Rua do Inferno (Alvares Penteado), a R. Nova S. José (Líbero Badaró), o Beco da Lapa (Rua Miguel Couto), o Beco das Barbas (Ladeira Porto Geral), a Rua do Carmo, em cuja esquina se erguia a residência da Marquesa de Santos. Além do Largo do Palácio, hoje Pátio do Colégio, havia ainda os Largos de São Francisco, São Bento, São Gonçalo (hoje parte da Praça da Sé), o do Capim (Ouvidor). As ruas, estreitas, tortuosas, só eram calçadas na frente das edificações.

A ponte do Ferrão (sôbre o Tamanduateí) olhava para os campos alagados onde nascia o Braz. Agitava-se o Mercado na calçada da igreja da Ordem Terceira do Carmo.

Anos havia que São Paulo descera a colina, transpusera várzeas e vales e, como polvo que estendesse os tentáculos, espraia-se na direção do Largo Sete de Abril (Praça da República), Vila Buarque, Consolação, Santa Cecília, Barra Funda, Bom Retiro, Braz, Moóca, Cambuci...

Caçavam-se perdizes e até escravos fugidos no bairro do Bexiga (entre as Ruas da Consolação e de Santo Amaro). Estendia-se o Campo do Arouche desde os largos dêsse nome e dos Guaianazes, até a atual Avenida Tiradentes. Ir à Ponte Grande equivalia a fazer uma viagem, para a qual se fazia mistér levar *virado*, isto é, farnel. E Santana constituia o primeiro pouso para quem, de São Paulo, demandasse Goiás.

Os mascates, vendas, tamancarias, forjas de ferreiros, talhos de carne verde, ainda enxameavam nas ruas do Triângulo, nomeadamente na Rua da Quitanda.

Contava São Paulo 7.000 prédios mais ou menos confortáveis, todos de estilo colonial, dotados de largos beirais, paredes de taipa, branqueadas, quando o eram, e tabatinga. Telhados baixos e janelas de rótula. Poucas habitações com dois

ou três pavimentos e, lá em cima, sacadas pintadas de verde e gelosias que se levantavam de baixo para cima, feitas com varetas que se cruzavam oblíquamente. Decoradas com azulejos portugueses, as edificações eram cobertas de telhas curvas.

Apertados no cimo da colina, os prédios eram mais esparsos nas encostas e distanciavam-se ainda mais nas ruas de abertura recente e até nas simplesmente projetadas. Na campina que rodeava a capital, enormes chácaras ostentavam, de longe, os seus pomares. Mais adiante, só se viam casbres e monturos. Da chácara da Baronesa de Limeira, atrás do convento de São Francisco, ia sair a Avenida Brigadeiro Luis Antonio.

De todos os lados, várzeas, rios e córregos, quase sempre extravasados e estendendo-se a perder de vista, os contrafortes azulados das montanhas, tendo a dominá-los o pico do Jaraguá. As ruas viviam imersas em garôa, uma garôa fina, que gelava os ossos e embrumava a cidade dias inteiros. A noite caía lenta, sem diversões, e um manto negro envolvia de trevas e silêncio o casario.

Era já São Paulo, por essa ocasião, assento da Assembléia Provincial e residência do presidente da Província; sede do Bispado Diocesano e da célebre Academia de Direito; tinha uma boa Biblioteca, o Seminário Episcopal, o Hospital da Misericórdia, a Casa da Câmara, a Cadeia, o Palácio do Governo, o Hospital Militar e o dos Lá-

zarus, a Sé, o Convento do Carmo, o Mosteiro de São Bento, o Convento de São Francisco (onde funcionava a Academia), a sua igreja, mais as de São Benedito, da Misericórdia, de Santo Antônio, dos Remédios, de São Gonçalo, de Santa Ifigênia, de Nossa Senhora do Rosário, etc. Possuia também a Casa da Ópera, no Largo do Palácio, e o Teatro São José, no antigo Largo da Cadeia (hoje Praça João Mendes). Na Matriz da Sé e nos arredores, a cidade assistia a novenas, cantava ladainhas e Te Deum e acompanhava procissões: o povo acorria em pêso às ruas enfeitadas e varridas, depois de passado o ancinho, e juncadas de pétalas de rosas, ramos de alecrim, begônias, jasmims do Imperador e magnólias para a passagem do Senhor. Nas casas iluminadas havia colchas nas janelas e nas grades e impregnava o ambiente um perfume indelével de manjerona e incenso.

Não obstante a indústria e o comércio, apesar dos capitais em circulação, a despeito dos hotéis sempre apinhados de viajantes, malgrado o caráter pomposo das festas religiosas, a capital paulista era insípida e enfadonha e, até nos dias festivos, taciturna e reservada.

Ameno e franco no trato familiar, se bem arredio e distante à primeira vista, possuía o paulista um temperamento original, que não lhe permitia confundir-se com os habitantes de qualquer

outra província do Império. A fala do povo, descansada, tinha um sotaque peculiar.



Vencidos os exames de madureza, Octavio chegou a São Paulo em fevereiro de 1885, para matricular-se na Academia de Direito.

Amadurecido e ciente do que queria, empolgava-o a vocação que descobrira em si. Ouvia interiormente, eloqüente e grave, uma voz misteriosa, a que se submetia como a um chamado imperioso.

Tomou pensão na mesma casa da Rua Nova São José, já conhecida, cujo proprietário, Pedro Aranha, era amigo de seu pai.

Das outras vezes em que estivera em São Paulo não se atrevera a entrar na Academia. O vetusto casarão infundia-lhe místico temor. Contornara-o, deixara-se ficar a contemplá-lo, de longe, embevecido e intimidado, como se fôsse profanação, desrespeito, penetrar-lhe as arcadas venerandas quem para tanto não tivesse direitos adquiridos, quem não se houvesse devidamente preparado para pisar o mesmo chão que tantos jurisconsultos, poetas e políticos de renome haviam pisado em 60 anos de vida gloriosa.

Teixeira de Freitas, Lafayette e Rui Barbosa, luminaries do Direito, lá haviam estudado. E por

lá também haviam passado Francisco Octaviano, José de Alencar, Alvares de Azevedo, José Bonifácio, o Moço, Bernardo Guimarães, Castro Alves, Fagundes Varela, Raimundo Correia, o Chico das Estrêlas (Quirino dos Santos) e tantos outros grandes vultos, cujas obras conhecia e admirava, muitas das quais sabia de cor. Também lá estudara Bitencourt Sampaio, o autor ainda estudante da letra do Hino Acadêmico do tio Tônico, o famoso Carlos Gomes.

Mas não parava aí o rol dos brasileiros ilustres que tinham perlustrado aquelas salas. Campineiros famosos, propagandistas da República, como Campos Sales, Jorge Miranda, Salvador de Mendonça, Quintino Bocaiuva; além dêsses, outros, chegados de todos os rincões da terra pátria: Joaquim Nabuco, o paladino da Abolição; o Barão do Rio Branco, que assinara a Lei do Ventre Livre; Silveira Martins, o maior dos tribunos brasileiros; Martinho Prado, o cronista Pedro Taques, Prudente de Moraes, Rangel Pestana...

Êsses eram uns poucos; muitos mais viria a conhecer dali por diante, de longe ou de perto, pessoalmente ou pelas obras, através do muito que deixaram realizado...



Na véspera do primeiro dia de aulas não se pôde afastar do Largo de São Francisco. Estu-

dantes apressados entravam e saiam pela porta principal. Bem mais velhos do que êle, seriam, na certa, bacharelados. Movido de súbito impulso, lembrado das instâncias maternas, Octavio aproxima-se da igreja. À porta, cegado pela escuridão que reinava no templo, estaca. Passam-se alguns minutos, enquanto seus olhos se acostumam à penumbra. Avança alguns passos, vê um chão atijolado, os bancos dos fiéis, tôscos e humildes, sem encôsto. Quantos altares, quantos santos de barro! A Matriz nova de sua terra era bem mais bonita e rica. Duas velhinhas ajoelhavam-se diante do altar de Santo Antonio, à direita. Um negro de carapinha branca ergue para êle os olhos distraídos. Octavio ajoelha-se também e reza para que Nossa Senhora o proteja nos estudos. Finda a terna e comovida invocação, vê a seu lado dois rapazolas que o esguardam curiosos.

— Vai também cursar a Academia? — pergunta-lhe o mais próximo.

— Vou. As aulas começam amanhã.

— Nós também. Vimo-lo namorar a Escola e depois entrar aqui. Viemos atrás. Como se chama?

— Octavio Mendes. E vocês?

— João Luiz Alves Junior, — diz o primeiro.

— E eu, Afonso Arinos de Mello Franco, — acode o segundo.



No primeiro dia de aula, Octavio caminhou como que pairando no ar, sem sentir os pés no chão. Deixou-se guiar às tontas, cruzou o pátio das Arcadas, percorreu corredores em companhia de outros alunos, entrou numa sala onde se achavam os colegas e onde — com exceção a tôdas as outras — reinava circunspecto silêncio. Pouco depois chegava o mestre e iniciava longa preleção, da qual não percebeu patavina.

Possuia-o inexplicável atordoamento. Por mais que forcejasse, não conseguia fixar o espírito em coisa alguma. Tinha os olhos pasmados no vácuo. Passou-se o tempo. A certa altura, estremeceu. Viu-se sòzinho na sala, de onde um bedel o convidava a sair. Desandou o largo de São Francisco e voltou para casa, encalistrado, envergonhado de si mesmo. De que constara a primeira aula? Mistério! Nem ao menos procurara os companheiros da véspera! Que papelão!

Entretanto, não tardou a adaptar-se. Era dos primeiros a chegar e dos últimos a deixar a escola de Direito. Como no “Culto à Ciência”, observou as carteiras e bancos cortados de dizeres, iniciais, garatujas, carantonhas, feitas a canivete.

Os condiscípulos, na maioria turbulentos, à primeira vista não o atraíam.



Certa manhã não pôde entrar na Faculdade. As aulas tinham sido suspensas. Octavio foi recebido com assuadas, buscapés e chacetos dos *calouros enfeitados*, que se vingavam nos novatos, naquele dia do *trote* sofrido um ano atrás. Foi obrigado a pagar 5\$000 pelo diploma de burro que o aguardava, com a sempiterna quadrinha:

*Nem tudo que reluz é ouro,
Nem todo o sopapo é murro,
Nem todo o burro é calouro,
Mas todo o calouro é burro.*

Enfarinhado dos pés à cabeça foi, em seguida, metido numa carroça com Herculano de Freitas, Horácio Sabino, Paulo Prado, Afonso Arinos e Mendes Pimentel.

Uns tinham sido generosamente empastelados com farinha, outros encarvoados sem misericórdia. Seguiu-se a tradicional *peruada*. Os míseros calouros tiveram que rodar em cinco carroças pelas ruas do Triângulo e adjacências, seguidos de magotes de acadêmicos, que pareciam ter o diabo no corpo e vociferavam, dando ordens estapafúrdias, que precisavam ser cumpridas à risca e incontinenti.

Dentro da carroça, xingando, blasfemando, urdindo planos trementos de vingança, Horacio Sabino e Herculano de Freitas gesticulavam, fre-

néticos, querendo brigar, distribuir socos às dúzias pelos estúpidos adversários; mas deixaram-se despersuadir da idéia, pois o menor protesto redundaria em represálias muito menos engraçadas ainda...

Tiveram de fazer mágicas, discursos, súplicas, preces, ginástica e uma série incrível de incríveis demonstrações em público, conforme o capricho dos algozes, entre os risos dos circunstantes, apinhados nas ruas para vê-los passar, e os gritos dos chefes do *trote*. Só lá pelas 11,30 hs., suados, imundos, foram soltos os *bichos* e puderam dispersar-se, corridos de vergonha, doidos por um banho em regra e com as roupas irreconhecíveis. No dia seguinte tudo voltava a normalizar-se.



Octávio Mendes não se destacou como estudante. Nunca levou bomba, mas também não colecionou distinções, ambição máxima de alguns. Sua curiosidade não se restringia às matérias lecionadas na Faculdade. Tendo descoberto a Biblioteca da Escola e, logo depois, a Biblioteca Municipal, ora numa, ora noutra, sentado a um canto, com um livro na mão, esquecia-se até de comer. Atraíam-no sobretudo as obras de História, Filosofia e Literatura. E deveu seus conhecimentos, mais que ao curso de Direito, aos esfor-

ços de autodidata, à sêde de assimilar as mais variadas manifestações do gênio humano.

Contava com poucas dezenas de mil réis para viver e estudar. Quando o único par de sapatos de solas furadas dava de si — e êle precisava comprar outro — desequilibrava-se-lhe o orçamento por semanas inteiras. A despesa havia de sair forçosamente da comida e do querozene que lhe alimentava o lampião do quartinho.

Com a idade, foi-se tornando um rapagão, alto, robusto, desempenado. Tinha as mãos grandes, sensíveis e leais. E, mercê da surpreendente intensidade, seus olhos profundos e luminosos pareciam grandes. Reservado e altivo, sempre retraído, não conquistava amigos com facilidade, mas também não despertava a desconfiança dos colegas: disso o resguardavam a simplicidade, a benevolência franca, sempre pronta, e a discreta dignidade natural.

À medida que passava o tempo, ensimesmava-se cada vez mais. Comprazia-se na solidão. Ignorou o lazer e seus perigos e, o mais das vêzes, fugia do eterno feminino, não só pela índole retraída mas também porque a falta de dinheiro e consciência das responsabilidades que assumira consigo mesmo o preservavam das tentações habituais aos estudantes. E tornou-se um solitário, metido consigo, e andarilho impenitente sempre que se lhe ensejava a ocasião.

A São Paulo daquele tempo, para quem não conhecesse a cidade, era um convite a excursões. Comprimida no Triângulo e adjacências, entrara a espriar-se pelos quatro ventos, para além das pontes e das várzeas.

Ao lado do Palácio, passava a linha de *bondes de burro* cujo ponto final era a Estação da Luz. Da primeira vez, Octavio seguiu-a até o fim. Assistiu à chegada de um trem, à partida de outro, e voltou pelo mesmo caminho.

Dias depois escolheu o trajeto contrário. Atravessou a ponte do Carmo sôbre o Tamandua-teí; dela descortinou o vasto panorama que se estendia até a Penha, virou à esquerda, ladeando o rio, passou por trás do Hospício, rodeou o Mercado e chegou até o Hospital dos Lázaros, na Rua João Teodoro. Esse passeio, já maior, tomou-lhe duas horas. Não vira muita coisa, mas inebriara-o a sensação de absoluta liberdade, a caminhar, perdido em devaneios.

De outra feita, enveredou pelo Largo Sete de Setembro, entrou na rua dos Enforcados e foi dar no largo do mesmo nome (hoje da Liberdade). Conhecia a história do pobre Chaguinhas, acusado de ter chefiado uma rebelião de soldados, que havia cinco anos não recebiam sôlido, e, por isso, condenado à fôrca. Já não encontrou o patíbulo em que se dera a execução. Erguia-se no local do suplício a Capelinha dos Enforcados, ao lado da

qual, numa mesa, se acendiam velas de cêra “inapagáveis sob a ação dos ventos mais fortes e das tempestades mais violentas”, segundo a crença popular.

A curiosidade levava-o com frequência à baixada do Piques, confluência das Ladeiras de São Francisco, do Ouvidor, de Santo Antonio, da Memória, do Piques e da Rua Formosa.

As edificações não diferiam das do comum dos pontos mais distantes da cidade, e a porção correspondente ao *Largo da Bexiga* só apresentava, digno de nota, os fundos do extinto Cemitério do Convento de São Francisco, os vestígios do Matadouro Municipal, que existira no Morro de Santo Amaro — já transportado para a Rua Humaitá, na Liberdade, em virtude do mau cheiro que exalava — e a Rua do Bexiga, por ser a única via de comunicação entre o bairro do Bexiga e o centro da capital paulista.

Atravessava o Largo do Piques, a descoberto, o Anhangabaú, que o separava do Largo da Memória, onde se erguia a Pirâmide, no centro de um jardim triangular, cercado de gradil. Nele faziam *piques* (estacionavam) as levas de *caipiras* vindos de Santo Amaro e Pinheiros, que demandavam a cidade para mercadejar. Dessedentavam-se os animais no *tanque* formado pelo riacho, nos fundos da padaria da Memória. Nesse mesmo tanque reuniam-se as lavadeiras nos dias da semana

e divertiam-se os moleques e estudantes aos domingos e dias feriados. No Piques aguardavam os caipiras generosos tragos de aguardente, tomados nos quiosques de dois portugueses de fartos bigodes retorcidos. Ao pé do jardim do Largo da Memória efetuavam-se os leilões de escravos. A vida ali fervilhava por tôda a parte. Como templo de fé, erguia-se a Capelinha da Santa Cruz do Piques, muito freqüentada pelos devotos, e onde os fiéis de côr, seus freqüentadores mais assíduos e numerosos, ingenuamente misturavam os ofícios da religião dos amos aos mistérios de suas religiões ancestrais. Alí mesmo, ao lado, na orla do cemitério, costumavam os negros enterrar os seus mortos. E, de uma feita, numa das visitas à Capelinha, Octavio teve oportunidade de assistir a uma cena que, na ocasião, o impressionou.

Vinha de fora da igreja um som fúnebre, cavo, um como que cantochão roufenho. Saindo por uma passagem lateral, chegou a tempo de presenciar à cena: munidos de mãos de pilão, alguns negros socavam a terra sôbre um cadáver recém-enterrado, entoando as palavras tradicionais:

*“Zi sóio que tanto vê,
Zi bôca que tanto fala,
Zi bôca que tanto ri, si comeu e si bebeu,
Zi corpo que tanto trabaiô,
Zi perna que tanto andô,
Zi pé que tanto pisô.”*

Coberta de terra a sepultura, os negros largaram a um canto as mãos de pilão e voltaram a reunir-se aos companheiros, no interior da igreja.



Certa manhã de domingo, enveredou Octavio pelo mato do *Saracura Grande*, lugar semi-deserto, depósito de imundícies, que se estendia, em continuação à Baixada do Piques, até a encosta da colina cujo cimo fôra rasgado, de princípio a fim, pela Avenida Paulista.

O sítio não apresentava maior interêsse, mas deliciou-se ao ouvir o pio dos macucos e, de quando em quando, o ruidoso levantar vôo de codornas e perdizes. Se tivesse uma espingarda... Descobriu frutas silvestres, araçás, guabirobas, amoras, e com elas almoçou. Em seguida, prosseguiu por um trilho de cabras, que subia a vertente do morro, alcançando a avenida, muito larga, com umas poucas vivendas senhoriais em tôda a extensão visível.

A escalada valera a pena. Embora o sol a pino o causticasse, divisou, à esquerda, o vulto harmonioso do Jaraguá embuçado nas nuvens e, à frente, na baixada, além da vegetação luxuriante, o trechozinho compacto das edificações do Triângulo.

Deus meia volta e divisou sereno e convidativo panorama, que se alongava a perder de vista,

descendo o morro, com um tufo enorme, verde-escuro, no meio do caminho. Devia ser o das famosas jabuticabas paulistas.

— E se eu fôsse até lá? — disse entre si.

Foi e não se arrependeu. Encontrou as *fruteiras* carregadas, embora defendidas por uma cêrca de arame. Transpô-la e fartou-se. Em seguida, deitou-se e adormeceu debaixo das árvores. Foi despertado por um ilhéu, guardião da chácara, que lhe exigiu dez tostões pelas frutas. Octávio vasculhou os bolsos e só encontrou vinténs. Entregou-os ao português resmungão e encetou prazenteiro, a longa viagem de volta.

Viu-se atrasado por uma borrasca de verão que o obrigou a refugiar-se numa tapera abandonada, covil de ratazanas, que lhe deram o que fazer. Amainado o temporal, voltou a galgar o morro, desta vez com dificuldade, pois já não se viam os atalhos, levados de roldão pela enxurrada. Escorregando, agarrando-se às raízes, arrimando-se à galharia, tropeçando, alcançou finalmente a Avenida. Era já noite fechada.

Noite negra e sem lua em que só as estrêlas cintilavam. Tomou à esquerda e caminhou, com os sentidos atentos, até o início da *estrada velha de Pinheiros*, demarcado por um solitário lampião de querozene. Sua única via de acesso à cidade era a Rua da Consolação, recentemente retificada em meio aos terrenos desapropriados do cemitério.

Concluída neste a exumação dos cadáveres em determinado trecho, com exceção das valas comuns, nivelara-se o terreno e entregara-se ao trânsito público. E, na estação das chuvas, viam-se, não raro, na escuridão da noite, desprender-se do solo emanações fosfóricas que se perdiam nos ares em dança macabra. Supersticioso, o povo atribuía-as à saída de suas covas das almas pecadoras, obrigadas a errar, vagando pelo espaço, até resgatarem as próprias culpas...

Ciente de tais superstições, Octavio já se rira delas à clara luz do sol. Ia enfrentá-las agora, a peito descoberto, naquele breu, sem arma ou candeia que o orientasse. Muniu-se, todavia, de coragem, e pôs-se a caminho. Logo avistou as fosforescências, umas longas, isoladas, preguiçosas, outras serpenteantes, aos pares, às dúzias, a desafiá-lo.

— Não passam de fogos fátuos, — murmurou entre si, querendo controlar-se, mas profundamente emocionado, num desassossego inexplicável. Tivesse trazido um lampião e saberia nortear-se naquele inferno de trevas. Não sabia por que lhe tremiam as pernas, um suor frio lhe marejava a testa e êle respirava a custo. Mas foi andando, tropeçando nas poças d'água, encharcando-se de lama, desviando os olhos das trêfegas línguas de fogo, protegendo os ouvidos com a gola do paletó porque principiava a ouvir tôda a sorte de ruídos, estridentes, extra-terrenos, blasfêmias,

maus agouros, súplicas, lamentações. As pequeninas serpentes luminosas perseguiam-no, inexoráveis, surgiam-lhe debaixo dos pés, à direita, à esquerda, subindo sempre e dissolvendo-se nos ares. Suas pernas bambas mal podiam prosseguir.

Súbito, tropeçou num obstáculo imprevisível naquela escuridão. Foi-se-lhe o equilíbrio e Octavio desabou, em cheio, sobre um vulto mole, gelatinoso. Céus! Ouviu debaixo de si um gemido surdo, um som humano!

Era o corpo e o gemido de um negro, deitado na rua a fio comprido. Octavio sentiu-se como que ressuscitado.

— Cruz credo, qué matá o nêgo véio, sinhozinho?

Octavio recobrou o fôlego e achou um fio de voz para pedir desculpas e perguntar ao bêbado:

— O que é que você está fazendo aqui, a estas horas?

— Nada, meu sinhô, tô só assuntando, ué!

— Você não está com fome?

— Ah, isso tô, sim sinhô, hi, hi, hi!

— Pois eu também. Venha comigo.

Dali por diante, como que por milagre, não mais enxergou os fogos fátuos. As vozes infernais silenciaram. Ajudou o negro a levantar-se, amparou-o com o braço e terminou, exausto, mas triunfante, a maior e mais sensacional aventura de sua vida de rapaz.

A ACADEMIA

Naquele ano, quando foi a Campinas para as férias, levava uma idéia fixa: a de conseguir emprêgo em São Paulo quando lá voltasse no ano seguinte. Fizera as suas contas e chegara à conclusão de que teria vagar suficiente para estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Além disso, repugnava-lhe viver à custa do pai, ansiava por emancipar-se, prover ao próprio sustento. Desejava poder comprar os seus livros. As leituras e estudos nas bibliotecas já não lhe bastavam. Quantas vêzes não se detivera, esquecido do tempo, diante das vitrinas da Casa Garraux, na Rua da Imperatriz, deitando olhos compridos para as novidades que surgiam e que tão cedo não veria na Biblioteca Municipal.

Confiou a idéia à sua mãe. Esta transmitiu-a ao marido, que logo se pôs a campo para colocá-lo na capital. Não lhe foi difícil. Francisco Glicerio prontificou-se a recomendar o môço estudante a Francisco Rangel Pestana, diretor de "A Província de São Paulo", e Octavio, dali por diante, viveu independente.

Seu mister foi, a princípio, o de revisor do jornal. Acrescentaram-lhe, depois, o de noticiarrista, com 60\$000 mensais e uma cama improvi-

sada nas próprias oficinas. O ruído e o movimento não lhe tolhiam o sono, tanto mais que a revisão só lhe permitia acomodar-se quando o jornal já estava, praticamente, na rua. Gastava 30\$000 com o almoço e o jantar, mantinha-se com o resto e ainda lhe sobravam uns cobres para os cobichosos livros.

Êstes se foram enfileirando na estantezinha improvisada no seu canto das oficinas. Victor Hugo, Dickens, Shakespeare, Rabelais, Augusto Comte, Balzac, Voltaire, Dante, H. Spencer...

A vida tomou-lhe nôvo rumo. A direção dava-lhe ainda mais 20\$000 quando funcionavam as Câmaras e êle podia resumir os discursos dos deputados para publicação.

Desejoso de freqüentar as casas de espetáculos, dispôs-se a fazer crítica teatral e passou a acompanhar as peças levadas no São José e no Politeama — feio barracão desengonçado, mas de boa acústica, preferido pelas melhores companhias. Lá ouviu o célebre Tamagno e deliciou-se com a arte de Sarah Bernhardt, Zacconi, Chabí, Pepa Ruiz, Augusto Rosa.



Ao mesmo tempo, freqüentava as aulas de sua querida Academia, que, a esta época, já lhe ofereciam maior interêsse.

Dutra Rodrigues ensinava Direito Romano. Falava torrencialmente, mas era penetrante nas críticas, calmo e insistente.

Regia a cadeira de Direito Constitucional — natural, público e das gentes — Sá e Benevides. Por ser calvo, usava um chinó, que se tornou famoso. Há um quê de zombeteiro no que fazem estudantes, até nas horas mais graves. Sá e Benevides abanava a cabeça com tamanha energia e convicção que o chinó se movia, dando-lhe às explicações um sabor inédito e pitoresco, com o que se divertiam os alunos, à custa do professor, ilustrado e eloqüente, mas grave e desconfiado, que tudo levava a sério e tudo discutia com calor e altivez. Com presença de espírito e notável poder de argumentação, combatia o positivismo, desferia conceitos sarcásticos contra A. Comte, Littré, H. Spencer. Com a curiosidade despertada por essa filosofia que, na Faculdade, contava então inúmeros adeptos, Octavio ponderava, impressionado, os argumentos do lente. Mas o homem era monarquista e o rapaz o ouvia prevenido.

As aulas de Direito Civil eram confiadas a Mamede de Freitas, velhote ríspido e ranzinza, o tipo do professor antigo, para o qual a perfeição suprema consistia na reprodução literal, por parte do aluno, das palavras do tratadista. Enquanto Mamede interrogava um estudante — e o interrogatório durava, de ordinário, a hora tôda — a sala

de aula lembrava um mercado. Os que não fugiam pelas janelas dividiam-se em grupos. E liam jornais, faziam literatura, jogavam, conversavam. Tudo em Mamede era de cinquenta anos passados: o velho professor transformara-se em múmia animada. A benevolência e a generosidade nele não encontravam guarida, se bem lhe faltasse a mínima dose de energia.

Em contraposição, como era maravilhosa a atmosfera que certos professôres sabiam criar! Os conceitos enunciados, a maneira de desenvolvê-los — clara, profunda, irretorquível — enquanto todos os ouvintes — estudiosos e vadios — lhes bebiam as palavras... Octavio assistiu a muitas aulas de Direito Civil dadas por João Monteiro. Eloquentíssimo, profundo conhecedor da matéria, primava o mestre pela cultura literária e pelo gosto artístico. Possuidor de prodigiosa memória, poliglota e enciclopédico, poucos lentes tiveram talento tão brilhante, tão vasta cultura e tanto amor à cátedra.

Professor maior ainda, talvez, foi Pedro Lessa. Com a Filosofia e História do Direito, abriu novos rumos aos estudos da filosofia jurídica. Severo no trato do aluno, afável no trato do amigo, Lessa atraía o respeito e a fervorosa admiração da juventude. Magistrado, historiador, grande advogado, expunha as diversas doutrinas com fidelidade absoluta e dissecava-as com percuciência.

Muito alto, muito grave, o vozeirão tonitruante, a passar o indicador pela testa, os olhos relampejavam através dos óculos claros e, quando principiava a falar, semelhava um trovão a prenunciar tempestade. Depois... iluminava-se a estrada da ciência e o ríspido professor atingia, a pouco e pouco, a afabilidade e a doçura do grande e nobre amigo, que se gravava imperecivelmente no coração. Na história da Academia de São Paulo ninguém o superou como professor e poucos o terão igualado.



Nas férias do terceiro ano, já quartanista de Direito, Octavio tem ocasião de visitar o tio, Cândido Borges, que morava com a família em Piracicaba, antiga Constituição. Alí simpatiza com Geraldina, filha do casal, que lhe faz as honras da terra, e encanta-se com a cidadezinha provinciana, alcunhada a *Noiva da Colina* — mais modesta e menor que a sua Campinas e, no entanto, faceira, erguida sôbre risonho planalto e tendo a embelezá-la o Salto de Piracicaba, que lhe dera o nome atual.

Espraiando-se ao pé da cidade, num leito de quase trezentos metros, desabava o rio da rocha viva, qual “gigantesco trono de prata”, em cascatas de neve espumante, soberbamente dispostas em meio à vegetação das margens. No tempo das

cheias, o ribombar das águas era ouvido pelos piracicabanos como se estivessem à beira-mar, em dia de ressaca.

Ir ao salto constituia-se, na cidade, em peregrinação obrigatória de tôdas as tardes. Findo o jantar, movimentavam-se os habitantes em idas e vindas à cachoeira, gozando a fresca, mormente em noites de luar.

Dias após a sua chegada, já de volta do passeio, Octavio divisa um grupo de moças e crianças que se aproximavam, escoltadas por um senhor de meia idade. Vinham tagarelando, rindo, como bando de maitacas em liberdade. Ao dar com Geraldina, saúda-a uma jovem de bastos cabelos negros encacheados, presos por um laçarote de fita branca.

— Boa tarde, Geraldina, não quer ir ao salto conosco?

— Agora não posso, já estamos de volta, — desculpa-se a rapariga. E ajunta, com um olhar de inteligência à outra, indicando o primo: — Tenho visita. Até amanhã.

— É pena. Então, até amanhã, — despede-se a jovem, não sem pousar de relance a vista no forasteiro.

— Quem é essa moça bonita? — indaga, o rapaz.

— É Elisa, minha amiga do Colégio Piracicabano, filha do Dr. Moraes.

— O Dr. Moraes não é propagandista da República?

— Se é! — volta Geraldina, veemente. — São dois, êle e o irmão, o Dr. Prudente.

O Dr. Moraes já estivera em Campinas. Assistira ao grande banquete oferecido pelos políticos campineiros no Teatro São Carlos, em 1883, em homenagem aos deputados republicanos provinciais, e nêle discursara. Fôra alí representar o irmão, Prudente, que não pudera comparecer. Octavio reconhecera-o. Nhonhô Moraes, seu filho, estudava no “Culto à Ciência”.

— Por sinal que o pai de Elisa nos irá interrogar na certa, amanhã, em Geografia, nos exames finais do colégio, — prosseguiu a estudante. — Será um festão, vai muita gente e eu já estou tremendo. Você não quer ir comigo?



O Colégio Piracicabano funcionava em prédio próprio, dirigido por uma senhora norte-americana, Miss M. Watts, que se fazia auxiliar por professoras estrangeiras licenciadas, e as provas de fim de ano, realizadas em público, com tôda a solenidade, eram presenciadas pelos pais das examinandas e muitos amigos do estabelecimento. Terminados os exames de praxe, êstes últimos eram comumente convidados a interrogar as alunas mais

adiantadas sôbre o que tinham aprendido no ano letivo.

O Dr. Prudente fazia perguntas sôbre História Universal; o irmão, sôbre Geografia, sua especialidade. E assim por diante.

Salão à cunha. Mas, no meio de tôda aquela gente que falava, cumprimentava, sorria, abraçava, ria-se, um laçarote, desta vez côr-de-rosa, a prender uns cabelos de azeviche, fêz que Octavio vislumbresse ao longe, entre as companheiras, a rapariga entrevista na véspera. Linda menina de olhos vivos, porte airoso, tez morena, aveludada.

Já se haviam concluído as provas, entre os aplausos da assistência curiosa e gárrula. Chegara a vez das perguntas adicionais, formuladas pelos estranhos, a convite da diretora. O Dr. Moraes subiu à cátedra e, cheio de espírito e bonomia, manteve em suspenso a meninada com perguntas à queima-roupa. A tôdas conhecia pessoalmente e chamava-as pelo nome. Quando alguma hesitava na resposta, outra logo lhe acudia e, assim, juntos fizeram, êle e elas, a volta ao Brasil, enunciando nomes de rios, cachoeiras, divisas, cidades, capitais, cadeias de montanhas, lagos, ilhas, cabos, baías e promontórios. Ao fim de quinze minutos de grande excitação, o simpático examinador improvisado declarou-se satisfeito, felicitou a diretora e tornou ao seu lugar.

Correra a notícia de que um acadêmico de São Paulo, primo de Geraldina Borges, se achava presente na sala. Octavio foi solicitado a interrogar uma aluna em História do Brasil.

Por essa não esperava o moço, que corou até as orelhas. Não lhe restava, porém, outro remédio senão obedecer.

— Elisa de Moraes Barros, — pronunciou Miss Watts, em meio ao silêncio e curiosidade gerais.

Levantou-se Elisa alvoroçada, adiantou-se e esperou.

Mais encalistrado ainda diante da jovem do laçarote, o pobre acadêmico quase perdeu as estribelhas. Esquecera-lhe tôda a História do Brasil. Perguntar o que, Senhor? Se nem ao menos um nome, uma data, lhe acudiam à memória! E os segundos passavam, indiferentes, implacáveis, aumentando a expectativa do auditório. Octavio respirou fundo e, sem saber o que dizia, gaguejou, afinal:

— A senhorita poderá dizer-me... quem foi... quem foi... que... que... descobriu o Brasil?

— Não sei! — revidou a menina, incontinenti, os olhos brilhantes, magoados.

A gargalhada foi geral. Octavio quisera afundar, sumir-se debaixo da terra, rubro como um camarão, de tanta vergonha. Entretanto, acicatada pela sensação do ridículo, voltou-lhe a memória

e êle pôde formular perguntas sôbre o Primeiro Império e a Regência, e as respostas pertinentes receberam uma salva de palmas.

Terminada a festa, o Dr. Moraes foi procurar Octavio, mostrou-se interessado pelos seus estudos, pediu notícias dos colegas de Campinas e ambos se acabaram despedindo cordialmente.

Naquela noite, o acadêmico saiu sòzinho, dispensando companhias. Percorreu absorto e ensimesmado tôda a rua do Pôrto, que ladeava o rio, à sua mão esquerda; voltou atrás, atravessou a ponte, afundou no mato, quase se perdeu. Sentou-se, afinal no chão e ergueu os olhos para as estrêlas. Volvido algum tempo, murmurou as estrofes:

Meu sêr, que voava nas luzes da festa
Qual pássaro bravo, que os ares agita,
Eu vi de repente, cativo, submisso
Rolar prisioneiro
Num laço de fita.

.....

E agora enleada na tênue cadeia
Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra os teus élos,
Ó laço de fita!

Nessa noite, dormiu pouco e mal. Os versos de Castro Alves perseguiam-no, teimosos, insistentes.



O fermento da abolição tomara conta do Brasil e já não podia ser contido em parte alguma. Os próprios senhores de escravos faziam libertações em massa. As províncias do Ceará e do Amazonas haviam extinguido a servidão negra em seus territórios. Os jangadeiros cearenses já não transportavam cativos em suas jangadas.

A 12 de fevereiro alforriava-se a cidade de São Paulo. A Princesa Imperial iniciava e dirigia a libertação de Petrópolis, valendo-se de subscrições e festas de caridade. Sua iniciativa foi coroada de êxito a 1.º de abril. A pressão atingira o auge. Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, José do Patrocínio, revezavam-se na tribuna. O ministério Cotegepe — escravagista ferrenho — via seus dias contados, mas ainda resistia ao movimento. Substituído pelo ministério do Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, êste aceitou a herança do ministério intransigente, disposto a executar nos termos mais amplos, sem prazo nem condições, a medida que todo o Brasil reclamava.

A 3 de maio, sob entusiasmo geral, comovida até as lágrimas, aclamada e coberta de flôres, a

Princesa Regente abriu o Parlamento que decretaria a Abolição.

A 7 de maio apresentou-se a êle o ministério, anunciando para o dia imediato o projeto do seu programa. No dia seguinte, lia a Câmara a proposta do Governo, redigida em termos simples e categóricos:

“É declarada extinta a escravidão no Brasil. Revogam-se as disposições em contrário”.

O dia 13 cai num domingo. O Brasil, contudo, já não podia esperar nem 24 horas. Reunido o Senado em sessão extraordinária, desceu a Regente de Petrópolis para sancionar a lei que a sagraria na História como Isabel, a Redentora.

A grata notícia reboou pelos céus da terra de Santa Cruz e foi recebida com delírio em todo o país.

“Foi a Abolição da Escravatura a primeira emoção que o Brasil deu ao mundo”, escreveu Rebouças, comovido, compreendendo que, dessa feita, nossa terra cerrava fileiras ao lado dos demais países civilizados do mundo.

Dias depois, ao comentar o sucesso da Lei Áurea com os íntimos, a Princesa Isabel ouvia de Cotegipe as palavras proféticas:

— Vossa Alteza redimiou uma raça, é verdade, mas perdeu o trono.



Por essa época, Octavio passava noites e noites sem se deitar, atento aos telegramas enviados a "A Província de São Paulo", e foi testemunha da indescritível alegria que o acontecimento provocou nos círculos dos propagandistas da República.

— Este golpe valeu. O próximo não tardará e será o nosso! — bradavam êles, delirantes, trocando abraços e apertos de mão, nas ruas, nos clubes, nas redações de jornais e cafés.

Enquanto acompanhava assim, de perto, praticamente ao vivo, o desenrolar dos grandes acontecimentos da história do país, que viriam em futuro muito próximo a transformar-lhe a feição política, Octavio trabalhava, lia e prosseguia em seus estudos na Academia. Boa parte do caminho já fôra percorrido. Quartanista de Direito, via aproximar-se com entusiasmo o dia em que, sobraçando o diploma de bacharel, partiria à conquista do seu lugar ao sol. Ao mesmo tempo, entretanto, nôvo interêsse vinha juntar-se aos seus interêsses jurídicos, literários e jornalísticos. No decorrer do ano de 1888, o nosso acadêmico alimentou um grande sonho: o de voltar a Piracicaba e avistar de longe, ao menos, a menina de olhos negros e laçarote de fita no cabelo, que o fascinara, e cuja lembrança o trazia mais circunspecto, mais retraído, mais distante ainda, desde que a conhecera.

Propositadamente, manteve em dia a correspondência com a prima Geraldina e recebeu, no fim do ano, nôvo convite para passar as férias em Piracicaba.

Vibrando com a política, a cidadezinha adquirira mais vida e movimento. Em casa do Dr. Moraes, numa esquina da rua do Comércio, entravam e saíam a todo instante magotes de correigionários republicanos. Octavio reconhecia entre êles os campineiros e, ao passar pela casa, ouvia-lhes as vozes, as discussões no salão da frente, que dava para a rua. Pouco depois, surgiam à porta, muito sérios, e guiavam para a casa do Dr. Prudente, que já fôra deputado pela Província de São Paulo.

Lobrigou Elisa uma tarde: mudara, e mudara para melhor. O laçarote desaparecera; ela erguera os cabelos, transformando-se, de menina, em moça. Fizera-se mulher, senhora — sim, senhora, e para sempre, dos seus pensamentos.

Convidado a ocupar a cátedra na festa de encerramento das aulas do colégio, não lhe foi dado interrogá-la. Mas, dissimulado entre os convivas, não a perdeu de vista. Não se fartava de contemplá-la à distância; e não via senão a ela em todo o universo.

Tornou a avistá-la uma noite, numa reunião de sociedade. No entanto, como não soubesse dan-

çar, faltou-lhe ânimo para aproximar-se... Nessa noite, o salto do Piracicaba ouviu outras poesias, quadras, versos, inclusive êstes, de Camões:

Vôo sem asas; estou cego e guio,
Alcanço menos no que mais mereço;
Então falo melhor quando emudeço,
Sem ter contradição sempre porfio...

.....
Em vos cuidar à noite, em vós o dia;
Por vós sentir prazer, por vós tristeza;
Sem vós, ter para mim que não vivia.

E Octavio embarcou de volta para Campinas sem lhe ter ouvido a voz.

De fato, não lhe ouvira a voz mas surpreendera-lhe os olhos, postos nêle, a furto, por duas vêzes.

Tanto bastou para que o seu coração pulsasse mais depressa e êle alimentasse, dali por diante, mil sonhos de felicidade futura.

Estava agora no quinto e último ano da Academia de Direito. Aos domingos, fugia da cidade e, com a espingarda a tiracolo, embarafustava pelo mato, atrás do cemitério da Consolação e ali se deixava ficar, horas e horas perdido em cismas,

deitado debaixo de alguma árvore, ou, mais além, atirando às codornas e perdizes.

Como era bom estar só!



Na Faculdade não fizera grandes amizades. Paciente, bom conselheiro, dava-se bem com todos. Sabia ouvir, gostava de conversar, sustentava polémicas sôbre formas de govêrno, Literatura e História. Aceitava um ou outro convite, mas a ninguém se entregava, não confiava a quem quer que fôsse a intimidade de sua alma.

No jornal, impusera-se à consideração dos companheiros de trabalho. Crescera-lhe o nome de jornalista e Rangel Pestana, o diretor, tratava-o como a um igual. Na redação de "A Província de São Paulo" a política fervilhava e ali veio a conhecer os mais famosos oradores republicanos: Lopes Trovão, Silveira Martins, Quintino Bocaiuva...

Nas férias de junho, mandou-o o jornal ao Rio de Janeiro, a serviço. Lá entrou em contato com os colaboradores de "A Semana", revista literária de Valentim Magalhães. O mais simpático e expansivo, Max Fleiuss, logo o tratou como amigo; levou-o para casa, em Botafogo, onde o obrigou a hospedar-se.

Foi apresentado a Machado de Assis; já aureolado pela glória, o grande escritor era o mais tímido dos homens, mas as tertúlias a que Octavio assistiu, presididas por Machado, fixaram-se indeléveis, em sua memória.

De uma feita, Machado de Assis, Max Fleiuss e Octavio Mendes tomaram um bonde rumo à cidade. Pouco depois embarcava nêle uma senhora roliça, em meio a frufus de sedas, sorrisos amáveis, que distribuia com suma generosidade, e muitos berloques. Ao dar com o escritor de nomeada, teve uma exclamação de alvoroço; mudou incontinenti de lugar e foi colocar-se ao lado dêle, sem perceber que, para isso, os demais passageiros do banco precisaram encarapitar-se uns sôbre os outros, como sardinhas em lata, para lhe dar lugar.

— Não o sabia por estas bandas, Machado! exclamou, entre muxôxos e trejeitos. — Que prazer em encontrá-lo! Então, como vai a glória? Disse-me o Juquinha que você está em vésperas de dar à luz um nôvo romance, é verdade? Como se chama? Nomes não importam, o que importa é que êle traga a sua assinatura! Oh, boa tarde Max! Se tiver entre as personagens outra Capitu, será sem dúvida nôvo triunfo, e bem merecido! Meus parabéns antecipados!... Santo Deus! — bradou a dama de repente, agitadíssima, — Eu já devia ter saltado. Até a vista, e felicidades, sim? Até a vista.

Depois que ela desceu, os três homens voltaram aos seus lugares e Machado de Assis, que não articulara uma palavra, murmurou, num sorriso acanhado:

— Fulana... é uma senhora distintíssima, porém... acabrunha.

Convidado a colaborar, Octavio redigiu artigos para "A Semana". Com a sua mentalidade de adolescente puritano, dedicou o primeiro artigo à crítica do realismo demasiadamente cru de "*La Terre*" de Émile Zola, livro recém-chegado da França.

Passados alguns dias, na Rua do Ouvidor, sentiu que lhe batiam nas costas. Voltou-se e reconheceu Júlio Ribeiro, seu antigo professor no "Culto à Ciência", em Campinas.

— Oh, como vai, Dr. Ribeiro? Quanto prazer em vê-lo!

— Li sua opinião n' "A Semana", sobre *La Terre*. Você exprimiu-se muito bem — louvou-o o autor de "A Carne", — mas não concordo com suas opiniões. Estive quase a contradizê-lo, pela mesma revista, mas acabei desistindo.

— E por quê? — perguntou-lhe Octavio. — Seria para mim uma honra travar, pela imprensa, um debate literário com o meu ilustre Mestre.

E Júlio Ribeiro replicou:

— Sabe por quê? Porque não sei discutir sem dizer desaforos, sem machucar. Mas a você eu quero bem e, não desejando magoá-lo de forma alguma, preferi calar-me.



Sob a influência de Voltaire e de seus pares, havia muito que secara, que se lhe diluira a piedade religiosa. Mas ficara-lhe, no lugar dela, uma grande perturbação de espírito e o deísmo voltairiano. O globo fôra criado sem objetivo aparente, por um Deus insensível, alheio aos nossos males e problemas.



Aproximava-se o final dos estudos. Realizados os últimos exames, a 5 de novembro de 1889, Octavio Mendes colou grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais.

Durante a solenidade da colação de grau (quatro de cada vez — Mendes Pimentel, João Luiz Alves, Tôrres de Oliveira e Octavio Mendes), ouviram-se as cadências marciais do Hino Acadêmico — que não fôra programado para a ocasião — e cujos acordes cresciam, rápidos, executados por uma banda que se aproximava.

Alvoroço dos convivas e bachareis. Uma bela figura de velho assoma à porta do salão, à frente dos músicos. Era o tio Tonico, que voltara ao

Brasil, desembarcara em São Paulo naquela manhã e fôra assistir à formatura do sobrinho-neto. Vivas, aplausos e congratulações ao grande homem.

Tio e sobrinho abraçam-se, comovidos. Carlos Gomes ostentava ainda a vasta cabeleira leonina, ainda lhe fuzilavam os olhos expressivos, mas como vinha alquebrado e envelhecido! Conquistara a glória de um salto, com o "Guarani", mas tudo nêle traia o quanto lhe custara depois, em dissabores e desenganos.

O velho e o moço não mais se largaram nesse dia e, na viagem para Campinas, Carlos Gomes narrou a Octavio a sua existência entretecida de provações. A morte da mulher, a pouca saúde dos filhos, a guerra sem quartel que lhe moviam os demais compositores na Itália e o despeito rancoroso dos contrerrâneos na côrte.

Suas obras eram cantadas nas grandes capitais européias. "O Escravo", a última, fôra bem recebida pelo público mas, como as anteriores, não lhe proporcionara os resultados materiais com que contara e as dificuldades financeiras continuavam. Seu maior anseio era, agora, uma colocação, um pôsto em sua terra. Desejava findar a vida sob o céu brasileiro. O Imperador prometera-lhe o cargo de diretor do Conservatório de Música no Rio de Janeiro.



Octavio encontrou a família residindo em ótima casa própria, de sobrado, na Rua São Pedro, dentro de um jardim, onde cresciam doze palmeiras imperiais. Leopoldina abraçou o filho que voltava doutor, com lágrimas na voz e nos olhos. Não se cansava de admirá-lo e remirá-lo, envaidecida, não cabendo em si de felicidade. Maneco esperou-o com uma festa, muitos convidados, música e petisqueiras. Sucederam-se as danças até alta madrugada.

SONHO REALIZADO

Bacharel, ansiava Octavio por rever Elisa, que havia dois anos era a razão primeira de todos os seus sonhos de ventura. Na Academia, tornara a encontrar Nhonhô Moraes, seu contemporâneo do "Culto à Ciência" de Campinas, que passara para o quarto ano de Direito, irmão de Elisa. Nhonhô adivinhara o romance que, zelosamente oculto aos olhos profanos, Octavio alimentava nos recessos de sua alma e, admirando-o sinceramente, convidara-o para voltar a Piracicaba em dezembro.

Agradecido, Octavio atendeu ao convite e teve assim ensejo de rever a criatura de seus sonhos, agora, em casa, rodeada dos pais, irmãos e parentes.

A atmosfera patriarcal, a vida singela, feita de intimidade e carinho, o ambiente acolhedor que se respirava naquele lar, ainda mais contribuíram para estimular-lhe a esperança e robustecer-lhe o íntimo desejo de vir um dia a fazer parte da família.

No sábado à noite, Nhonhô levou-o ao Clube Piracicabano, e Octavio dançou com Elisa. Não trocaram uma palavra, mas os olhos de ambos falaram tudo aquilo que os lábios não teriam sabido pronunciar. Compreenderam-se.

A palpitante mocidade, a graça donairosa, a tímida reserva, o profundo mistério dos olhos, fúrnas de escuridão, afiguraram-se a Octavio mais fascinantes ainda do que lhe pareciam à distância. Para êle, o semblante delicado e belo, o porte simples e, ao mesmo tempo, sobranceiro, altivo sem arrogância, resumiam a suprema distinção.

Ao voltarem da festa, não se saciava Octavio de contemplar-lhe o rosto iluminado pela lua, os olhos entrefechados, sob os longos cílios negros, o modelado contôrno dos lábios...

— Hei-de fazer o impossível para merecê-la, — prometia a si mesmo o moço apaixonado. — Se me fôr dada a ventura de esposá-la...



Inebriado com a idéia do casamento, só pensava em trabalhar e produzir; mas produzir em trabalhos da profissão que abraçara: a advocacia.

Entretanto, como e onde descobrir, desentranhar os tão cobiçados clientes? Visitou os advogados campineiros de renome, que o festejaram e lhe prognosticaram um belo futuro. Todavia, pouco ou nada lhe deram que fazer.

O seu primeiro caso surgiu de maneira quase inesperada. Tratava-se de uma pobre mulher, esposa de um fazendeiro rico do município de Campinas, maltratada pelo marido, cujos irmãos, sa-

bedores da triste situação em que se encontrava a irmã procuraram, por indicação de terceiros, o recém-formado bacharel. Era um caso claro de desquite litigioso a ser proposto pela mulher, sujeita aos mais atrozes maus tratos por parte do marido, que ainda a humilhava publicamente fazendo praça dos seus amôres adúlteros com uma negrinha da fazenda. Encarregado do caso, Octavio entusiasmou-se. Arrolou testemunhas, derrubou livros, consultou mestres, estudou, pesquisou, inquiriu, trabalhou. Ao termo de alguns meses de trabalho, apresentou as primeiras razões. E fê-lo com tamanho entusiasmo e tão profunda convicção, juntando-lhe provas de tal forma insofismáveis contra o procedimento do réu, que venceu cabalmente o processo.

Libertada do seu verdugo, que a mantinha em cárcere privado, a espôsa maltratada e humilhada foi morar em Campinas, com o irmão mais velho, sendo o marido obrigado, pela justiça, a pagar-lhe alimentos, sob pena de prisão. Octavio recebeu, a título de honorários, dois contos de réis, importância considerável na época.

Entretanto, por maior que fôsse a soma ganha numa causa, ela se acabaria dissipando em pouco tempo se, após a primeira, não surgissem outras causas e não se canalisassem para os bolsos do causídico novos honorários. E este se veria, sem dúvida, em papos de aranha, não fôra a solicitude

com que o mais chegado e amigo dos correligionários políticos de Maneco, Américo Brasiliense, percebendo as dificuldades em que se debatia Octavio no início de sua vida profissional, lhe acudiu com o seu prestígio de republicano de primeira hora. Américo Brasiliense conhecia Octavio e sabia-lhe do valor. Desejoso de auxiliá-lo, antevendo para êle brilhante carreira política, obteve-lhe a nomeação, em fins de 1890, para Procurador Geral da República em São Paulo.

A nomeação chegou de surpresa, para júbilo do rapaz, que principiava a desesperar-se ao ver que em Campinas, desajudado, difficilmente poderia viver da profissão que escolhera. Transferiu-se outra vez para a capital do Estado, agora percebendo vencimentos de 460\$000 mensais. Para um moço de 21 anos, que sonhava casar, o futuro já principiava a clarear, já se delineava assegurado e promissor.



Por uma bela tarde de abril, Octavio Mendes, Leopoldo de Freitas e Max Fleiuss conversavam no Largo do Rosário. Discutem política, naturalmente. Súbito, o primeiro arregala os olhos, cravados num ponto determinado, e deixa uma frase em meio. Intrigados, voltam-se os outros dois e avistam, a uns vinte metros de distância, uma jovem vestida de branco e uma criança, que se aproximam pela mesma calçada.

Era Elisa de Moraes Barros.

Ela passa pelo grupo e os três rapazes se descobrem, fazendo-lhe barretadas com os chapéus. A jovem retribui os cumprimentos, fixa Octavio um segundo a mais e afasta-se com a companheirinha.

Octavio segue-a com os olhos, obnubilado, até vê-la desaparecer. A seguir, perdido o fio da palestra, que não mais o interessa, alega um encontro urgente e despede-se dos amigos.



Ilmo. Am.^o Dr. Moraes Barros

São Paulo, 21 de maio de 1891

A sua saúde e a de tôda a exma. família
— eis o meu desejo.

Há muito que pretendia escrever-lhe esta carta; só agora, porém, tenho a coragem de o fazer.

Voltando de Piracicaba em janeiro de 1889, (estava então no meu 5.^o ano), trouxe daí agradabilíssima impressão de sua exma. filha d. Elisa. Vendo-a últimamente aqui em São Paulo, essa impressão reapareceu mais forte ainda, e leva-me neste instante a cometer a ousadia de pedir-lhe a mão dela.

Sou o primeiro a confessar que não tenho o menor direito de esperar uma resposta favorável, visto não possuir sequer um nome feito para depôr aos pés de sua exma. filha; mas conheço o seu caráter, com o qual o meu se casa perfeitamente, e além disso, tenho sempre presentes ao espírito as provas de consideração que lhe tenho merecido: — é tudo isso que me dá coragem para apresentar-me só, sem padrinhos, com o valor que porventura me concederam a natureza e os meus esforços.

A exma. d. Elisa há de estranhar, certamente, que eu me atreva a pedi-la sem o seu consentimento. É na verdade, uma falta, e da qual peço-lhe desculpas, mas falta que, por mais que eu quisesse, não me foi possível evitar, porquanto desde que esta idéia vive em mim, jamais pude falar-lhe.

E, se não tenho resignação para esperar que o acaso me depare ensejo propício de consultá-la, é porque receio perdê-la enquanto espero, não me ficando a certeza da recusa para aplacar o remorso que teria de minha fraqueza.

É escusado acrescentar que, se conseguir o que almejo, terei realizado o mais belo sonho de minha vida, do que sempre me lembrarei, para trabalhar pela felicidade de sua digna filha.

Pego-lhe uma resposta tão breve quanto possível, em vista da cruciedade em que fica o

Am.º

Octavio Mendes

O Dr. Manoel de Moraes Barros era ituano, filho de um tropeiro, José Marcelino de Barros e de Dona Catarina de Moraes. Morrera-lhe o pai, assassinado por um escravo, enquanto dormia em viagem, à margem do riacho Ipiranga, em 1843.

Foi êsse o último crime em São Paulo castigado com a pena máxima da fôrça, e os despojos de José Marcelino foram os últimos sepultados na velha Igreja de N. S. dos Remédios, na atual Praça João Mendes.

Desde o seu casamento com Dona Maria Ignez da Silva Gordo, o Dr. Moraes Barros residia em Piracicaba, tendo ali aberto, em 1860, sua banca de advocacia.

Dono de formosa e cultivada inteligência, o seu máximo escrúpulo e rara atividade muito concorreram para formar a auréola de retidão que sempre lhe circundou o nome.

Eminentemente liberal e combativo, fundara, em 1870, com mais 15 amigos, o Partido Republicano de Piracicaba, e comparecera à Convenção de Itu em 1873, como seu delegado especial.

Em 1875 a êle aderira, o irmão, Prudente de Moraes, a quem o destino reservava a mais alta e brilhante carreira política em terras brasileiras. Mas se, cinco anos mais moço, Prudente era o estadista nato, homem de gabinete, extremamente reservado, Moraes Barros era o homem de ação, o chefe popular, de índole essencialmente comunicativa.

Tinha na vida uma grande paixão. A instrução popular era a sua mística, o analfabetismo o inimigo a que não dava tréguas. Ensinar o povo a ler, multiplicar as escolas, difundir o ensino por todos os meios foi-lhe a preocupação obcecante de tôda a existência.

Moraes Barros formara devagarinho, com as economias a custo reunidas e os lazeres que lhe permitiam as muitas atividades, uma fazenda de café: o "Pau d'Alho", que era, a seu ver, um pedaço do céu. Lá repousava, lá se retemperava, após sofrer as decepções da política e as aleivosias dos homens.

Erguia-se o "Pau d'Alho" sôbre uma colina, de onde se avistava imenso e grandioso panorama que, nos dias claros, abrangia a própria cidade de Piracicaba, a léguas de distância.

Até ali existia uma escola, por êle mantida e presidida. Nas festas de fim de ano, não lhe esqueciam os prêmios, e êle acarinhava os alunos, filhos de ex-escravos e colonos.

Pai extremo e dedicado, era o orgulho dos filhos, que o idolatravam, e o mais íntimo amigo de cada um. De têmpera varonil e inexcedível altivez, poderia exclamar, orgulhoso, anos depois:
— Filho meu, nenhum é funcionário público.



A esta altura entreguemos ao amigo o fio da narrativa. São de um artigo de Max Fleiuss, publicado no “Jornal do Comércio” do Rio de Janeiro, sob o título “Recordando...” êstes trechos:

Tendo recebido o grau, veio Octavio passar comigo uma semana, em minha casa do Cosme Velho.

Era um hóspede ideal, pois dispensava êsses mil cuidados que beiram pela impertinência. Gozava de ampla liberdade no pedir e em agir.

Nesse tempo fi-lo conhecer alguns de meus amigos: Conselheiro Caminhoá, Eduardo Chapot Prévost, Antonio Nogueira, Fernandes Figueira, Dario Freire e outros.

Com a permanência, embora rápida, entre os meus, nossa estima, se possível, mais se radicou.

Mais tarde prometeu-me nôvo passeio ao Rio — “lá para o dia 8 ou 10 de julho. Isto

sem falta, mesmo porque preciso contar-te uma novidade, uma enorme, extraordinária novidade, dêste tamanho. *Novidade*. Vais ver quando aí chegar, ouvirá, o que é — Teu Octavio”.

Respondi imediatamente, acreditando tratar-se de casamento. Replicou-me nas seguintes entusiásticas palavras:

“Max: Adivinhaste, querido amigo! No dia 24 do mês passado, tratei o meu casamento com Elisa de Moraes Barros, filha do Dr. Manoel de Moraes Barros, deputado ao Congresso Federal, pelo que hás de conhecê-lo. Nada preciso dizer-te sôbre a minha noiva, pois se ela soube cativar-me, a mim que tanto conheces, é porque é formosa, boa, distinta a todos os respeitos. O casamento está marcado para 11 de agôsto, e, desde já te declaro, se não vieres assistir esgano-te. Então, que achas?! Participa em meu nome o fato à tua veneranda mãe, aos nossos amigos, especialmente ao Dr. Antonio Nogueira. Sinto-me feliz, enormemente feliz, pois vejo realizado o mais belo sonho de minha vida, em que já pensava há muito. Tenho vontade de abraçar todo mundo, pelo que calcularás a efusão sincera do abraço que te envio nesta carta. Escreve ao teu — *Octavio*”.

Meses após dizia-me: “Max. Parto depois de amanhã (domingo) para aí; e por motivos que compreenderás, não quero ir para a casa do Moraes Barros e por isso te incomodo mais esta vez, pedindo-te hospitalidade, mesmo porque receio que êles saibam de minha viagem e estejam na estação à minha espera. Por isso conto com a tua velha amizade, para me servir nesta conjuntura. Teu *Octavio*”.

Efetivamente, Octavio Mendes veio para minha casa que, então, era à Rua do Rezende, n.º 14.

Daí saiu êle para a cerimônia do casamento. O padrinho devia ser Campos Salles que, não podendo comparecer, fêz-se representar por Francisco Glicério.

O ADVOGADO

Nomeado, em 1890, Procurador Geral da República em São Paulo, Octavio Mendes passou a exercer no ano seguinte as funções de Promotor Público em Campinas, de onde saiu, em 1893, para assumir o cargo de Juiz de Direito da comarca de Sorocaba.

Para um moço que se formara havia pouco mais de três anos, a sua carreira afigurava-se sobremodo brilhante e rápida. Procurador da República, Promotor Público, Juiz de Direito de uma das mais importantes comarcas do interior do Estado! Era a existência tranqüila, o futuro assegurado, a vida sem sobressaltos, que lhe daria lazer suficiente para quaisquer estudos que desejasse empreender, sobretudo na carreira que abraçara. Apaixonado pelo Direito, poderia, nos vagares que forçosamente lhe ensejaria a magistratura, dedicar-se com o afinco e a perseverança que já então o caracterizavam, ao estudo que tanto o entusiasmava. Dali a chegar aos mais altos postos da magistratura nacional seria, pura e simplesmente, uma questão de tempo.

Entretanto, duraram apenas dois anos as atividades de Octavio como juiz de Sorocaba. Já em 1895, vêmo-lo despir a toga do magistrado e

voltar a São Paulo, onde se fixou definitivamente, montando banca de advogado na capital do Estado.

Teria, acaso, trocado o certo pelo duvidoso? Foi essa, pelo menos, a impressão que causou a sua decisão aos que não o conheciam intimamente, aos que não se advertiam das imensas reservas de energia acumuladas naquele moço de olhar profundo e penetrante, que sabia querer e sabia o que queria, e que, a despeito da sua pouca idade, já proferira notáveis decisões em processos que julgara.

Advogado antes e acima de tudo, sentira Octavio que, como juiz de uma cidade do interior, jamais se realizaria plenamente, veria sempre tolhido o desenvolvimento de tudo o que se sabia capaz de fazer. A essa altura, a família já aumentara. De Campinas, comunicara, alegremente, ao amigo de tôdas as horas, o nascimento da primogênita:

“Max. Inezinha, que assim se chama minha filhinha, está muito gordinha e esperta. Vem vê-la, e se achares bonitinha, podes tratar casamento com ela.”

Sílvia nascera em Sorocaba.

Entretanto, a despeito do aumento das suas responsabilidades, não se temeu do passo que, após madura reflexão, decidira dar. Não ignorava os riscos que corria, mas conhecia, de sobejo, a pró-

pria capacidade. De mais a mais, afeito à luta, só nas vitórias logradas com esforço encontrava sabor.

Que os primeiros tempos foram excepcionalmente difíceis disse-o êle mesmo em carta a uma das filhas, escrita anos depois.

“O princípio da vida é difficil para todos e só são felizes aquêles que são capazes de enfrentar e vencer essas difficuldades. Aquêles que encontram tudo fácil e arranjado pelos pais, sem difficuldade alguma a vencer, sem necessidade de trabalhar, em regra acabam mal. A vida é uma árvore que só dá bons frutos à fôrça de trabalho e esforço, tenaz e contínuo. Sem êsse esforço, sem luta, a árvore definha e degenera, recusando os frutos a todo aquêle que se entregar ao desalento, incapaz de lutar.

.....

“O primeiro ano de um escritório de advogado é sempre difficil e pobre de serviço. Eu, no meu primeiro ano de advocacia em São Paulo, houve um dia em que fiquei com 1\$000 no bôlso. Nem por isso desanimei, e Elisa jamais percebeu qualquer desalento de minha parte, nem teve que sofrer das difficuldades que encontrei, que só de mim ficaram conhecidas.”

Mas se os primeiros tempos foram excepcionalmente difíceis para o advogado da província, sem nome, que se aventurava na capital, trazendo, com a família, os mais puros ideais, um grande amor ao Direito, extraordinária capacidade de trabalho e inquebrantável energia, também não foram muito longos. Em pouco tempo, trabalhando dez e mais horas por dia, dedicando-se inteiramente às causas que aceitava, conquistando as primeiras vitórias no Forum de São Paulo, Octavio Mendes consegue granjear, aos poucos, renome como advogado. Dotado de saúde de ferro, pasmosa vitalidade e um organismo capaz de resistir às circunstâncias mais desfavoráveis, o trabalho não o assusta; antes, gosta de enfrentá-lo, de lutar com êle, e dessas pugnas sempre se sai vencedor. Acrescente-se a isso uma memória prodigiosa, uma sede que se diria inesgotável de conhecimentos, não só jurídicos senão também históricos, sociológicos, filosóficos, literários, uma capacidade de compreensão e sobretudo de síntese que o fazem enxergar de pronto, muita vez, no emaranhado das razões e contra-razões de um processo o ponto vulnerável, e ter-se-ão, senão todos, pelo menos os elementos mais importantes para explicar o triunfo relativamente rápido do advogado.

Além disso, inteiramente devotado à família, ao trabalho e aos estudos, não tem vícios. Não fuma, não bebe, não joga. Não conhece aventuras. Faltam-lhe o tempo e a disposição para elas. Não

tendo sido boêmio quando estudante, não o seria quando precisou trabalhar por quatro. Tôdas as suas energias concentra-as na consecução do seu ideal — vencer. E a vitória está ao alcance de sua mão.

Ao iniciar-se o século, em 1900, cinco anos depois de haver deixado Sorocaba e a magistratura, Octavio Mendes prospera no exercício da advocacia. Aos trinta anos, advogado que já se tornava conhecido em São Paulo, adquire casa — um palacete à Rua Conselheiro Nébias n.º 82 — e nela abriga a família, que então já se constituía de quatro filhas: Inezinha, Sílvia, Cecília e Nina.

Sôbre a verdadeira paixão com que exerceu a profissão durante tôda a sua vida, dirão muito melhor do que todos os biógrafos, alguns trechos de suas próprias cartas, escritas em diversas épocas, e dirigidas a genros e ao filho. Citemos algumas, sem preocupação de datas, que bem constituem amostra da maneira pela qual Octavio Mendes encarou a profissão em tôdas as datas de sua vida e sempre o nortearam no exercício dela.

“V. replique ao juiz dizendo que V. exhibirá o título aos credores que foram nomeados para falar sôbre o crédito do *British*, não sendo a mais obrigado pelo art. 82 da lei de falências.

“A êsses credores V. apresentará o título para que o examinem quanto quiserem, *mas na vossa presença*, e depois do exame V. exigirá de nôvo o título e o guardará até o dia da reunião, onde o exhibirá de nôvo, se fôr exigido.

“É impossível que o juiz, por muito burro e ignorante que seja, indefira o pedido de designação dos dois credores, desde que V. declare que a êsses credores V. exhibirá a letra. A designação dos credores o juiz deve fazer na própria petição em que V. pedir tal coisa, não havendo necessidade de ser a petição juntada aos autos. A essa petição V. poderá juntar o título, desde que o exhiba apenas aos credores e o arrecade, logo depois de examinado. Assim, talvez V. ladeie a dificuldade, que não posso atribuir senão à ignorância e falta de prática do juiz.

“A ação revocatória de que V. me fala, só pode ser proposta nos termos do art. 56 da lei de falências, isto é, provando-se fraude de ambas as partes contra o vendedor e o comprador.

“A prova da fraude não é fácil, visto como só se pode fazer por indícios. V. deverá provar que o comprador não tinha fortuna suficiente para justificar a compra, que era e é amigo íntimo ou parente do vendedor, que

devia e não podia pagar tais e tais dívidas ao tempo em que foi lavrada a escritura, que o vendedor continuou a morar na casa depois da venda, etc. etc., enfim, todo e qualquer fato só explicável se a venda foi fictícia ou simulada, apenas para evitar a arrecadação do imóvel em caso de falência.

“Provada a fraude, V. terá direito a pedir não só a restituição do imóvel à massa, anulando-se a escritura, mas também a restituição do aluguel que a casa poderia produzir desde a data da escritura anulada (art. 58 da lei).

“O processo deverá ser o sumário, nos termos do art. 60 da lei. Muito cuidado com o processo sumário, em que uma nulidade é muito fácil de se dar. Nada de pressa, faça tudo com vagar e muito cuidado, para sair bem feito. Dos primeiros serviços depende muito a reputação do advogado. Se é feliz, acredita-se, e os clientes começam a aparecer. Ao mesmo tempo, o advogado enche-se de entusiasmo para trabalhar. Se é infeliz, os clientes começam a desconfiar dele e a evitá-lo, e o advogado começa também a desanimar. Por isso, muito cuidado para o serviço ficar bem feito e V. ganhar a causa.”

“O advogado precisa defender ferozmente o dinheiro do cliente que nêle confiou; por isso, V. não seja fácil em ir pagando tudo quanto lhe pedirem, mormente avisado como está por mim.”

“Em primeiro lugar, um abraço com as minhas sinceras felicitações e melhores desejos pelo seu aniversário. Que você tenha sempre boa saúde e continue a viver satisfeito com sua mulherzinha, sempre disposto para o estudo e para o trabalho, à espera das boas causas e dos bons clientes, que hão de vir, principalmente depois que V. começar a tomar gôsto pelo estudo do Direito, o qual como tôda arte e ciência superior não se ama à primeira vista, mas só depois que se compreende bem, à fôrça de meditação e de leitura.”

“Vai também a carta do Carvalho de Mendonça, que V. precisa mostrar ao juiz *com muito cuidado*, de forma que êle não leia a segunda fôlha, na qual está a assinatura do homem, e em que há referências pouco lisonjeiras ao juiz. Que êste leia só a parte assinalada, em que o C. Mendonça me perguntava, já em dezembro do ano passado, por que eu não requeria a habilitação pelo

art. 87, que a êle, Mendonça, parecia de êxito seguro?!

“É extraordinário que o juiz pretenda entender a lei 2.024 melhor do que o seu próprio autor, e assim não queira considerar o banco quanto ao seu privilégio pignoratício e ao seu direito de retenção como um credor retardatário, contra o que o Dr. C. Mendonça diz *expressamente* no n.º 895 do seu 8.º vol....”

“Temos tido bastante serviço no escritório, a ponto de me obrigar a trabalhar mais do que eu pretendia. Mas o tenho feito com satisfação, como sempre quando trabalho. Esta última semana, então, não tive mãos a medir.”

De seu entusiasmo pela profissão é ainda nota marcante a carta que dirigiu de Nápoles ao filho, a 7 de Janeiro de 1926:

“Esta é só para te remeter a notícia acima, que cortei do “Temps”, de Paris, pela qual você verá que um rapaz, advogado, tentou se suicidar em Paris, sòmente porque tomou um “pito” do “batonnier”, chefe da Ordem dos Advogados. Isto mostra com que rigor de honestidade é exercida a profissão de advogado na França, porque é só lá, *absolutamen-*

te só lá, que tais fatos se dão. Mostre a notícia ao Plínio Barreto, o qual poderá, sobre êsse fato, burilar uma das suas apreciadas "Crônicas Forenses".

Em 1910, aos quarenta anos de idade, Octavio Mendes poderia considerar-se plenamente vitorioso. Vendera o palacete da Rua Conselheiro Nébias e construía uma bela casa na Avenida Paulista n.º 73, dentro de um terreno de 6 mil metros quadrados, que fazia esquina com a Rua Itapeva, de um lado, e a Rua Ester, nos fundos, verdadeiro parque sombreado de formosas árvores. Além disso, adquirira uma boa fazenda de café, no município de Dourados, de 500 alqueires. E o seu escritório, à Rua Direita, n.º 10-C, na cidade, onde trabalhava com Nhinhô Moraes, o cunhado, e o irmão, Chico, era uma das mais conceituadas e florescentes bancas de advocacia de São Paulo.

A família, a êsse tempo, já aumentara. Além de Inezinha, Sílvia, Cecília e Nina, haviam nascido também Octavinho e Nonozinha.

Levantava-se com o romper do dia e estudava e arrazoava autos até às 11 horas. A seguir, subia, e, nos quarenta minutos seguintes, dedicava-se aos exercícios de ginástica sueca, de acôrdo com *Mon Système*, de Miller, que então principiava a difundir-se. Executava-as com decisão e a consciência que punha em tudo o que fazia. Tal-

vez exagerasse, multiplicando o número indicado para a repetição dos movimentos violentos. Depois, ia para o banho e daí para o almoço. E, à 1 hora e pouco da tarde estava na cidade. Ia a pé, tanto no inverno quanto no verão, da Avenida Paulista à Rua Direita, percorrendo os 4 quilômetros do trajeto em meia hora de caminhada.

Usava chapéu-do-chile, trajava o ano todo roupas de brim branco, colarinho, punhos e peito da camisa engomados. Se alguma vez, raríssima, quando o frio apertava, surgia na cidade de terno de casimira, espantava os amigos, que o cuidavam doente.

Fazia todo o serviço forense, assistia às assembleias de credores, comparecia às audiências ou proferia defesas orais no Tribunal. Das 4 horas em diante recebia os clientes no escritório, que deixava depois das 6, ao voltar para casa, sempre a pé. As filhas costumavam ir encontrar-se com ele no Largo de São Francisco, na esquina da Faculdade de Direito, para voltar em sua companhia e custava-lhes acompanhar os passos largos e regulares do pai. Findo o jantar, tornava a sair a pé, desta feita com Elisa, em visita aos parentes. E, antes de recolher-se, percorria os leitos dos filhos pequenos, atendia-os, cobria-os melhor e, de ordinário, só se deitava depois de meia-noite.

Quando um filho adoecia, Octavio mal se deitava. Velava-o, tomava-lhe a temperatura a

horas certas, ministrava-lhe os medicamentos em companhia da mulher e, muita vez, varava a noite à cabeceira do pequenino enfêrmo. Mas, na manhã seguinte, estava de volta à sua mesa, trabalhando como se tivesse dormido a noite tôda.

Acrescente-se à essa vida intensa de trabalho a direção da fazenda, a “Bela Vista”, aonde ia quase todos os fins de semana e onde passava as férias sempre que possível.

Aos 40 anos de idade, Octávio Mendes poderia considerar-se um triunfador. Cruzando a Avenida Paulista com passo largo e resoluto, o olhar sereno e confiante, vendo brotarem à sua volta as mansões que, aos poucos, faziam a formosa via pública uma das mais belas de São Paulo, sentindo estuar em tórno de si a cidade fervilhante, tinha a impressão de crescer com ela e sobejavam-lhe motivos para sentir-se realizado. A própria situação de sua casa, num dos pontos topogrâficamente mais altos da cidade, era bem o espelho da sua situação, um como que prêmio àrduamente conquistado com o ingente esforço de vinte anos, sem tréguas, sem desfalecimentos, sem concessões, sem transigências. Octavio Mendes vencera. E com um sentimento de quase insopitável orgulho o antigo molecote de Campinas descia a Avenida Brigadeiro Luiz Antonio em demanda do seu escritório, no centro da cidade.

P A R A L I S I A

Durante todo o mês de janeiro daquele ano de 1910, o calor foi torturante: 33 graus, 34 graus à sombra. Borrascas desabavam furiosas, mas persistia a canícula, os termômetros não baixavam. Octavio obstinava-se no mesmo trem de vida, zombando do próprio cansaço. Não se lembrava do bonde e nem cogitava do carro — um dos primeiros automóveis importados de São Paulo — esquecido na garagem.

— O automóvel é de Elisa, prefiro andar a pé, — dizia.

No dia 29, um sábado, desatinado de calor e desesperado de dor de cabeça, viu-se obrigado a deixar o escritório mais cedo. Três sorvetes que mandara vir não conseguiram aliviar-lhe o fogaréu que sentia nas veias. Subira o termômetro a 35° à sombra. Na rua, encetou, como de hábito, a marcha de volta para casa, porém com enorme sacrifício. Venceu a Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, a cabeça a martelar-lhe, o corpo em brasa. Chegado à esquina com a Avenida Paulista, sentiu uma tontura que lhe turbou a vista e, por medida de precaução, tomou o primeiro bonde que passava. Estalava-lhe a cabeça. Rafael Sampaio,

um amigo que morava perto, ao vê-lo subir no veículo, estranhou o fato e interpelou-o:

— Que é isso, Octavio? Você, de bonde?

Em casa, louco por um banho, abriu a torneira, mas, precavido, ligou o aquecedor. Entretanto, recebeu em cheio, nas costas, o primeiro jato de água fria, que lhe provocou arrepios de alto a baixo da espinha dorsal. Recusou o jantar. Latejavam-lhe as veias, a enxaqueca recrudesceu.

Quando a mulher o convidou para irem cumprimentar a mãe, recém-chegada de Campinas, respondeu que preferia ficar no jardim. Pediu uma almofada e espichou-se num banco, onde Elisa, na volta, o encontrou adormecido.

Passou mal a noite e o dia do domingo. Pesavam-lhe as pernas, doía-lhe a cabeça. E que cansaço! Nunca sentira cansaço igual. Não quis almoçar e nem jantar, nauseado. Recolheu-se cedo. Alarmada, Elisa foi consultar Nicolau, seu irmão médico. Êste receitou um banho morno, demorado, e uma boa dose de calomelano.

Leopoldina viera ver o filho e, desconfiada de sua tez congesta, do seu abatimento nunca visto e daquelas dores incompreensíveis, deixara-se ficar lá, na Avenida. O que foi êsse banho para Octavio e para as duas mulheres que o tiveram de ajudar, conservou-se na memória da mãe: um dos momentos mais cruciantes de tôda a sua vida. Octavio custou a levantar-se. Dir-se-ia embriagado. Não

conseguia manter o equilíbrio e ameaçava cair a cada instante. Leopoldina e Elisa não tinham forças para sustentá-lo em pé e êle desmoronou dentro da banheira, despedindo um gemido, a cabeça a zunir-lhe numa vertigem. E para sair dali, vinte minutos depois...

A noite foi ruim, com dores por todo o corpo e uma estranha, inexplicável prostração, que quase não lhe permitia virar-se no leito. Mas cochilou de madrugada e, na manhã seguinte, já se sentia melhor. Quase sem dores e mais disposto. Como quer que fôsse, não teve ânimo de levantar-se, tencionando reservar as energias para ir ao escritório logo mais, à tarde.

Nicolau foi vê-lo e convenceu-o a continuar descansando. Era evidente que êle fôra acometido de tremenda intoxicação, agravada pelo calor. Tivesse paciência e, na terça-feira, estaria refeito, pronto para outra. Octavio cedeu a contragosto, mas fez questão de descer ao escritório, no andar térreo, a fim de verificar o que o Chico, o irmão, deveria fazer na cidade, em seu lugar.

Desceu sòzinho as escadas e riu-se, surpreso com as suas pernas: não reagiam como de costume. Mal lhe obedeciam; as plantas dos pés e os calcanhares caíam literalmente ao chão, a cada degrau.

— Estou fraco, há dias sem comer — explicou a si mesmo.

Chegado à biblioteca, redigiu notas, compul-sou documentos, telefonou ao irmão e tornou a subir a escada. A dificuldade com que o fêz, devagarinho, sem testemunhas, jamais a soube ninguém. Chegando ao quarto, deixou-se cair na cama, aniquilado pelo esforço despendido. Ingeriu um copo de leite e repousou algumas horas. Acordou com um pouco de febre e num estado de extrema prostração.

À noite, voltou Nicolau. Para cumprimentá-lo e conversar. Octavio quis virar-se na cama e ficar assim mais à vontade. O médico observou que êle se valia da mão para puxar a coxa direita, encolher a perna e mudar de posição.

— Para que isso? — indagou, de sobreaviso.

— É que esta perna está esquisita, não quer obedecer-me, — retrucou o doente, sorrindo.

Nada transpareceu da fisionomia do facultativo, que desconversou, falou do cometa de Halley, esperado naquele mês, narrou um escândalo ocorrido na véspera e despediu-se. A sós com Elisa, avisou-a de que mandaria vir um homem para ajudar o marido a movimentar-se no leito. E correu à procura de Rubião Meira, seu colega e amigo, a quem relatou, impressionado, o estado de saúde de Octavio e o que acabava de presenciar. Pouco mais tarde, saíam ambos para a casa de Matias Valadão, grande nome da medicina e especialista

em moléstias nervosas, sobretudo dos nervos locomotores. Os três colegas confabularam longamente e marcaram encontro na Avenida para a manhã seguinte.

Outra noite se arrastou, interminável, para o paciente, cujas dores aumentaram devagar. Os órgãos digestivos recusavam-se a funcionar, num mal-estar indescritível. A temperatura voltara a subir a 39°. Pela manhã, apresentou-se o enfermeiro e, logo depois, os clínicos, que examinaram Octavio dos pés à cabeça, um após o outro, afastando-se, em seguida, para a conferência a portas fechadas. Levou o conselho mais de uma hora e os três doutores voltaram à cabeceira do paciente. Discorreram sobre política e deixaram receitada a medicação clássica do início das infecções agudas: desinfetantes e sedativos.

As dores de cabeça, do ventre e do tórax haviam como que paralisado inteiramente o doente, que não tinha um minuto de sossêgo.

— Book! — chamava, e o enfermeiro acudia para virá-lo de lado, de costas, suspender ou esticar uma perna, que apoiava em travesseiros, ou mudar a posição de um braço.

— Book! — tornava, instantes depois, desatinado, e se aumentava ou diminuía o número de travesseiros, braços e pernas eram estendidos ou encolhidos, sem melhora sensível. O menor con-

tacto bastava a magoá-lo, exacerbar-lhe os sofrimentos.

As injeções de morfina pouco adiantavam. Comichavam-lhe as pernas, formigavam insuportavelmente. Êle pedia que lhe fizessem massagens, muito ao de leve, parecia aliviado por instantes, mas logo mandava suspendê-las por inúteis. O mais das vêzes devolvia os medicamentos ingeridos, tamanha a indisposição do estômago. Súbito, diminuíam as dores e Octavio dormitava meia hora.

A notícia alastrara-se e os amigos principiaram a afluir, em visitas ininterruptas, até alta noite. Caminhavam pé ante pé, e a porta de entrada permanecia entreaberta, para evitar os toques da campainha: se êle estivesse cochilando... Falavam em surdina e abanavam a cabeça. Interpelavam os médicos quando êstes desciam do quarto e acompanhavam-nos até a rua. Mas voltavam a sentar na sala, sem coragem de partir. Revezavam-se nas subidas ao quarto do doente, mas não lhe falavam, nem êle abria os olhos. Gemia sem descontinuar. Lamentos roucos, surdos, sincopados, dominavam o quarto e a casa inteira. Pareciam soar até na cozinha, tão profundo era o silêncio em tôda a casa, que se convertera em morada de fantasmas, a deslizarem pelos corredores, a subirem e descirem escadas, sobraçando botijas de água quente, bôlsas de gelo, novos remé-

dios, novas injeções, sucos de frutas, mais almofadas, compressas...

Oscilava a febre entre 39° e 40° e nada havia que a fizesse baixar. Octavio não sossegava um segundo, prêsas sempre de dores cada vez mais atrozes, mais alucinantes. As pernas, que haviam perdido todo movimento, jaziam agora inertes sôbre a cama. Pelo corpo, o martelar de um ferro em brasa. Ardia-lhe a cabeça. Não suportava que o tocassem e, no entanto, gemia constantemente, suplicando ao enfermeiro que o acomodasse melhor, que o socorresse na agonia.

De acôrdo com os colegas, Matias Valadão vinha vê-lo de manhã e voltava a fechar-se em sua biblioteca para estudar, compreender e tentar definir aquêle desnorteante caso clínico.

Reuniram-se os facultativos em conferência pela quinta vez e, na quarta-feira deram o caso por perdido. A febre ascendera desde cedo a 40° e ali se mantivera o dia todo. Atônitos e impotentes, os três médicos assistiam a rápida invasão da moléstia, que senhoreava os órgãos digestivos, sem que êles vingassem sustar-lhe a marcha assassina. Se a paralisia atingisse o coração — já chegara à cintura — sobreviria um colapso e com êle, fatalmente, a morte.

Os lamentos do enfêrmo eram cada vez mais dolorosos. Pouco falava e ninguém lhe falava. Um amigo que não conseguiu controlar-se fez ques-

tão de cumprimentá-lo, para despedir-se, talvez. Acercou-se da cabeceira da cama e chamou-o num soluço:

— Octavio, Octavio!

Êle entreabriu os olhos, que vagaram, perdidos, semi-inconscientes, até que, afinal reconheceram o Almeida e, pelo semblante torturado, perpassou-lhe a sombra de um sorriso.

Nessa tarde, pediu um espelho e examinou-se.

— Estou congesto, — resmungou, à meia voz.

Compressas geladas na testa e no alto da cabeça pareciam aliviá-lo por instantes. A prostração era tamanha que nem a cabeça movia e, no vácuo que o circundava, aproximou-se dêle uma sombra. Cuidou que estivesse morrendo, mas não se assustou. No entanto, o pulso não lhe fraquejara, o coração conservava-se firme, intacto.

Às oito horas da noite, o termômetro registrou uma baixa de meio grau e nessa temperatura estacionou até a madrugada. Às sete horas da manhã de quinta-feira a febre descera para 38°. Nesse dia ainda foi intolerável o mal-estar, tremenda a prostração e implacável as dores, mas o termômetro não registrou mais de 38,5°.

Deduzir-se o quê? Seriam prenúncios de melhora? Jazia Octavio largado na cama, gemendo ainda, mas cochilando de vez em quando. Era cedo, contudo, para um prognóstico de esperança. Como êle se recusasse a engolir o que quer que fôsse,

resolveram os assistentes alimentá-lo com sôro. Surgiu outro enfermeiro munido dos aparelhos necessários e, pelo espaço de uma hora, o doente não se pôde mexer, até que o líquido lhe penetrasse os tecidos. A mais êsse sofrimento foi-lhe acrescido o martírio da sonda diária para esvaziar a bexiga. Dias depois declarava-se uma inflamação interna, malgrado a perfeita assepsia com que Nicolau ministrava o tratamento.

Ao cabo de dez dias, rins, bexiga e intestinos reagiram um pouco. Amainaram-se as dores — se bem não se desvanecessem de todo — descongestionou-se-lhe gradativamente a fisionomia com a diminuição da temperatura, o tórax e os braços readquiriram a mobilidade e Octavio, maravilhado, pôde conciliar o sono por duas e três horas consecutivas. Depois, os médicos fizeram-no sentar-se na cama, arrimado a travesseiros, enquanto pessoas da família lhe amparavam a cabeça. As pernas, sôltas no ar, foram examinadas, à procura dos reflexos. Detida e insistentemente examinadas, mas os reflexos não se manifestaram. Repetiram-se nos dias imediatos, com resultados sempre negativos. Os reflexos, decididamente, haviam desaparecido.



Nos dias subseqüentes, sucederam-se as alternativas de melhoras e pioras. À noite, recrudes-

ciam as dores, torturando-o, e arrefeciam pela madrugada. Mas o doente já se alimentava um pouco e as náuseas não eram tantas. Cedeu a febre e, com ela, o cruciante mal-estar. Apenas os formigamentos nas pernas não lhe davam tréguas e perdurava a fraqueza extrema — emagrecera muito apesar dos reconstituintes, dos sôros, da alimentação.

Prescreveram os clínicos um tratamento de correntes elétricas, para ativar a reação dos nervos das coxas, das pernas e dos pés, que porventura houvessem conservado alguma energia e, mais tarde, quando êle as pudesse suportar, massagens diárias, durante uma hora, feitas por especialista. Ambos os tratamentos foram iniciados e seguidos com regularidade: a tudo se prestava Octavio, na ânsia de curar-se.



Certa noite, acordou na escuridão. Como não sentisse dores, não chamou ninguém. Os próprios formigamentos haviam desaparecido. Puxou uma perna, apalpou-a, apertou-a, bateu-lhe, arranhou-a, beliscou-a em vários pontos. Percebeu-a sensível aos tapas e arranhaduras, mas a dor provocada, passageira, logo cessava. Tornou a espichá-la e puxou para junto de si a outra perna. Examinou-a, observou-a, beliscou-a, como fizera à primeira, com idêntico resultado.

Exausto pelo esforço despendido, voltou-lhe a invencível inércia, a eterna sonolência; sua mente foi-se esvaziando das coisas reais, êle acomodou-se na cama e readormeceu.



No dia seguinte, para estranheza da família, Octavio, com os olhos baços, parados, a fisionomia como que petrificada, não articulou uma palavra, recusou alimentar-se, respondeu com monossílabos ao que lhe perguntavam. E dispensou o enfermeiro por aquela noite, a pretexto de que estava melhor e de que o homem precisava descansar. Ansiava por se ver sòzinho e voltar a auscultar-se, examinar-se melhor ainda, tirar prova, averiguar de uma vez por tôdas se a horrorosa suspeita que lhe saltara o espírito tinha razão de ser, se os médicos não lhe mentiam ao assegurar-lhe de pés juntos, que êle se restabeleceria paulatinamente.



A madrugada seguinte encontrou-o de olhos acesos na treva: por mais que forcejasse não lograva transmitir às pernas fôrças suficientes para se deslocarem um centímetro sequer. Tornou a puxá-las para si, arranhá-las, bater-lhes, apertá-las, num desvario. Tudo em pura perda. Dois dias haviam que nem formigavam. Nada... nada, nada. Seria, então, possível, seria crível que...? Octa-

vio compreendeu, naquele instante, a pungente realidade, que até então lhe fôra hàbilmente disfarçada pelo carinho da família e pela piedade dos médicos.

Compreendeu, num pronto, o motivo do insólito desvêlo, do carinho até, com que Nicolau lhe falava e da mal disfarçada compaixão de suas atitudes nas visitas diárias que lhe fazia.

Fremiu-lhe o corpo todo, como que respondendo a uma descarga elétrica. Subiu-lhe o sangue à cabeça. Não, não era possível, as suas pernas...

Com os olhos congestionados a despedirem chispas de revolta e furor impotentes, voltou a beliscá-las, a escalavrá-las. Torceu-as, chegou a ferí-las, machucá-las inútilmente. Um homem enterado vivo que despertasse de inopino não atacaria com mais fôrça a tampa do caixão, querendo empurrá-la, desvairado, levantá-la, para sair, libertar-se, voltar à vida.

Um soluço morreu-lhe na garganta. Doeu-lhe a alma físicamente. Acudiu-lhe à memória, certo domingo, anos atrás, em que saíra antemanhã com a indumentária de caçador, em busca de uma perdiz que tinham ouvido piar nas imediações de Caieiras. Acompanhavam-no um amigo, também emérito caçador, e dois cães perdigueiros. Era preciso que êle estivesse de volta nesse dia a São Paulo, pois tinha razões para redigir e duas audiências no Forum, marcadas para a tarde de

segunda-feira. Embrenharam-se mato a dentro, venceram capoeira e campos, mas a caça arisca só foi encontrada e morta pouco antes do escurecer.

— Vamos embora depressa, temos de pegar o trem das oito, — declarou ao amigo.

Mas êste, exausto com a pernada de dez horas contínuas, assegurou-lhe que a última composição vinda de Campinas, — no horário nôvo — passaria por ali às nove horas e tanto da noite.

— Você tem certeza disso? — inquiriu Octavio.

— Absoluta, — confirmou o outro.

Afrouxaram o passo. Chegados, porém, a Caieiras, ouviram do chefe da estação que o trem que por ali passava às nove horas e tanto era o que demandava Campinas.

— Aqui não posso ficar. Elisa está à minha espera e tenho serviço marcado para amanhã. Você vai comigo?

E fizeram a pé a enorme viagem de volta, chegando a São Paulo com a aurora. Ao abrir o portão de sua casa, Octavio encontrou Elisa à janela, à sua espera.

Às sete horas de segunda-feira já estava trabalhando nos autos, e as audiências no Forum realizaram-se com a sua presença.

Ah, as suas pernas...



Nas agoniantes semanas que se seguiram, Octavio viveu obcecado por uma idéia fixa: dar cabo da própria vida. Emagreceu mais e mais depressa do que durante a crise aguda da moléstia. Sim, se lhe tinham morrido as pernas, as pernas valentes e decididas, como e para que viver dali por diante? Por que não acabar com tudo de uma vez e dormir para sempre?

Seria rápido e simples. O revólver ali estava, armado, à mão, na gaveta do criado-mudo. Um momento de firmeza e estaria tudo consumado. Bastava-lhe enfiar o cano na boca e dar ao gatilho. Já não seria um inválido, um mutilado em pleno vigor da existência, na idade em que o corpo e o espírito alcançam normalmente a plenitude da força e da energia. Já não seria um trapo, um farrapo humano, a depender dos outros até para mudar de posição, até para satisfazer as mais elementares necessidades físicas. Viria com a morte o sono eterno, o eterno esquecimento... Viriam a paz, o equilíbrio, a completa e perfeita conformidade, doravante impossível enquanto vivesse; viria a justiça, pela qual sempre lutara, que tantas vezes defendera em benefício de outrem...

Não mais sofrer a própria e atroz diminuição física dada em espetáculo a todo o mundo; a decrepitude aos quarenta anos, indisfarçável a quantos se aproximassem; não mais surpreender, nas palavras e olhares de amigos e conhecidos, a piedade

insuportável, a comiserção distante e mal dissimulada dos que têm saúde, a compaixão que causava e humilha...

De que lhe serviria a vida se não podia mexer-se, se não lhe restava a mínima esperança de curar-se? Como arrastaria os dias que o aguardavam, os anos tenebrosos que lhe reservava o futuro? Como existiria, largado numa cama ou amarrado a uma cadeira de paralítico? Como? Para que, sim, para que?...

Existiria, dali por diante, como um sêr à parte, inferior a um cão, pois os cães têm pernas, movimentam-se como querem, vão aonde bem entendem. Êle, que dera sombra a tanta gente, a amigos e indiferentes, a reconhecidos e ingratos, ver-se-ia reduzido a morrer de sede se não lhe fizessem a esmola de um copo d'água...

Nas vésperas do seu aniversário, naquele ano, Elisa falou em ir à cidade, para comprar-lhe camisas novas.

— Prefiro que me dê uma corda para me enforcar, — atalhou êle com voz rouca.



Durou meses a agonia.



Se bem, contudo, a princípio, pudesse dar a impressão de ceder, de dar de si, Octavio, na realidade, não cederia. Bebeu até as fezes o cálice de amargura. Mas, serenados os primeiros e mais violentos ímpetos de revolta diante do golpe que se lhe afigurava profundamente estúpido e injusto, a rija têmpera do lidador, feita do aço puro com que se forjam as grandes almas, haveria de sobrepor-se ao infortúnio. E aos olhos, momentaneamente turbados pelo desespero e pelo desvario, voltaria a serena expressão de confiança nas próprias forças, de fé em si mesmo, de paciência e resignação.

É possível que, dali por diante, sorrisse com menos facilidade; que se agastasse mais amiúde; que o impacientassem com maior frequência os disparates alheios. É provável que uma ruga a mais lhe vincasse a testa ampla e arejada. Mas, volvidos os negros momentos do atroz pesadelo — que duraram horas, dias, semanas, meses — sentindo à sua volta o mesmo profundo carinho dos seus e, entre eles, o desvêlo inexcedível do irmão que o venerava, Cassiano, e que acabou substituindo o enfermeiro, a pouco e pouco, foi-se Octavio reacostumando à idéia de viver para a família, a despeito da moléstia. Sofrera duríssimo golpe, mas conservava ainda, praticamente intactas, as inesgotáveis reservas de energia.



Exauridos todos os recursos da medicina no Brasil, a conselho dos amigos e do próprio cunhado médico, Octavio decidiu buscar, numa viagem à Europa, onde poderia consultar as maiores sumidades contemporâneas da medicina mundial, se não o remédio, pelo menos a atenuação da paralisia. E dessa viagem, realizada em princípios de 1911, existem cartas e, sobretudo, o “Decálogo para minha filha”, pelos quais se verifica que o seu estado de espírito já era bem diverso do que revelara durante a crise aguda da moléstia. Assim é que, escrevendo em abril a Inezinha, que aproveitara a ocasião para um passeio à Itália, aconselhava:

“Quando V. passar por Florença não se esqueça que passa pelo berço do maior poeta de todos os tempos — Dante, cuja glória e cujo poema são suficientes para imortalizar Florença, a Itália e tôda a raça latina.

“Quando chegar a Veneza, não se esqueça de visitar a prisão dos *Piombi*, junto ao Palácio dos Doges. Aí numa das prisões passou Sylvio Pellico (o autor daquele livro “*Le Mieî Prigioni*” — de que eu gosto tanto) todo o ano de 1821, e uma de suas ocupações era dar comida às formigas que passavam por baixo da janela e a uma aranha, que ficou tão amiga do prêso, que subia-lhe à cama e ia receber das mãos dêle o mosquito que êle lhe guardava.”

Aí viveu Byron os melhores anos de sua vida e cometeu uma de suas proezas como nadador, atravessando a nado o grande canal.

“Aí morreu Ricardo Wagner, o grande gênio da música moderna.

“Já que não posso visitar a Itália com vocês, ao menos digo o que sei a respeito.”

Estas palavras e a carinhosa preocupação que revelam não são de um homem vencido pela desgraça. Da mesma época é o “Decálogo para minha filha”, composto por Octavio Mendes em Zurique, e que traz a data de 1.º de Junho:

“1. Ama teus pais e, se casares, ama a teu marido e a teus filhos sôbre tudo o mais neste mundo.

“2. Quando falares, evita sempre os termos baixos, assim como as palavras rebuscadas e os superlativos. Os primeiros são incompatíveis com uma fina educação e os outros são sempre ridículos.

“3. Se fores crente, vive como manda a tua crença; se não tiveres religião, cumpre respeitar sempre a opinião alheia.

“4. Sê sempre amiga de teus pais e mesmo ao ouvires uma observação que não te pareça justa, lembra-te que êles só procuram te fazer melhor.

“5. Evita sempre a cólera, que só dá maus conselhos, e enquanto não te sentires inteiramente calma, desconfia da imparcialidade dos teus juízos.

“6. Sê sempre modesta e recatada; causa sempre má impressão uma moça que não guarda a devida compostura, quer na maneira de se exprimir, quer no modo de trajar.

“7. Não debes ter inveja de coisa alguma, pois não há mais feio sentimento, nem causa mais freqüente de infortúnios. Procura estar sempre satisfeita com aquilo que tens, — eis o segredo da felicidade.

“8. Não debes desprezar o dinheiro, pois é uma força e terrível, mas ao lidares com êle debes fazê-lo de modo a mostrar que o consideras um meio e não um fim, isto é, que és tu que o dominas, e não êle a ti.

“9. Sê sempre verdadeira, pois não pode haver mais feio vício que a mentira; mas lembra-te que nem tôdas as verdades se dizem, o que significa que há muitas ocasiões na vida em que a virtude está em saber guardar silêncio. Cumpre ter em vista que é muito raro alguém se arrepender de não ter falado, ao passo que são de todos os dias os desgostos causados pela indiscrição e pela loquacidade.

“10. Quer com tuas amigas, quer com teus inferiores, evita sempre qualquer conversação sôbre as misérias alheias. É vício corrente da sociedade contemporânea, como de todos os tempos, o que bem demonstra quão difícil é combatê-lo e extirpá-lo dos nossos costumes.”

Naquele ano, achava-se também na Europa o irmão caçula de Octavio, Mario Mendes, o “Pivo”, rapaz dotado de voz privilegiada, que, depois de cantar perante os diretores do “Pensionato Artístico de São Paulo” obtivera dêstes últimos, entusiasmados com a belíssima qualidade de sua voz e os admiráveis dotes artísticos que revelava, o auxílio necessário para concluir na Europa os estudos musicais. Pivo embarcara pelo *Avon* e, já em abril, instalava-se em Milão, onde passara a estudar canto com o *maestro* Giuseppe Venturini, moço ainda, professor do Conservatório. Entretanto, três meses depois, Octavio escrevia a Leopoldina, de Berlim, esta carta:

“Querida Mamãe. Faltou-me sua carta esta semana, pela primeira vez depois que Mamãe começou a me escrever semanalmente; não precisava, pois, das cartas que recebi de Cassiano e Constança, por saber que Mamãe já conhece a triste morte do desventurado Pivo.

“Bem quisera que Mamãe ignorasse sempre a horrorosa desgraça, para que não sofresse com tão rude golpe. Por isso tenho-lhe escrito desde o triste dia, sem tocar no assunto, pensando que aí Odila e os outros talvez conseguissem, por algum tempo, ocultar à Mamãe a dura verdade.

“Mas desde logo reconheci que seria muito difícil, para não dizer impossível, enganar por muito tempo um coração de mãe, e de mãe extremosa, ocultando-lhe a morte do seu *caçula*. Agora vejo que os irmãos nem tentaram isso, tão difícil lhes pareceu.

“Que lhe direi, pois, a propósito da desgraça que nos feriu a todos, e principalmente o seu pobre coração, já tão maltratado por tanto sofrimento?

“Não procurarei consolá-la, pois bem sei que a sua mágoa é daquelas para as quais não há consolo. Apenas lhe mando com esta carta um apertado e saudoso abraço, com o qual quisera lhe dar a coragem e resignação de que Mamãe precisa para suportar a cruel provação.

“Mamãe poderá imaginar o meu doloroso espanto, quando no dia 30 de julho recebi de Milão o telegrama, comunicando apenas a morte do coitado do Pivo, sem dizer do que tinha morrido nem onde. Imediatamente te-

legrafei ao João Sampaio, que estava em Milão, pedindo-lhe para visitar Pivo e providenciar tudo o que fôsse preciso. Ao mesmo tempo telegrafei a Papai, que estava em Vichy, transmitindo-lhe a triste notícia. Só pela resposta do João foi que soube que Pivo tinha morrido fora de Milão, em Marmirollo, onde estava a passeio com seu professor de canto, e morrido quando nadava. Fiquei então, pensando, que o desventurado rapaz tinha perecido afogado, até que Papai me escreveu contando o que verificou em Marmirollo — que o coitado do Pivo sucumbiu a uma congestão que o fulminou quando nadava. Isso é um consôlo relativo, pois neste caso o mísero rapaz morreu sem sofrer.

“Papai esteve em Marmirollo, onde verificou que o Pivo foi enterrado, como teria sido em São Paulo ou Campinas. Nada faltou, pois o infeliz rapaz era muito estimado do professor, em cuja companhia estava, no momento do desastre. Papai pagou o túmulo e tôdas as despesas do enterro. E deixou o próprio pai do professor de canto de Pivo encarregado da guarda do túmulo, pagando-lhe um ano adiantado.

“Pelos jornais de São Paulo vejo como foi sentida a morte do mísero rapaz. Isso dever ser agradável ao seu coração de mãe.

“Afinal, o pobre Pivo morreu sem sofrer, sem saber que morria; e na idade em que a morte o colheu, antes de casar e ter filhos, podemos dizer que morreu antes de ter sofrido, pois nem merecem o nome de sofrimentos os pequenos dissabores que todos temos antes de conhecer as grandes dores da vida.

“Sendo assim, é duvidoso decidir o que teria sido preferível para o pobre rapaz: se morrer como morreu, antes de ter vivido e sofrido, moço, cheio de ilusões e esperanças, ou se viver para sofrer, não só por si mesmo como também com as dores de todos aquêles a quem amasse.

“Os antigos diziam que morrer em plena mocidade era um grande favor dos Deuses, o que queria dizer que era imensamente feliz quem morria antes de ter sofrido.

“Bem sei que nada disso consola um pobre coração de mãe amargurado pela morte do seu querido *caçula*; mas Mamãe lembre-se que tem outros filhos, que choram também a perda irreparável e para os quais Mamãe tem obrigação de prolongar quanto possível sua preciosa vida. Êste, por exemplo, que ora lhe escreve, está ansioso para que chegue logo o dia em que a poderá abraçar. No dia 10

de dezembro espero aí estar, e encontrar Mãe de boa saúde, apesar dos golpes que tem sofrido nestes últimos tempos.

“Elisa está quase de todo restabelecida da operação. Já pode andar bastante. Todos os outros vão bem. Eu continuo o meu exercício, sem maiores novidades.

“No dia 15 de setembro, *mais ou menos*, devemos seguir para Paris, onde ficaremos até o dia de embarcar para o Brasil. Lá devemos encontrar Papai, que deve ter estado até 25 d’este em Vichy.”



Estava vencida mais uma etapa.

O JURISTA E O PROFESSOR

De volta da viagem à Europa, que, se o não devolveu curado ao Brasil, pelo menos lhe revigorou a disposição para continuar a luta, Octavio Mendes sofreu mais uma funda e amaríssima decepção.

Quando se ausentara do escritório, deixara encarregado de sua direção e dos seus negócios o irmão, Francisco Mendes, que, praticamente, lhe devia quase tudo o que era, pois fôra com a ajuda e o estímulo constantes de Octavio, morais e materiais, que êle, já casado, completara o curso de Direito. Espírito vivo, inteligência brilhante, contador formado, logo se revelara o companheiro inestimável de escritório e nêle depositara Octavio tôda a sua confiança, confiando-lhe a sorte de sua banca de advogado ao embarcar para a Europa.

Quais não foram, porém, a sua dolorosa surprêsa e a sua insopitável revolta quando, chegando a São Paulo, se inteirou de que Chico abandonara o escritório. E, o que era pior, com o seu extraordinário poder de persuasão, lograra convencer os melhores clientes do irmão de que êste, vitimado pela paralisia, nunca mais voltaria a advogar; e, ainda que o fizesse, nunca mais seria

o mesmo brilhante e denodado defensor das causas que lhes fôsem entregues; em seguida, com os mesmos clientes, montara a sua banca de advocacia.

A ingratidão doeu-lhe como uma punhalada. Mais uma vez, num turbilhão, idéias negras lhe acudiram, em tumulto, ao espírito, momentaneamente desarvorado. Eram três golpes sucessivos, capazes, cada um de per si, de prostrar o mais estrênuo batalhador: a moléstia, a morte do irmão querido em plena mocidade, a traição do Chico, com o conseqüente desmantêlo do seu escritório, reduzido praticamente a nada, obrigando-o, por assim dizer, a recomeçar desde o princípio.

O terceiro golpe, entretanto, já lhe encontrou o espírito mais rijo, a carne mais sofrida. Os momentos de revolta e desespero, se bem violentíssimos, duraram menos. E, volvidos alguns dias, Octavio principiou a reagir.

Nessa altura cometeríamos grandíssima injustiça se não destacássemos a influência decisiva que exerceu sobre o espírito de Octavio a profunda amizade que o unia ao antigo colega do “Culto à Ciência” e da Academia de Direito, seu cunhado e também companheiro de escritório, Nhonhô Moraes.

Antonio de Moraes Barros era uma figura extraordinária, que se destacou na vida de São Paulo por uma série de virtudes públicas e par-

ticulares, hoje em dia só encontradas em biografias e discursos laudatórios.

Inteligente, culto, lúcido, íntegro, boníssimo, irredutivelmente fiel aos seus ideais e aos seus amigos, encontrou em Octavio uma alma irmã, e uma grande, formosa, inquebrantável amizade ligou os dois homens durante tôda a vida, eis que Nhonhô, nascido um ano depois de Octavio, faleceu alguns dias antes dêle. Nhonhô não lograra evitar o aliciamento dos clientes feito pelo Chico. Mas foram principalmente suas instâncias, seus rogos, seus argumentos, suas ponderações e, sobretudo, o generoso e farto calor da sua amizade que conseguiram levar o espírito amargurado de Octavio à decisão de voltar ao escritório, que lograram redespertar-lhe as energias, como que adormentadas pelo sofrimento e decepções, para recomeçar a lida de advogado.

Recomeçou. Não se tratava, na realidade, de principiar novamente da estaca zero. O seu nome já era sobejamente conhecido, seus trabalhos admirados, sua dedicação profissional louvada, sua cultura jurídica enaltecida. Em pouco tempo, voltou a encher-se-lhe o escritório de clientes, inclusive de muitos que haviam acompanhado Francisco Mendes. E, em pouco tempo, viu-se novamente Octavio assoberbado de trabalho, arrazoando causas, assistindo à audiências mais importantes, transportado numa cadeira de braços,

carregada por dois empregados. Tal fama granjeou que, pouco mais de um ano após o regresso da Europa, o Dr. Carlos Guimarães, que então exercia a presidência do Estado, lhe solicitava opinasse a respeito do Projeto de Código Comercial, de Inglez de Souza, em discussão no Senado, para que suas opiniões figurassem como a contribuição do Governo de São Paulo à elaboração do projeto. Atendendo à honrosa solicitação, a despeito do acréscimo de trabalho que isso representava, formulou Octavio Mendes uma série de "Observações e Emendas", enviadas ao Congresso Nacional.

Meses mais tarde, recebia Octavio, do autor do Projeto, uma carta em que Inglez de Souza assim se expressava:

"Só agora me foi dado ler o belo estudo que por incumbência do Governo de São Paulo, V. Excia. apresentou ao Senado Federal sobre o Projeto de Código Comercial, submetido a essa Casa do Congresso, e venho agradecer as mais que benévolas, lisonjeiras e muito honrosas expressões com que fui distinguido em trabalho jurídico tão notável pela erudição, pela elevação da crítica e pelo senso prático, lamentando ao mesmo tempo as divergências em que nos encontramos em alguns pontos; sendo para mim grande satisfação ter merecido em muitos outros, e na

maior parte do Projeto, o apoio de jurista tão eminente como é V. Excia.”



Dir-se-ia, contudo, que a existência e o destino de Octavio Mendes estivessem, de certo modo, indissolúvelmente ligados ao destino e à existência de sua Academia. Ainda no “Culto à Ciência”, em Campinas, quando principiou a pensar no futuro, sonhava, um dia, freqüentar as Arcadas como aluno.

Com tenacidade e esforço realizou-o e, aos vinte anos, recebeu o grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais.

Formado, a República recém-proclamada nomeou-o seu Procurador Geral em São Paulo no ano seguinte. Em 1891 já exercia as funções de Promotor Público em Campinas. Casou-se. Em 1893, assumia o cargo de Juiz de Direito de Sorocaba. Em 1895, abandonava a magistratura e fixava-se definitivamente na advocacia, montando escritório em São Paulo. Atirara-se desesperadamente ao trabalho, com a indômita energia de que daria mostras em todo o correr de sua vida. Prosperara. Em 1910, com seis filhos, já granjeara renome na profissão e, nessa quadra, pela primeira vez, o infortúnio lhe batera de rijo à porta. Octavio perdera o uso das pernas. Negro desespêro,

desvario, assomos de revolta, ímpetos de auto-destruição. A pouco e pouco, entretanto, recobrou o domínio de si próprio. Viajara para a Europa, em busca, talvez, de algum abrandamento da sua incapacidade física. Não o encontrara. Pela segunda vez o sofrimento experimentara as forças do lidador. Morrera-lhe o irmão, em dolorosas e trágicas circunstâncias. De regresso ao Brasil, recebera o terceiro golpe, porventura o mais doído: a deserção do irmão e a necessidade de recomeçar todo o paciente e aturado labor de tantos anos.

Mas o trabalho era o seu clima, o esforço, sua segunda natureza, o Direito, sua paixão. Em pouco tempo, vêmo-lo reunindo o que sobrara do escritório desconjuntado, recompondo-o, refazendo-o, apesar da doença, apesar das dificuldades, agora muito maiores, de locomoção, pois para tudo dependia dos outros.

A velha Academia, entretanto, continuava a exercer sobre êle o mesmo irresistível fascínio. Ansiava tornar a freqüentar as vetustas e gloriosas Arcadas, onde realizara os mais belos sonhos da adolescência.

Não poderia voltar como estudante. Mas poderia fazê-lo como professor. A idéia começou a trabalhar-lhe o espírito. Talvez não fôsse, a princípio, mais que o germe de uma idéia. Um germezinho diminuto, quase imperceptível, mas de pasmosa vitalidade. E quando o serviço apertava,

quando outras preocupações lhe absorviam a mente, Octavio chegava a esquecê-lo. Mas eis que, no primeiro momento favorável, o germezinho erguia a cabeça teimosa, rebelde, cada vez maior, a ocupar um espaço sempre mais amplo em seus pensamentos. Era uma questão de oportunidade. E esta lhe surgiu em 1919, quando Octavio Mendes já completara 50 anos de idade. Com a morte de Brasília Machado, vagou-se a Cadeira de Direito Comercial e abriram-se as inscrições para o concurso. Octavio Mendes inscreveu-se. Antes, porém, conhecedor dos homens e das coisas de sua terra, teve o cuidado de consultar o Govêrno do Estado sôbre se êste não pretendia apresentar candidato próprio. Sabia que, a despeito de todos os esforços e merecimentos dos adversários, um candidato oficial, no Brasil, tem muito maiores probabilidades de vitória. A resposta negativa duplicou-lhe a confiança e o entusiasmo.

Dir-se-ia, porém, que nada para Octavio devesse ser fácil. Tudo o que viesse a conquistar teria de ser obtido à custa de esforço, de trabalho, de sacrifícios. A inscrição foi impugnada, levantando-se a preliminar de que o candidato Octavio Mendes, paralítico, não teria capacidade física para se desempenhar a contento da tarefa de professor. Um amigo de Octavio, professor da Faculdade, o Dr. Rafael Sampaio, indignado, chegou a perguntar aos impugnadores se, para concorrer a

uma Cadeira da Faculdade, precisava o candidato demonstrar qualidades de jogador de futebol.

A impugnação acabou caindo, evidentemente, por injusta a desarrazoada.

É o próprio candidato, em cartas dirigidas a Nina e ao marido, quem nos conta, por miúdo, as peripécias da inscrição e do concurso.

“6/9/1919 — No dia seguinte, 2, já fui à polícia tirar a minha carteira de identidade, que ontem recebi, de modo que estou tirando a fôlha corrida.

Ao mesmo tempo, tenho trabalhado desde o dia 2 na revisão das minhas dissertações, que estão quase prontas, de forma que, espero, na segunda-feira, 8, ou terça-feira, 9, já poderei me inscrever para o concurso, cujo prazo se encerra a 18.

.....

“Acabou-se, portanto, a vida tranqüila da *Bela Vista*, já estando eu, desde que cheguei, dominado pela azáfama da vida de advogado.”

“13/9/1919 — De saúde vamos indo bem. Eu, felizmente, já venci o trabalho das minhas dissertações, *que só hoje acabei de rever!*

Terça-feira, 16, deverei me inscrever e entregar as dissertações impressas, das quais mandarei exemplares ao amigo Dr. Orozimbo e seu irmão José, bem como ao Abreu, para que me diga se medicina é tão *bonita coisa* como é o Direito (com D maiúsculo)."

"23/9/1919 — O secretário da Congregação da Faculdade de Direito me informou ontem à noite que hoje seguiria para essa a consulta ao Conselho Superior de Ensino sobre o caso de minha inscrição para o próximo concurso de Direito Comercial. E informou mais que a dúvida poderá ser resolvida pelo presidente do mesmo Conselho, que é o Dr. Ortiz Monteiro, da Escola Politécnica do Rio, o qual, só convocará o Conselho, se entender que a dúvida não poderá ser resolvida por êle pessoalmente.

"Nessas condições, escrevo esta *expressa* à V. para que, por intermédio de vosso pai, do Dr. Sá Freire ou de outro amigo, faça chegar às mãos do Dr. Ortiz Monteiro o atestado do Dr. Valadão e mais documentos em vosso poder, que provam a minha capacidade *física* para ser lente."

"29/9/1919 — À vista do que V. ouviu ao Aluisio de Castro, também me parece que

as *fosquinhas* do grupinho da Congregação, que levantou dúvidas sôbre a legalidade da minha inscrição, se desfarão como bôlhas de sabão.

“A nova idéia de eu juntar aos documentos em vosso poder os relativos à incumbência que recebi em tempo do Govêrno de São Paulo de apresentar emendas e observações ao projeto de Código Comercial do Dr. Inglez de Souza, me parece muito boa.

“Assim, espero vossa volta para V. me restituir os documentos em seu poder, aos quais juntarei a carta do Presidente do Estado me incumbindo do serviço, a carta de Rodrigues Alves me agradecendo, as palavras de elogio com que o senador Epitácio Pessoa apresentou o meu trabalho à Comissão Especial do Senado, de que era presidente, e a carta do finado Inglez de Souza, enaltecendo as minhas observações ao seu projeto.”

“Penso em entregar tudo isso ao Dr. Porchat, para êle apresentar os documentos ao Conselho Superior em fevereiro.

“O Dr. Villaboim me escreveu dizendo que V. ainda o não tinha procurado, e que teria muito gôsto em me servir, em tudo que fôsse necessário, pois também acha absurda a dúvida levantada pelo Dr. Vampré e companheiros.”

“14/11/1919 — P. S. — Ia-me esquecendo de contar que sábado último recebi um telegrama do Coronel Rodolfo me comunicando que o Ministro do Interior havia resolvido ser perfeitamente válida a minha inscrição ao concurso para lente de Direito Comercial, não havendo disposição alguma de lei que me proíba de concorrer.

“E assim ficaram de cara à banda, todos aquêles que *entraram em dúvida* sôbre a legalidade da minha inscrição.

“Os jornais de 12 trouxeram a notícia do caso.”

“23/11/1919 — Pela notícia dos jornais sôbre o caso da minha inscrição, o Abreu terá visto a injustiça que fizemos ao Spencer Vampré, supondo ter sido êle quem levantou a dúvida na sessão da Congregação.

“Quem levantou tal dúvida não foi êle mas (o que me causou verdadeira decepção), o lustre Dr. Vergueiro Steidel, o lente catedrático de Direito Comercial e presidente da *Liga Nacionalista*, que eu sempre contei como inteiramente simpático à minha causa.

“O mais engraçado é que parece que, apesar de ter sido êle quem levantou a dúvida, o Dr. Steidel me é, de fato, favorável, e levantando a dúvida, não pretendeu mais do

que liquidar desde logo a questão, pensando que a Congregação decidiria logo pela validade da inscrição, e não pensando que, em vez disso, a Congregação de lentes de direito resolveria consultar o Conselho Superior para resolver uma questão de direito.

“Seja como fôr, êsse ponto hoje está liquidado, não dependendo a minha nomeação senão de eu fazer o concurso e obter a classificação em primeiro lugar. Isto será para março próximo, e consultando a minha vaidade, ela me responde que eu obterei aquela classificação. Mas vá a gente acreditar nas informações da própria vaidade!”

Com três dissertações apresentou-se Octavio Mendes ao concurso. Não cabem aqui, num trabalho sucinto, modesto e despretensioso, cujo único mérito reside no carinho com que se evoca a figura do biografado, dissertações de ordem jurídica e, muito menos, de natureza crítica. Entretanto, não resistimos à tentação de transcrever uma apreciação de Plínio Barreto estampada em janeiro do ano seguinte, no jornal “O Estado de São Paulo”, sôbre as teses apresentadas pelo candidato. Não é longa a exposição e, ao mesmo tempo, destaca o trabalho paciente de Octavio, realizado nos momentos de folga que lhe ensejava a intensa atividade do escritório.

BIBLIOGRAFIA

OCTAVIO MENDES — Os sócios de responsabilidade de uma sociedade mercantil são comerciantes? — Da hipoteca naval no Brasil — Da posição jurídica do debenturista em face da falência — Dissertações apresentadas à Congregação da Faculdade de Direito de São Paulo — 1919 — Secção de Obras do “Estado de São Paulo.”

“Os concursos que pròximamente se vão realizar na Faculdade de Direito provocaram uma grande florescência de dissertações jurídicas. Têmo-las sôbre a mesa de todos os feitos e de todos os valores...”

“As primeiras que nos chegaram às mãos foram as do Sr. Octavio Mendes, candidato à cadeira de Direito Comercial. São três — uma sôbre hipoteca naval, outra sôbre a qualidade de comerciantes e a última sôbre debêntures — e tôdas as três, embora diversas pela extensão, equivalem-se como índices da competência jurídica do ilustre advogado que as traçou. Qualquer delas examinada à parte, isoladamente, mostra logo que saiu da pena de alguém que está familiarizado inteiramente com o assunto e que soube guardar no convívio com os mais eminentes mestres de direito, do país e do estrangeiro, a sua auto-

nomia intelectual. Não há uma só que seja a fria compilação de opiniões alheias tão do agrado dos escritores das coisas jurídicas no Brasil e tão do desagrado dos que, por ofício ou por necessidade, têm de lêr o que êles publicam. Não há também uma só que se perca em divagações sonoras e inúteis, essas pavorosas divagações que, em estilo retorcido e complicado, o mau gosto nacional faz empenho em manter até nas obras de natureza jurídica, algumas das quais chegam a provocar no leitor mais pacato ímpetos de espancar o malvado que as produziu.

“Na dissertação sôbre comerciantes, o Sr. Octavio Mendes, sustenta, com uma argumentação viva e cerrada, que, em face de nosso sistema legal, o sócio de uma sociedade comercial regularmente constituída não pode ser considerado comerciante, mesmo quando seja ilimitada a sua responsabilidade. A extensão da falência a êle, determinada pela lei nos casos de quebra da sociedade a que pertence, é, portanto, um atentado aos princípios jurídicos em que se ergue o edifício de nosso direito comercial. A disposição da lei de falência, afirma s. s. “é uma excrescência que precisa desaparecer de nosso direito. Que subsista a responsabilidade “subsidiária” dos sócios de responsabilidade ilimitada, dando direito aos credores, depois de liquidados os

bens sociais, de requerer a penhora dos bens particulares dos sócios, pelo saldo de seus créditos, será justo e jurídico, mas a declaração da falência dos mesmos sócios, tão somente em consequência da falência social, é um absurdo repellido pelos princípios e pelo interesse social.

“A questão não é nova, pois já tem servido de alimento a renhidas controvérsias, como o Sr. Octavio Mendes foi o primeiro a acentuar, mas é das que sempre oferecem ensejo a um espírito arguto e ágil, amigo de pugnas ardentes, para mostrar de quanto é capaz. E foi por isso naturalmente que s. s. a tratou com especial carinho...

“Na segunda dissertação expõe-se, com muita clareza, o que tem sido, no Brasil, a imposição de onus reais aos navios. Na legislação anterior ao Código Civil êsse onus nem era “penhor”, nem era “hipoteca”. Não era penhor porque não havia a efetiva tradição de coisa ao credor e não era hipoteca porque não havia hipoteca sôbre bens móveis e o navio é um bem móvel. O Código Civil pôs termo à controvérsia declarando os navios suscetíveis de hipoteca, acompanhando assim — e com todo o acêrto — a solução corrente nos países de maior cultura jurídica e de mais importante comércio marítimo.

“A essas duas dissertações, em que os problemas a que se referem são ventilados sob todos os aspectos segue-se a última sôbre a posição jurídica do debenturista em face da falência, que é uma esplêndida monografia sôbre a “debênture”. Em vinte e nove capítulos, magistralmente lançados, o Sr. Octavio Mendes estuda a “debênture” desde a sua origem e natureza até a cessação de sua existência jurídica através dos múltiplos acidentes que pode encontrar no caminho. Êsse estudo alarga-se em certos trechos, abrangendo embora perfunctôriamente, o que é pena, tôda a doutrina dos títulos ao portador, que é uma das mais inexgotáveis sementeiras de discórdia e hesitação na discutidora tribo dos juristas. Para se ter idéia do que representa êsse trabalho como esforço e como variedade de questões estudadas basta dizer que são em número de vinte e seis as proposições finais que o autor formula e que cada uma dessas proposições é de natureza a suscitar debates indefinidos...

“Ao cabo da leitura das três dissertações a primeira impressão que se colhe é a de que os professôres da Faculdade de Direito vão ter pela frente um adversário fora do vulgar, destro nas manobras da dialética e destemido nos embates doutrinários. A segunda impressão, e a mais importante, é a de que trabalhos

dessa ordem podem não assegurar ao autor a conquista da cadeira almejada, mas garantem-lhe em qualquer hipótese os sufrágios de todos quantos entendem alguma coisa de assuntos jurídicos.”

Entregues pelos dois candidatos que se haviam apresentado, os Drs. Octavio Mendes e Waldemar Ferreira, as dissertações escritas, seguiram-se, em abril de 1920, as provas orais, que constavam de arguição e preleções públicas, às quais assistiam a Congregação de Lentes da Faculdade, os próprios alunos e o público em geral. Mais uma vez voltamos às cartas de Octavio, desta feita dirigidas ao filho, que, então, estudava em Florianópolis.

“29/4/1920 — Estou chegando da Academia, onde fui argüido pela Congregação durante 2 horas. Parece que fui bem, pois respondi a tôdas as questões que me foram propostas e fui aplaudido e vitoriado pelos estudantes, e muito felicitado pelos amigos que assistiram à prova.

“Os lentes me trataram muito bem, referindo-se a mim e aos meus trabalhos com muitos elogios.

“As outras provas serão na quarta-feira, 5 de maio e sexta-feira, 7 de maio, e o julgamento no dia 8, de forma que ou nesse mesmo dia ou no dia 9, V. deverá ter o telegrama,

dando notícia do resultado. Se fôr classificado em 1.º lugar, estou nomeado, porque o govêrno é obrigado a nomear o classificado em 1.º lugar.”

“6/5/1920 — O meu concurso parece que vai bem. Da argüição já dei notícia na carta anterior que V. a esta hora já leu.

“A minha primeira preleção teve lugar ontem, e parece que agradou aos lentes, pelas notícias que chegam aos meus ouvidos. A segunda preleção é amanhã, e logo depois terá lugar o julgamento, de forma que amanhã mesmo mandarei expedir a V. o telegrama dando notícia do resultado, telegrama êsse portanto, que V. receberá antes desta carta.”

“13/5/1920 — Sem carta vossa a responder, venho te contar como acabou o meu concurso na Academia. Já sabes que fui classificado em 1.º lugar, como comuniquei por telegrama, no mesmo dia 7 em que teve lugar o julgamento. Tendo eu recebido logo no dia 8, às 11 horas da manhã, o vosso telegrama de felicitações.

“Estou, portanto, lente de Direito Comercial da Faculdade, mas por 1 voto apenas de maioria, pois houve 5 lentes que votaram no Waldemar, e 6 em mim. Os que votaram em mim foram Pinto Ferraz, José Ulpiano, Pa-

checo Prates, Gusmão, Estevam de Almeida e Rafael Sampaio. Os que votaram no Waldemar foram: Amancio de Carvalho, Teófilo Carvalho, Cardoso de Mello, Porchat e Steidel.

“Foi para mim uma surpresa o voto dos Drs. Porchat e Steidel no Waldemar, pois estava certo de que votariam em mim, mas só depois do concurso é que fiquei sabendo o quanto o Steidel trabalhou contra a minha candidatura. Foi ele quem em setembro do ano passado apresentou aquela indicação sobre a minha incapacidade física para o cargo de lente; e apesar dêsse ponto já ter sido resolvido pelo Ministro do Interior, o Steidel continuava a fazer propaganda contra mim, dizendo que não podia ser lente quem como eu nem à cátedra podia subir.

“Por isso os amigos me carregaram até à cátedra no dia da minha última preleção, pois a primeira eu a fiz sentado junto a uma mesa, junto à cátedra. Os amigos sabiam que o Dr. Steidel falava contra mim, mas para não me deixarem nervoso durante as provas me diziam que era o Cardoso de Mello quem falava. Ora, o Cardoso é meu inimigo pessoal, por ter eu requerido a falência do pai dêle em Santos, e por isso se tivesse consciência não teria tomado parte no julgamento.

“Os outros lentes que votaram contra mim são o Pagé (Teófilo Carvalho) um perfeito bôbo a que ninguém liga importância, que fêz uma cédula com o meu nome, depois rasgou e fêz outra com o nome do Waldemar, o que mostra como êle tinha consciência do que estava fazendo, e o Amancio de Carvalho, médico, lente de Medicina Legal, que entende tanto de Direito quanto eu de dizer missa, e que dizem só fazer o que faz o Dr. Porchat.

“Êste parece que votou contra mim por causa de uma referência que na minha última preleção eu fiz àquela causa de Mocóca, em que êle é advogado contrário, referência em que disse ser a decisão do Tribunal o maior absurdo que tenho enfrentado em minha vida de advogado. Parece que esta minha frase magoou o Porchat, que até então todo mundo pensava votaria em mim.

“O que eu penso é que não sendo nem o Steidel nem o Porchat meus amigos, e advogados que têm em mim um concorrente de algum valor, trataram de impedir a minha entrada na Academia, levados simplesmente por aquêpe pequenino sentimento de egoísmo, com o fim de evitar que a minha nomeação de lente desse maior autoridade ao meu nome de advogado.

“Acredito mais que os Drs. Steidel e Porchat, únicos votos de valor que eu não tive, votaram no Waldemar *certos da vitória dêste*,

pois ficaram desapontadíssimos com o resultado proclamando a minha vitória, pela qual êles ficaram vencidos e votando em companhia do Cardoso de Mello, Pagé e do Amancio de Carvalho, votos ridículos que só causam riso.”

“O que deixou o Steidel em feia posição, foi o próprio companheiro de escritório dêle, Dr. José Ulpiano, votar em meu nome.

“O próprio candidato vencido, o Dr. Waldemar, no dia 7 à noite, veio aqui em casa me dar um abraço e tomar uma taça de *champagne* comigo, gesto elegante e gentil que me penhorou em extremo, e que mostra ser o rapaz um caráter nobre e apenas ter servido de instrumento ao Dr. Steidel para o seu *trabalhinho* de intrigas e cabala.”

“9/6/1920 — Ontem, dia de anos de vossa mãe, foi também o dia da minha posse como lente da Faculdade. A 1 1/2 fomos para a Academia, onde perante a Congregação reunida, o diretor me pôs o capelo na cabeça e a borla sobre os ombros (daí o nome de *doutor de borla e capelo*) e com isso fiquei numa posição meio ridícula, durante todo o tempo da cerimônia, isto é, durante tôda a saudação que me dirigiu o diretor, à qual tive de responder agradecendo. Depois disso assinou-se uma ata, e os lentes todos presentes (entre os quais o Steidel) vieram me abraçar.

Os discursos foram muito aplaudidos, e à saída da Faculdade os estudantes me deram *vivas*. Esteve uma festinha bem bonita, da qual não se tem idéia pela pálida notícia do “*Estado*” de hoje que com esta envio a V.

“À noite os amigos apareceram em casa, mas dos lentes só apareceram os Drs. Estevam de Almeida e Francisco Morato, os outros não vieram por serem todos velhos e achacados, e a noite estar muito fria.”



Em junho de 1920, o Diário Oficial da União publicava o seguinte decreto:

“O Presidente da República: Resolve, de acôrdo com o disposto no art. 48 do Decreto n.º 11.530 de 18 de março de 1915, nomear o Bacharel Octavio Mendes para o lugar de professor substituto da 6.ª seção da Faculdade de Direito de São Paulo.

“Rio de Janeiro, em 2 de junho de mil novecentos e vinte, 99.º da Independência e 32.º da República.

“(aa) Epitácio Pessoa

Alfredo Pinto Vieira de Melo”

Nomeado para o cargo de professor substituto, no ano seguinte Octavio Mendes principiou a dar

aulas na Academia, em virtude de ter entrado em gozo de licença o catedrático, Prof. Gabriel de Rezende. É êle mesmo quem conta as impressões que lhe causaram as primeiras aulas e as que julgou haver provocado nos alunos. Em sucessivas cartas dirigidas ao filho, relata suas novas atividades no magistério.

“13/7/1921 — Eu sempre forte. Minha viagem para a fazenda ficou adiada, porque recebi aviso do diretor da Faculdade de que de 11 dêste mês em diante tinha que dar aula de Direito Comercial aos alunos do 3.º ano, no impedimento do lente Dr. Gabriel de Rezende, que pediu licença por 30 dias.

“Fui ontem dar a minha primeira aula, sendo recebido pelos estudantes com muita simpatia. Um deles me fêz saudação, depois de falar, dei a minha aula pelo espaço de 3/4 de hora, sendo no fim muito aplaudido pelos alunos. O Abreu, Antoninho, Pinheiro assistiram ao meu *cavaco*, e me dizem que a impressão que causei foi muito boa, verificando os estudantes que comigo têm que aprender.”

“20/7/1921 — Às terças, quintas e sábados, tenho de ir dar minha aula de Direito Comercial na Faculdade. Já dei 3. Parece que os estudantes estão contentes com o nôvo

professor, verificando que com êle é preciso estudar.”

“27/7/1921 — Eu vou indo muito bem, apesar da serviceira, aumentada com as lições na Academia, que me dão bastante trabalho como a todo lente que se preza e que não quer *encher lingüiça*.

“Felizmente os estudantes parecem reconhecer êsse esforço, mostrando-se contentes com o nôvo professor.

“Ontem não dei aula, devido ao falecimento do Dr. Pedro Lessa. É um grande vulto que desaparece, grande nas letras jurídicas e como magistrado, além de excelente homem e chefe de família.”

“17/8/1921. — Minha viagem para *Bela Vista* êste ano está encarecada pois ontem recebi aviso do secretário da Faculdade, que tenho de recommençar as aulas de Direito Commercial amanhã, quinta-feira, por ter o Dr. Gabriel de Rezende pedido mais uma licença de três meses. Sendo assim, não poderei ir para a fazenda êste ano, pois terei de lecionar até o fim do ano letivo e de examinar no fim do ano. Mas gosto bem disso, pois é serviço que faço com o maior prazer.”

“24/8/1921 — No sábado último pela primeira vez chamei à *sabatina* os alunos do

3.º ano de Faculdade. De 4 que foram chamados, apenas 1 deu lição regular. Os outros, inclusive o velho Custódio Cardoso de Almeida, deram lição *como os seus narizes*. E sei que a rapaziada está com muito medo das sabatinas, o que é uma consequência do regime de vadiagem, em que têm vivido até hoje.”

“21/9/1921 — Eu continuo com uma serviceira formidável. Apesar disso não tenho faltado a uma só das minhas aulas na Academia.”

“19/10/1921 — No último sábado, 15 do corrente, dei a minha última preleção dos alunos do 3.º ano, pois o Dr. Gabriel de Rezende tinha avisado que reassumiria a cadeira no dia 18. Quando acabei a preleção, fui saudado por uma grande salva de palmas, um dos alunos fez um discurso me saudando, e saí da Academia debaixo de vivas. Parece que os rapazes estão satisfeitos com o seu lente.”



Em julho de 1923, falecido o Prof. Gabriel de Rezende, lia-se no Diário Oficial da União:

“O Presidente da República: Resolve, de conformidade com o art. 42 do Decreto n.º

11.530, de 18 de março de 1915, nomear o Prof. substituto da 6.ª seção da Faculdade de Direito de São Paulo, Dr. Octavio Mendes para o lugar de professor catedrático de Direito Comercial.

Rio de Janeiro, em 16 de julho de 1923,
102.º da Independência e 35.º da República.

(aa) Arthur da Silva Bernardes”
assinatura ilegível”

E até 1931, quando faleceu, somente durante um ano Octavio Mendes interrompeu as aulas: quando voltou à Europa, em 1925, licenciado para tratamento de saúde.

Partindo do ponto de vista de que era grande o seu sacrifício para dar aulas, Octavio Mendes quebrou duas praxes, tão caras aos estudantes: aboliu o quarto de hora de tolerância e nunca suspendeu uma aula por mais importante que fôsse o motivo invocado.

As aulas eram de 60 minutos. Esgotava a hora inteira com aproveitamento integral. A despeito da voz do velho sino da Academia, que assinalava as horas, anunciando o término da aula, esta prosseguia, com indisfarçável contrariedade da irrequieta assistência, até que a exposição da matéria chegasse ao ponto desejado pelo mestre.

Malgrado os mais variados e ardilosos estratagemas, postos em prática pelos estudantes, Octavio Mendes nunca suspendia aula. Certa vez, congratulando-se em nome da turma com o professor, um aluno lhe dirigiu palavras repassadas de acadêmico lirismo, de saudação pelo seu aniversário. Impertubável, sereno, Octavio Mendes respondeu, em poucas palavras, declarando-se muito grato aos rapazes pela lembrança e pelos votos formulados. Ajuntou que o aniversário, na idade dêle, era antes motivo de pesar que de júbilo. E rematou, para decepção geral da turma:

— E agora, passemos ao nosso ponto. Na aula passada eu lhes explicava a teoria do ato de comércio. Hoje...

Em aula, êle mesmo procedia à chamada e anotava as faltas. Isso constituia, para certo número de estudantes, acamaradados com o bedel, sério transtôrno.

De mais a mais, a ameaça que pesava sôbre a turma era constante pois, concluída a exposição de um ponto, êle anunciava aos alunos que, na aula seguinte, chamaria alguns para discorrer sôbre a matéria.

Em outra ocasião, quando ia acesa a campanha da sucessão presidencial em 1930, por motivo do caso Zé Pereira, na Paraíba, uma de suas aulas foi agitada por discursos de protesto e propôs-se que o professor, em nome da turma, expedisse

telegrama de solidariedade a João Pessoa. Ele concordou com tudo. Declarou-se solidário com os alunos e redigiu os telegramas, mas... acabou dando a aula. Um dos telegramas expedidos nessa ocasião foi o seguinte:

“Dr. João Pessoa — Presidente do Estado da Paraíba — Tenho o prazer de comunicar a v. excia. que os alunos do terceiro ano da Faculdade de Direito de São Paulo, reunidos em aula sob a minha direção, resolveram significar a v. excia. seu entusiasmo pela causa da pequenina e heróica Paraíba que, embora desdenhada e, mesmo, hostilizada pelo governo federal, tem sustentado sem desfalecer a sua dignidade e o seu brio de povo livre.

“Ao mesmo tempo, pessoalmente, transmito a v. excia. os meus votos pelo brilhante êxito da causa que v. excia. defende com tanto brilho e galhardia. O nome de v. excia. significará o lábaro, em tôrno do qual se reunirão todos os brasileiros patriotas e o nome da Paraíba será eternamente dignificado enquanto se ensinar a história do Brasil.

“Saudações. (a) Octavio Mendes, lente catedrático de Direito Comercial da Faculdade de Direito de São Paulo — São Paulo, 21 de junho de 1930.”

Teve fama de severo e reprovador. Granjeou-lhe uma frase sua, pronunciada quando, pela primeira vez, tomou parte na banca examinadora. O que êle disse foi o seguinte:

— Como examinador serei justo.

Tudo isso fêz que a sua reputação de severidade criasse, na imaginação fértil do estudante, apenas preocupado com o resultado prático do exame, um ambiente de temor, a ponto de, antes do fim do ano, já se contarem a dedo, entre os próprios colegas, os que seriam reprovados. Eram poucos, entretanto, e acredita-se que a própria fama de rigor determinasse que os alunos, atemorizados, dedicassem à cadeira de Direito Comercial mais cuidado e mais tempo, apresentando-se aos exames com a matéria preparada. Só assim explica o serem, de hábito, relativamente escassas as reprovações.

Quando, no 4.º ano, expôs matéria falimentar, realizou aulas práticas, confiando a um aluno o encargo de requerer uma falência, a outro o de defender o falido, a outro o de exercer a sindicância, etc. Chegou a realizar, em aula, assembleias de credores, discussão de créditos impugnados, propostas de concordatas e embargos, etc.

Suas aulas acham-se reunidas, desde 1930, em dois volumes: “Direito Comercial Terrestre” e “Falências e Concordatas”.

Fugiríamos ao âmbito e ao escopo dêste livro se reproduzíssemos todos os louvores que se teceram em torno da sua publicação. Em artigos publicados na imprensa especializada do país, em comentários estampados nos principais jornais de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, em cartas cujos remetentes acusavam o recebimento dos livros, juristas de todos os matizes, advogados, magistrados, desembargadores, ministros do Supremo Tribunal, jurisconsultos, professores das nossas Faculdades, externaram suas opiniões, sempre favoráveis. Seja-nos permitido tão somente reproduzir dois trechos de cartas enviadas a Octavio pelo maior dos comercialistas contemporâneos, J. X. Carvalho de Mendonça. Em 8 de fevereiro de 1930, dizia Carvalho de Mendonça:

“Acabei de ler o “Direito Comercial Terrestre”, lições magníficas nas quais o seu eminente autor revela saber e erudição. Muito apreciei o seu trabalho, que honra a Faculdade, onde o distinto amigo professa com destaque a cadeira daquela disciplina.”

A missiva seguinte traz a data de 14 de abril do mesmo ano e diz, entre outras coisas:

“Venho trazer-lhe meus agradecimentos pela gentileza da oferta do seu último livro “Falências e Concordatas”, que li e muito

apreciei.” Como não seria assim se o seu autor é emérito professor da matéria?

“Hei-de apreciar com tempo as divergências do meu ilustre amigo em alguns pontos. Elas sòmente me honram, porque mostram que o meu tratado teve pela sua parte leitura atenta.”

Entretanto, não foram só êstes os livros deixados por Octavio Mendes. Já anteriormente reunira em volume, sob o título de “Ensaaios de Direito Comercial” as teses que apresentara ao concurso: “Da posição jurídica do debenturista em face da falência”, “Os sócios de responsabilidade ilimitada de uma sociedade mercantil são comerciantes?” e “Da Hipoteca Naval no Brasil”. E, finalmente, em 1931, publicara também “Dos Títulos de Crédito”, no dizer de um comentarista, “magnífico volume, em que compendia com notável clareza de exposição, uma série interessantíssima de exposições sôbre o assunto em que se revela, há muito, inconteste autoridade.”

Mencione-se ainda uma frase do já citado Carvalho de Mendonça, reproduzida em artigo por Max Fleiuss:

“Quando foi do entêrro de Esmeraldino Bandeira, tive ligeira palestra com J. X. Carvalho de Mendonça.

“Tratamos do morto e depois, no desenvolver do assunto, dos grandes especialistas da ciência do Direito.

“As palavras de Carvalho de Mendonça esboçavam com segurança vários perfis e, quando chegou a vez dos comercialistas, disse-me:

“— Para mim, hoje, o maior é Octavio Mendes... Que clareza na expressão! que amplitude de raciocínio...

“Sorri; Carvalho de Mendonça interpe-
lou-me.

“— Octavio Mendes, respondi, — é um dos meus velhos amigos, dos mais íntimos!”

À guisa de fecho dêste capítulo transcreveremos um artigo assinado pelo Prof. Hermes Lima e publicado a 14 de novembro de 1931 no jornal “Fôlha da Manhã” de São Paulo.

“O Professor Octavio Mendes, falecido anteontem, era na Congregação da Faculdade de Direito uma serena e nobre figura, a cuja memória me é grato render homenagem. Sua vida traduz um belo ideal que a fôrça de uma vontade excepcionalmente forte e disciplinada lhe tornou possível atingir. Advogado notável, seu nome de comercialista pode

figurar ao lado dos grandes que, entre nós, versaram esta especialidade do Direito.

“Expositor lúcido de doutrinas, os livros que escreveu revelam qualidades de clareza e conhecimento profundo do assunto.

“Devo ao Prof. Octavio Mendes uma alegria, quando fiz concurso para a Faculdade. Um concurso ainda é, neste país de espetáculos, alguma coisa parecida com uma touxada. O candidato vê-se sempre na posição de réu, cujo crime é precisamente o de querer provar capacidade intelectual para o cargo que aspira. Os examinadores partem normalmente de um princípio simples: mostrar, de qualquer modo, que o candidato está errado, que não tem razão. Por isso mesmo, a discussão é penosa, porque tôda ela se subordina ao “parti-pris” inerente a essa forma seccionadora, “parti-pris” que os elementos pessoais de cada candidato suavizam ou agravam. Questão de relações de simpatia, de posição social e até de partidarismo político.

“Meu concurso, por exemplo, foi, na verdade, interessante, panorâmico. Perante uma congregação de catedráticos, cujo nível intelectual tem de ser forçosamente alto e cuja capacidade de julgar o será, sem dúvida, mais ou menos igual — pois todos sabem — eu tive notas que variaram de 0 a 10.

“Mas o que vem a pêlo contar é o episódio de honestidade intelectual com que Octavio Mendes, na última das minhas provas argüitivas, me comoveu. Sem ser constitucionalista, êle soube tocar na minha tese sobre os “Princípios Constitucionais” num ponto delicado e que não vinha convenientemente esclarecido. Era onde eu reconhecia à autonomia dos municípios sentido puramente administrativo, negando-lhe a significação política. Expôs as suas dúvidas, articulou de modo preciso objeções e pediu-me que explicasse, que defendesse meu ponto de vista. Expliquei, defendi como pude, antes de terminar o tempo, terminei a resposta. Octavio Mendes então declara: estou satisfeito e de acôrdo com as suas conclusões.

“Caí das nuvens. Não é isto o que está na lógica da generalidade dos examinadores, aqui, alhures, em tôda a parte. Era, porém, o que estava na lógica da honestidade intelectual daquele professor e que tinha a coragem de prejudicar o espetáculo para ficar de acôrdo consigo mesmo.”

O H O M E M

A primeira filha que se casou deu-lhe um netinho, no ano seguinte, que se chamou Octavio, naturalmente.

Eram de ver-se os encantos do avô pelo pequerrucho. De manhã cedo, enquanto arrazoava autos na cama, êle exigia que o levassem a visitá-lo. Ajeitava-se, então, primeiro nos travesseiros e recebia-o depois, nos braços e acalentava-o, acarinhava-o, festejava-o. Acomodava-o em seguida ao seu lado e dizia à filha:

— Vá tratar da sua vida e deixe-o comigo, que nós nos bastamos um ao outro.

E o petiz gorjeava, sorria para o avô ou adormecia, enquanto Octavio trabalhava.

As tardes de domingo êle passava-as no jardim e fazia questão de ter o menino ao seu lado. Afeito à sua algaravia balbuciante, Octavio desenhava garatujas no papel para que a criança as copiasse com lápis de côr — de que sempre trazia no bôlso uma coleção à sua espera.

O garôto, aos três anos, ganhou brinquedo nôvo: uma coleção de bichos, feitos de madeira. Excitado, o pequeno saltou para o colo do avô, que lhe foi contando o nome dos animais, à medida que o neto os agarrava com as mãozinhas sôfregas.

— Este aqui, o que é, vovô? Como chama?

— É a girafa. A titia de todos os outros bichos.

Repare no pescoço comprido que ela tem.

— E êste?

— Este é o camelo; um titio grande e orelhudo, como são muitos titios.

— E êste aqui? indagava o moleque, cada vez mais interessado.

— É a cobra. A cobra não é parente de ninguém porque é muito má, os bichos do mato não gostam dela.

— E êste, vovô, e êste?

— Este é o leão, é o vovô, o vovô leão de todos os bichos da floresta.

— Este é o *vovô-leão*?... — repetiu, intrigado, o guri. — Que é isso?... vovô... leão?!

— Sim, meu bem, é o vovô leão de todos.

— E você também é o... vovô leão?!...

— Se você quiser — aquiesceu Octavio, com um sorriso indulgente —, serei o vovô-leão.

O nome pegou, e os vinte e cinco netinhos que foram chegando depois só o conheceram por *Vovô-leão*.



Agastava-se quando via ou ouvia alguém derubar um livro. Fazia-lhe mal aos nervos, à alma.

Na biblioteca, organizada aos poucos, viam-se volumes de encadernação antiga, bastante manuseados, amarelecidos pelo tempo, muitos com anotações à margem e, na primeira página, com sua assinatura caligrafada. *Cuore* de D'Amicis era o mais antigo, com data de 1881; vinham depois *Os Lusíadas* — 1883 — e mais *Les Travailleurs de la Mer* e 93 de Victor Hugo. A tradução francesa, ilustrada, de Shakespeare era de 1886, quando êle já cursava a Academia; os livros de Balzac, Edgar Põe, do Padre Vieira, Turguenieff, bem como o *Fausto* de Goethe, de 1887; as *Históires de la Révolution et de l'Empire* também de 87; aos 19 anos Octavio saboreou Voltaire, Taine, Dickens, Manzoni, a “Divina Comédia”, volumezinho repleto de apontamentos e notas, de que êle fêz um de seus livros de cabeceira; lá estavam também, entre os primeiros, a Bíblia ao lado dos enciclopedistas, a *Vida de Nelson*, obras de literatura pátria e portuguesa, assim como os poetas universais, dentre os quais preferia Musset, Gonçalves Dias e Bocage.

Até ficar doente Octavio não precisou catalogar os livros. Sabia exatamente onde estava cada um. E mesmo enfêrmo costumava pedir a uma filha:

— Traga-me o terceiro volume do Direito Commercial de Vivante. Está na estante grande; é o terceiro da quinta prateleira de cima, à direita de quem entra; não precisa de escada.

Pouco antes de falecer, sua biblioteca orgava por 10 mil volumes. Eram, na maioria, obras de Direito, sobretudo de Direito Comercial, não só em português mas também em francês, espanhol, e italiano. Aliás, Octavio aproveitava sempre as viagens dos filhos e amigos mais chegados à Europa para encomendar-lhes os livros que não encontrava nas livrarias de São Paulo ou do Rio de Janeiro. Quando, por exemplo, Sílvia e Antoninho foram à Europa em 1924, o pai encomendou-lhes uma série de livros, antes e durante a viagem:

“8/6 — Em Paris, além dos livros que já pedi, veja se me acha a tese de Dorville — *De l'element moral dans les obligations.*”

“27/6 — Vocês riskem da lista de livros que pedi para Vocês trazerem ou me mandarem o livro de Renaud — *Diritto Generale di Cambio Tedesco*, que acabo de receber e acrescentem aos livros que pedi mais um — o *Repertoire ou Encyclopedie de Droit Com^{al} Belge* de Beltgens.

“Antoninho para obter êsses livros que desejo deve recorrer à *Librairie Generale de Droit et Jurisprudence*, que creio ser a melhor livraria de direito de Paris (Rue Soufflot, 20) . . .”

"10/8 — Além dos livros que eu pedi a Antoninho, êle que me compre mais êste: Leon Lacour e Jacques Bouteron — *Traité de Droit Com^{al}*. É obra que se encontra na *Librairie Generale de Droit et Jurisprudence* — Rua Soufflot, 20."

"25/8 — Preciso que Antoninho me descubra mais os seguintes livros:

Osti — *Appunti per una Theoria della Sopravenienza*.

Drouets — *Provision en Matière de Cheque*.

Betraud — *Le Change et les Contrats*.

"Êstes dois últimos livros são encontrados na Livraria François Jarrin — 48 — Rue des Écoles. O primeiro em qualquer livraria boa da Itália."

"14/9 — Não tenho recebido mais livro algum de minha encomenda. Antoninho que faça o possível por me descobrir na Itália o Jachino — *Titoli al Portatore*, o Segré — *Tit. al Portatore* e o Unger — *Diritto Privato Generale Austriaco*, tradução de Kirchmayer e o Vitalevi — *Locazione d'Opera*, e em França o Buffardin — *Propriété et Contrat* e o Munzinger — *Motifs du Code Com. Suisse* e a *Volonté Unilaterale de Worms*."

“4/11 — Até hoje não recebi o Beltgen nem o Calamandrei. Do Vitalevi o que eu quero é a *Communione dei Beni* e não o *Locazione d'Opera*. Já corriji êsse engano.

“Se você me trouxer o Unger, será uma delícia.”

Acrescente-se à sua magnífica biblioteca jurídica farta biblioteca literária, sobretudo francesa, em que se enfileiravam nas estantes as obras completas de quase todos os grandes autores franceses, desde Rabelais até o então recentíssimo Raul Bourget, copiosa série de livros sôbre Filosofia, Ciências, História e, em particular, uma coleção realmente extraordinária de obras sôbre Napoleão Bonaparte, a figura histórica que êle mais admirou e talvez mais amou, desde os tempos de estudante de Direito. Possuia Octavio tudo quanto se publicara sôbre o grande Corso, com exceção das obras em inglês e alemão, idiomas que êle não dominava.



Octavio não era um derramado. Suas demonstrações visíveis de afeto, sóbrias, comedidas, infreqüentes, não lhe faziam justiça à extraordinária capacidade de querer bem, de dedicar-se de corpo e alma ao bem-estar e à felicidade dos entes queridos, dedicação que beirava as raias do sacrifício de si mesmo, da própria imolação. Casou apaixonado. E apaixonado viveu pela mulher até mor-

rer. E se bem não o alardeasse com palavras, com meiguices — que confundia com pieguices — demonstrou-o de sobejo por atos em todo o correr de sua existência.

Provas temos disso nas cartas que escreveu à espôsa nas ocasiões em que estiveram longe um do outro. E conquanto não encontremos nelas arroubos de paixão e de ternura, a que se avezam as naturezas românticas e sentimentais, vamos encontrar, na solicitude com que lhe indagava da saúde, nas recomendações que lhe fazia, no empenho que punha em ocorrer-lhe aos menores desejos, ou mesmo caprichos, e, sobretudo, na frequência com que lhe escrevia, o testemunho de um afeto profundo, inabalável, que resistiu a todos os inevitáveis atritos do casamento.

A 7 de janeiro de 1903, Octavio escrevia, de São Paulo, a Elisa, que se encontrava em Piracicaba, no “Pau d’Alho”. Era a terceira carta das seis que escreveu num período de treze dias.

“Recebi tua cartinha, que me veio tranquilizar sôbre a doença de Nina. Se é só indigestão, ela deve estar completamente restabelecida quando receberes esta; é o que desejo, bem como que a febrícula de Inezinha não tenha tido outras conseqüências.

“Paulo me disse que terça-feira (hoje) estaria aí. Isso concorre para me deixar tranqüilo de todo.

“E V. como tem passado? Bem? Tem comido, passeado e dormido bem? É o que quero, e que as crianças continuem a aproveitar a estada na fazenda. Do contrário não valia a pena terem ficado.

“V. quando me escrever me conte como V. está passando. Na carta que hoje recebi só fala das crianças e nada de V. Faça-me o favor de me dar notícias suas quando escrever outra vez. (...) Achei nossa casa em perfeita ordem. Ontem deixaram fugir outra vez o *Brinquinho*, quando entravam em casa uns homens que mandei do escritório, mas fiz tal barulho que à noite já tinham achado o cachorrinho. Agora acho que o não deixarão mais fugir. A pândega aí continua boa? A minha vida aqui está bem triste, em comparação com a que aí levei. Vocês ainda jogam o truque?

“V. quando vem? Avise-me com antecedência para ir esperar em Jundiaí, se puder. Farei o possível para ir.”

A caça sempre fôra uma de suas paixões. De Morrinhos (onde realizava, quase todos os anos, longas caçadas de perdizes e codornas), quando ali esteve doze dias, em 1907, Octavio escreveu a Elisa quatro cartas em que dizia, entre outras coisas:

"25/4 — Aqui chegamos ontem com boa viagem e estamos passando muito boa vida. Em Laranjal, Paulo tomou o trem, e já hoje caçamos, matando 18 perdizes e 16 codornas. Total, 34 peças. Se fôr assim até o último dia, levaremos mais de 300 peças. Das perdizes de hoje, eu matei 8, Paulo Nogueira, 6 e Paulo, 4. Das codornas quem matou quase tudo foi o Paulo Nogueira. Eu não atiro codornas.

"Como estão vocês? Leonorzinha já sarrou daquela febrícula com que a deixei? Tavinho está melhor dos intestinos? V. está boa da novidade com que te deixei? E as outras crianças? Manda-me contar tudo."

"30/4 — ... Diga a Tavinho que estou muito contente com o que me contas dêle, e em recompensa vou-lhe arranjar um cavallinho e uma espingarda para êle caçar perdizes comigo.

"A vida aqui é esta: levanta-se às 5 horas, toma-se banho frio, café com pão e às 6 1/2 monta-se a cavalo e vai-se caçar até uma hora da tarde. Então vem-se almoçar, quando se vem, às 2 ou 3 horas monta-se outra vez a cavalo e caça-se até a noite, quando se vem jantar. Às 9 1/2 cama e ronca-se até 5 horas da manhã do dia seguinte."

“3/5 — ... Aqui continuamos passando magnificamente, caçando o dia inteiro, comendo brutalmente e dormindo a noite inteira.

“A caçada continua esplêndida. Até hoje matamos 201 perdizes e 77 codornas. Estamos certos de voltar segunda-feira 6. Nesse dia poderás mandar o automóvel me esperar na estação da Sorocabana às 6 horas. Amanhã te remeterei dois jacás com 20 queijos que distribuirás como entenderes.”

“7/5 — Cá estou passando um vidão. (...) Como vão as crianças e Você? Fortes todos? É o que desejo.”

A quatro de maio de 1915, já paralítico. Octavio escrevia uma carta a Elisa em que contava, bem humorado, um episódio ocorrido em casa da cunhada, Ana Maria Moraes Burchard:

“Houve nôvo jantar ao Graça Aranha em casa de Nhandã, que convidou Cecília para tocar violino. Lena tocou piano, mas não soube tocar uma peça de Chopin, a pedido do Alcides Maia, que indicava a peça como sendo uma em que havia uma nota que é como um *grito humano*... Como êle não informava donde saia o grito, Lena não soube achar a peça.

“O Galeno apresentou Cecília ao Graça Aranha como tendo estudado violino na Suíça, em Berlim e em Paris!!!

“Santa Simplicitas! Ó pomada, quantas mentiras se cometem em teu nome!”

A 28 de novembro de 1915, ao concluir as “Observações e Emendas ao Projeto do Código Comercial do Dr. H. M. Inglez de Souza”, Octavio apôs-lhe a seguinte dedicatória:

“À minha querida Elisa, consolação de minha vida, principalmente depois que me feriu a paralisia, lembrança do Octavio.”

Em abril de 1917, Elisa foi visitar uma das filhas, Nina, que morava em Jaú, onde o marido, Manoel Abreu, montara consultório médico. Para lá escreveu Octavio no dia 20 dêsse mês:

“Eu avisei o Abreu e Nina de vossa ida, por me parecer melhor que êles te esperassem, do que deixar V. e Tavinho chegarem sem ser esperados a uma cidade que não conheciam. Mas recomendei aos dois que *fingissem surpresa*. Então, êles não souberam fingir? Pílulas!

“Tavinho que venha domingo sem falta, mas V. poderá ficar aí até descansar bem do trambolho do marido, dos filhos e dos criados.

Nada mais justo do que êsse repouso. V. pode entender-se com Sílvia e voltar no mesmo dia em que êles vierem, pois assim não fará a viagem sòzinha. Creio que até 30 dêste êles voltarão.”

Em 1918, durante a epidemia da gripe “espanhola”, Elisa voltou a Jaú, onde Nina e Abreu haviam caído doentes. Em carta datada de 8 de novembro dêsse ano, dizia Octavio à mulher, que se pelava por frutas e doces:

“Eu e Cecília vamos indo bem. Cecília tem governado perfeitamente a casa. Temo-nos regalado com as jabuticabas da nossa jabuticabeira, que estão excelentes. Quando V. voltar, não achará mais nada, senão as cascas que estou mandando guardar para mostrar a V.”

No princípio de 1922, Elisa foi passar uma temporada em Águas da Prata, que os médicos lhe haviam aconselhado para o diabete. E das várias cartas do marido, nessa ocasião, destacamos alguns trechos:

“24/1 — Estimo que você, Sílvia e os pequenos estejam passando bem, e V. engordando um pouco. Trate de engordar o mais que puder, pois V. bem sabe que não gosto de mulher magra.

"Inezinha e Nonozinha estão governando bem a casa. A cozinheira parece bem boa e o jardineiro também.

"Sílvia me escreve que V. e ela resolveram ir passar uns dias em Caldas, antes de voltarem. Fazem muito bem, e devem para isso aproveitar a companhia de Antoninho que amanhã segue para aí, e aí ficará até o fim do mês.

"V. passou mal a noite com os camundongos, porque já se esqueceu de *miar como gato*, como V. fazia quando era menina."

"3/2 — ... V. deverá se demorar aí o mais que puder, para engordar os 10 quilos que desejo, ou se aproximar o mais possível dêsses 10 quilos. Aqui não há novidade. A casa está bem governada. O jardineiro e a cozinheira parecem que servem. V. decidirá quando voltar."

Em suas cartas, Octavio fazia timbre de pôr a mulher a par de tudo o que acontecia e que pudesse interessá-la. Assim é que, escrevendo da "Bela Vista", contava a Elisa, que ficara em São Paulo, numa de suas longas cartas:

"15/9/1922 — O Joaquim decididamente não adquire fôrça para me carregar. Vou ver se arranjo o filho mais velho do Mario.

“Zazá está muito interessante. Madalena a derrubou, e ela deu mau jeito numa das mãozinhas, pelo que anda só com três pernas, mas mesmo assim sempre peralta e bravinha. De noite é a melhor guarda do meu quarto.”

Em 1923, a instâncias do marido e a conselho médico, Elisa viajou para a Europa em companhia da irmã, Nhanhã, e dos filhos, Inezinha, Pinheiro e Nonozinha, a fim de consultar, em Frankfurt, o Prof. Van Norden, considerado, na ocasião, o maior diabetólogo do mundo. São das longas cartas escritas nesse período êstes trechos:

“13/4 — Espero que só desta vez passaremos os nossos aniversários longe um do outro, e que de agora em diante não nos largaremos mais até a *viagem final*.

No dia 27 de março ou no dia 3 do corrente ganhei no Tribunal por 4 votos contra 2, a minha grande causa de Augusto José & Irmão. É, talvez, êsse o maior triunfo que tenho tido em minha vida de advogado, pois que consegui a reforma de uma sentença confirmada por um acórdão *unânime* do Tribunal, e acórdão de que foi relator o Ministro Soriano de Souza. Fui ao Tribunal, falei e voltei satisfeitíssimo com a vitória. Tavinho e até Sílvia assistiram ao julgamento e me ouviram falar.”

"13/5 — Tua carta muito me agradou, pois só dava boas notícias, mas se são interessantes as descrições que fazes das peripecias da viagem, muito mais me interessava saber como V. estava passando, e se estava engordando ou não. A êsse respeito não dizes palavra.

"Há poucos dias li no "Estado de São Paulo" uma notícia de que o Prof. Flexner, de Nova Iorque, declarara que o sôro *pancreático*, descoberto pelo Prof. Banting, de Toronto, *curava radicalmente* o diabete, em qualquer grau da moléstia, e que dentro em pouco o referido sôro seria enviado a todos os médicos do mundo.

"Junto envio essa notícia. Na *Illustration* li uma notícia idêntica. Interrogue V. o Prof. Van Norden a respeito, ou o Professor com quem estiver se tratando, e se fôr verdade, e se já houver aí o tal sôro *pancreático*, é aplicá-lo."

"16/7/1923 — Recebi a carta que me trouxe o Horácio Lafer, a qual muito apreciei por me dizeres nela que estás aproveitando o tratamento na clínica e engordando, ainda que lentamente. Oxalá que ao receberes esta, estejas bem mais gorda e sabendo ao certo o regime que deves seguir para manter essa gordura.

“Quem foi que te escreveu que Tavinho já era noivo oficial? Esse mexeriqueiro era melhor que cuidasse da sua vida, e não se metesse na vida alheia. E como é que você achou tal coisa possível? Isso mostra que V. ainda não conhece bem seu marido. Pois eu havia de tratar o casamento de nosso filho, sem V. estar aqui?

“Em carta ao Pinheiro peço a êle que compre para mim uma cadeirinha de rodas com um motor a gasolina, para eu me mover sem auxílio estranho dentro de casa e no jardim. O Horácio Lafer me disse que viu dessas cadeiras em Berlim. Sendo assim V. fornecerá ao Pinheiro o dinheiro necessário para essa compra.”

“22/8 — Aproveito a ida de um amigo o Sr. Lucien Oppenheim, para Paris, para te mandar esta e dois côcos, para V., Inezinha, Pinheiro e Nonozinha ficarem com saudades do Brasil. Oxalá os côcos estejam bons. Por isso os escolhi com bastante água.

“Nada mais. Voltem logo. Estou engordando um peru, para comermos no dia de vossa chegada. Vocês não estão com saudades de comer um peru à *brasileira*?”

“3/3 — Aqui esteve uma companhia dramática italiana, cuja figura principal era uma

atriz, Maria Melato, por quem a Giannina e Sílvia se entusiasmaram. Fui a um espetáculo, a *Phalène* de Bataille, e gostei mas não muito.

“Aqui está outra companhia dramática, mas essa francesa, à cuja frente está o ator Pierre Magnier, da *Porte St. Martin*. Fui ontem assistir à *Vierge Folle*, também de Bataille, e gostei muito do Magnier e de uma atriz, Juliette Clarel.

“E V. curou bem o seu coraçãozinho em Nauheim? Hei de verificar isso examinando êsse coração quando V. chegar, para constatar como êle está funcionando em relação ao marido, que aqui ficou *solo, perduto ed abandonato!*”



Pai extremosíssimo, a educação, a felicidade e o futuro dos filhos constituíam sempre a primeira das suas preocupações.

Em algumas cartas e nos “Conselhos para minha filha casada”, redigidos no correr do ano de 1920, essa preocupação é até obcessiva. As primeiras, dirigidas a Abreu e Nina, datam do início do ano:

“17/1 — Aqui vai tudo bem, menos Tavinho no exame de álgebra, em que foi reprovado na sexta-feira, antes de ontem, com o

que me estragou o dia e a noite, que dormi mal, como se tivesse sido eu o reprovado, tal a paixão que senti.”

“24/1 — Tavinho foi inabilitado em prova escrita de Geometria, o que junto à reprovação em álgebra lhe acarreta a perda do ano.

“Vocês não imaginam como me doeu êste fracasso. Parecia que o reprovado tinha sido eu. Tenho passado mal as noites, e só no trabalho absorvente encontro lenitivo, pois me faz esquecer o desgosto. Reconheço que não havia motivo para tanto, mas que querem? O meu feitio é êsse, e ver o meu único filho, que traz o meu nome, reprovado por vadio, me dói como vocês não fazem idéia.”

“7/2 — Ainda não achei colégio para internar Tavinho, que, estou convencido, precisa entrar como interno para um colégio “onde o regime seja rigoroso, pois só assim estudará um pouco.

“Estou à espera de informações sôbre um colégio de jesuítas, que me consta existir em Friburgo. Se as informações forem boas, Tavinho irá para lá.

“Pensei que em Minas houvesse um bom internato. Escrevendo a respeito ao meu colega Mendes Pimentel, êle me respondeu que

em Minas, como na Itália, os colégios se dividem em três classes: *pessimi*, *meno pessimi* e *piú pessimi*. Vejam vocês ao que está reduzida a instrução secundária em nossa terra!”

“14/2 — Estou em dificuldades para achar um colégio onde coloque Tavinho, pois o de Friburgo não aceita meninos com mais de 14 anos de idade.

“Estou à espera de informações sobre um outro colégio de jesuítas de Santa Catarina. É outro assunto, que me tem causado profundo desgosto. E era tão fácil com um pouco mais de estudo ter sido aprovado no exame do 4.º ano, e continuar no Ginásio e ter-me poupado o aborrecimento em que tenho vivido desde a *bomba*.

“Enfim, paciência, mas o que eu sempre disse, o farei: a vida do rapaz vai mudar. Já que não se mostrou digno da vida que eu lhe dei, há-de entrar agora para um colégio onde haja disciplina.”

“13/ — Tavinho embarcou ontem para Florianópolis, no vapor *Itaúba*. Elisa e Sílvia foram acompanhá-lo até Santos, voltando ontem à noite. Até hoje Elisa ainda não parou de chorar a partida do filho, que também partiu lavado em lágrimas, se bem que

dizendo desafôros à mãe e às irmãs até o dia da partida. Eu fui o único que o tratou sempre friamente, desde a bomba em álgebra, e ao se despedir êle de mim, ainda lhe disse que era impossível me deixar mais aborrecido, e que só boas notícias que me viessem do colégio a respeito d'êles é que poderiam modificar o meu modo de pensar e de sentir a respeito de um filho que tão mal tem correspondido aos meus cuidados e à minha afeição.

“Veremos se com os jesuítas de Florianópolis êle aprende a estudar e obedecer. Se no fim do ano êle me voltar estudioso e obediente ou em caminho de adquirir essas qualidades, eu me considerarei devedor dos padres para o resto de minha vida.”

“15/4 — O melhor presente que recebi nesse dia foi uma carta do Pe. Diretor do *Ginásio Catarinense*, com excelentes notícias sobre os estudos e comportamento de Tavinho, e uma outra carta dêste, prometendo estudar com vontade para reparar a bomba do ano passado.”

Os “Conselhos para minha filha casada” trazem a data de 28 de dezembro de 1920.

“1. Procura fazer de tua casa o oásis abençoado, onde teu marido encontre sempre a tranqüilidade e a alegria, que lhe façam

esquecer os motivos de tristeza, que porventura traga da luta pela vida.

“2. Para isso deverás evitar sempre qualquer discussão com teu marido, ainda quando por êle provocada em momento de mau humor, que todos temos. Em tais ocasiões, será preferível te calares e logo na primeira oportunidade procurares com teus carinhos destruir aquêlê mau humor e trazer teu marido ao estado normal de satisfação e tranqüilidade.

“3. Evita o ciúme, que é causa de tantas desgraças; e quando o não puderes evitar, recalca-o no fundo do teu coração, para que ninguém o perceba, até que consigas dominar e desvanecer por completo.

“4. Contenta-te sempre com o que possuires, sem invejar nada a ninguém, e nada reclamando de teu marido, de quem com carinhos poderás conseguir tudo quanto êle te puder dar.

“5. Não deverás intervir jamais nos negócios de teu marido, e sim quando por êle consultada, deverás dar a tua opinião sincera e sempre no sentido favorável aos interesses do casal.

“6. Deverás ser solidária com teu marido em tôda e qualquer questão que êle te

nha; mas quando entenderes que êle está errado, deverás lho dizer com tôda a sinceridade, mas com tôda a delicadeza, e procura-res convencê-lo do seu êrro. Se êle, porém, persistir, deverás te calar e não alimentar discussões.

“7. Deverás acompanhar teu marido, e sempre com cara alegre, para onde êle te queira levar.

“8. Procurarás conquistar a amizade dos parentes de teu marido, principalmente de teus sogros e cunhados.

“9. Sê econômica, evitando despesas inúteis e incompatíveis com a tua fortuna e de teu marido; mas evita também o excesso de usura, que tanto tem de feio quanto de prejudicial.

“10. Deverás ser caridosa com os infelizes alheios e viver de acôrdo com as tuas posses, com o conforto que estas de permitirem.

“11. Deverás preferir sempre a companhia de teu marido e tua casa a qualquer diversão, sem faltar, entretanto, aos deveres sociais e aos da amizade bem escolhida.

“12. Quando te sentires triste e não tiveres a companhia de teu marido, procura um bom livro, e nêle encontrarás refrigério

para a tua tristeza. Os bons livros são amigos sempre fiéis e sempre prontos a nos consolar e servir.

“13. Se tiveres filhos, procura criá-los no hábito do trabalho, criaturas úteis, amigos da Verdade e da Justiça, empregando todo o teu esforço para que não se tornem inúteis pela preguiça.

“14. Se algum dia ouvires de teu marido uma palavra menos delicada, não lhe respondas, e perdoa-lhe a ofensa, e facilita-lhe a pronta reconciliação. Saber perdoar é uma das coisas mais difíceis dêste mundo e uma das mais seguras garantias de uma vida feliz.”



Malgrado o sofrimento, as ingratidões e os desenganos, Octavio alimentava um sadio otimismo mesclado de resignação, que era tôda uma filosofia. Não aludia jamais à sua moléstia e às dolorosas limitações físicas a que se via sujeito, repetindo muitas vêzes:

— Só me lembro de minha doença quando vocês falam nela.

Na manhã do seu 52.º aniversário, a 12 de abril de 1921, ao passar pela avenida, a caminho da cidade, uma das filhas não resistiu à tentação de ir abraçá-lo antes da hora combinada. Saltou

do bonde e correu pelo jardim até o terraço traseiro, ao rés-do-chão, onde êle fazia diàriamente uma hora de exercícios, antes do almoço, andando com a ajuda dos braços, entre duas barras paralelas. A moça não levava preparada nem uma palavrinha de felicitações. Mas, chegando, abraçou-o, tomou-lhe a bênção e exclamou:

— Papai... outros 52!

— E por quê não, minha filha — tornou êle, sorrindo, — se eu tiver saúde até lá, com cabeça e disposição para o trabalho?

Entretanto, não tinha as consolações da fé. Ateu, materialista, não acreditava em Deus. Desde os tempos da Faculdade se deixara empolgar pela doutrina positivista e, com a leitura das obras de Augusto Comte e outros pensadores materialistas, perdera de todo os resquícios de fé que porventura conservava de sua educação. Dêle se guardam ainda algumas cartas, escritas a uma das filhas, numa época em que esta, tendo encontrado o caminho da religião, a êle se atirara com entusiasmo e ao qual tivera a veleidade de arrastar o pai. A correspondência entre ambos girou em tôrno das idéias de um escritor francês, Jacques d'Arnoux, que Sílvia conhecera através do seu livro "Palavras de um Redivivo", por ela traduzido do francês. Vem a pêlo citar alguns trechos dessas cartas para se ter idéia da maneira de pensar do Octavio sôbre a questão religiosa, exposta em

carta íntima, ao correr da pena, sem preocupação de estilo ou de rigor dialético.

"11/8/1924 — ... duas cartas do d'Arnoux, que com esta devolvo, depois de as ter lido com tóda atenção.

"São cartas de um homem inteligente, mas ... fanático, absolutamente fanatizado, e por isso incapaz de julgar com justiça aquêles que pensam de modo diverso.

"O que êle diz do Renan então, é até ridículo. Chama-lhe *seminarista apóstata*, de modo que atira em rosto a Renan a página talvez mais bela da vida do grande escritor, que revela de modo único a sua sinceridade e boa fé.

"Renan cursava o seminário, para se fazer padre. Antes de proferir seus votos, em certo momento, começou a verificar que sua fé estava abalada. E êsse abalo foi aumentando, até verificar que tinha perdido de todo a fé.

"Devia continuar a cursar o seminário e se fazer padre hipócrita, sem fé?

"O Sr. D'Arnoux, Papini e outros, parecem que entendem que sim, pois que chamam Renan *seminarista apóstata*.

"Ê ou não ridículo? Pois então, o grande escritor pode ser acusado por ter agido com sinceridade, de acôrdo com sua consciência?

“Os crentes entendem que é honrosa a conduta do descrente que passa a ser crente. É o que neste momento o Sr. d’Arnoux trabalha por fazer em relação a V., Sílvia.

“Por que será que o descrente tem o direito de se fazer crente, sem desdouro, e o crente que se torna descrente é um *apóstata* do qual todos devem desconfiar, como diz o sr. D’Arnoux?

“Por que a crença terá mais direitos do que a descrença? Eu acho tão respeitável uma como a outra, *desde que seja sincera*.

“Quisera saber o que responde a isso o Sr. d’Arnoux.

“Diz êste que nenhum grande espírito jamais duvidou da existência de Deus.

“É uma afirmação audaciosa. Então Spencer, Augusto Comte, Littré, Haeckel acreditaram algum dia na existência de Deus? Ou não são *grandes espíritos*, na opinião do sr. d’Arnoux?

“Quanto a pretender que Napoleão I foi um crente só o pode afirmar quem não conhecer a vida do grande capitão. Tôda a vida de Napoleão prova que êle nunca acreditou em Deus, porque nunca falou em Deus, porque nunca invocou Deus, mesmo nos momentos mais críticos de sua vida.

“Fêz a concordata como chefe de estado, como medida política conveniente, para consolidar o seu govêrno. Não é prova, portanto, de suas opiniões religiosas.

“Eu sou ateu e materialista, mas se fôsse chefe de Estado no Brasil, também não duvidaria fazer uma concordata com o Papa, pois reconheço que a religião católica é a da quase unanimidade do povo brasileiro. Foi o que fêz Napoleão como chefe da França.

“Quanto a Napoleão ter falado em Deus momentos antes de morrer, e ter dito que queria ser sacramentado, também não prova que êle tivesse acreditado em Deus, durante tôda a sua vida.

“Podia mesmo acreditar em Deus momentos antes de morrer, mas a êsse respeito devemos nos lembrar das palavras de Renan no final das suas *Souvenirs d'Enfance et de Jeunesse*: “desde já renego as palavras que a decrepitude ou a moléstia possa me fazer proferir nos últimos momentos de minha vida. *É em Renan, são de corpo e de espírito, que quero que se acredite.*

“Como depois disto ainda o Sr. d'Arnoux pretende me fazer acreditar que Renan poucos momentos antes de morrer renegou tôda a sua obra?

“Em suma: o sr. d’Arnoux é um herói, não há dúvida, é uma bela inteligência, também não há dúvida, mas é um fanático, está fanatizado pela sua crença e por isso é incapaz de fazer justiça a quem diverge de suas opiniões. Só assim se explica a audácia d’êle chamar *romancista* a Renan e dizer que o Poincaré não teve *assez de caractère*.

“Ou será que a minha ciência ainda não é bastante para me levar para Deus, conforme a frase de Bacon; mas consolo-me que comigo está muita gente boa, cuja ciência é respeitada pelo mundo inteiro, como Spencer, Augusto Comte, Littré e outros.”

“31/8/1924 — Com esta devolvo a carta de M^{me} Epitácio Pessoa, que Sílvia me mandou. A carta é de uma senhora inteligente e sensata. Com que tato ela se refere a Renan! É muito mais hábil nesse ponto do que o herói d’Arnoux cuja brutalidade em relação ao grande escritor é apenas irritante e indicadora de que o *herói católico* só sabe aconselhar *humildade* para uso dos outros, sendo êle mesmo incapaz de se humilhar, ainda que diante de um colosso literário como o autor da *Vie de Jesus*.

“Estimarei muito que V. adquira a fé do sr. d’Arnoux, *varrendo para o lixo* tudo quanto dizem Renan e os outros que pensam com

o delicioso escritor e *decretando* que Deus existe e disse com efeito tudo quanto lhe atribuem. Já é pretensão *varrer para o lixo* o que dizem Spencer, Littré, Augusto Comte, Haeckel! Mas em matéria de pretensão, quem é que põe limites ao *pretencioso*?

“Em contraste com estes pretenciosos veja V. o Renan como é delicado, gentil, aristocrático e fino de maneiras, mesmo quando se refere aos seus adversários! Nunca foi capaz de chamar *apóstata* ou *romancista* aos que pensam diversamente, nunca falou em *varrer para o lixo* as opiniões dos seus adversários. E nunca se gabou de *humilde*, apesar de sua vida ser um exemplo de humildade.

“Tal é a diferença entre a convicção serena e firme do filósofo, baseada na razão, e a *fé do fanático*; que se limita a repetir a frase com que os árabes conquistaram o mundo por alguns anos: *Crê ou morre!*

“Diz V. que o espírito do d’Arnoux é um fogaréu: não gosto dos fogaréus. Prefiro a chama delicada, suave e serena de uma convicção firme, baseada na razão, na reflexão e no estudo. O *fogaréu* é o incêndio, devorador, violento e irrefletido, próprio do fanático, mas não de quem, como eu, só acredita no que a razão admite e sanciona. Cada vez me sinto mais incapaz de ser um *fanático*

e de crer como um *fanático* — *credo quia absurdum*. Só posso acreditar no que minha razão admite.

“Entretanto, reconheço que é muito possível haver quem se delicie em *credere quia absurdum*, e sinta-se feliz nesse estado d'alma.

“Já Jesus havia dito a Tomé: “tu acreditaste porque viste, bem aventurados os que não viram e acreditaram!”

“A frase é bela, e feliz com efeito é quem crê sem necessidade de verificar a verdade da sua crença. *É uma questão de fé. Eu só posso ter fé no que minha razão admite.*”

“5/10/1924 — Sôbre a religião católica, V. Sílvia, já devia conhecer a minha opinião: a religião pregada pelo Cristo é uma santa religião, capaz, *como qualquer outra religião* de satisfazer a alma mais exigente.

“Mas as qualidades da religião católica tôdas as outras religiões também as possuem. Felizes os que podem *sinceramente* se abraçar a qualquer delas.

“Eu é que até êste momento, *desde que penso pela minha cabeça*, não sinto necessidade de religião alguma, e não posso crer em Deus, nem na vida futura, porque não concilio essas hipóteses com o que vejo todos os dias.

“A injustiça *reina como sempre reinou* sobre a terra, e não posso conciliar êsse fato com a existência de uma Providência (com P grande).

“Para existir Deus era preciso existir uma vida futura com *castigos para os maus e prêmios para os bons*. É a idéia do inferno criada já pelo paganismo e aproveitado pelo Cristo...

“Essa idéia é incompatível com a misericórdia divina, assim como o prêmio eterno é incompatível com a idéia dos eleitos continuarem no céu a presenciarem a miséria da vida terrena.

“Se êles, os eleitos, desconhecem o que se está passando na terra, então não são eleitos nem nada, são tão miseráveis como os que ficaram na terra.

“Enfim, as hipóteses de Deus e da vida futura *só servem para perturbar*. Diga-se: *a vida é conduzida pelo mero acaso*, e tudo se explica. Nenhuma injustiça deixa de ter a sua explicação, pois o *acaso é cego*.

“Diga-se: *a morte tudo extingue*, e está tudo explicado. Não temos que procurar conciliar a felicidade, por exemplo, de uma mãe que *deve estar no céu*, como a minha, com o fato d’ela conhecer a miséria dos entes queridos que ela deixou sobre a terra!

“A minha descrença, o meu materialismo resolve tudo isso com a máxima facilidade. As religiões é que não resolvem dificuldade alguma com as suas teorias absurdas e metafísicas.”

“4/11/1924 — ... acompanhando uma longa e fastidiosa carta do d’Arnoux, em que êste diz, *sem vergonha nenhuma*, que o descrente não tem direitos, porque a descrença é o êrro, e que só a Fé (com F grande) é que tem direitos porque é a Verdade.

“Por que então êle discute o assunto? Se a descrença não tem direitos, justificado está Torquemada, justificada está a Inquisição, justificados estão os árabes, quando diziam: *Crê ou morre!*

“E a tolerância religiosa? Não saberá o Sr. d’Arnoux que essa é uma das mais belas conquistas da civilização moderna? E se existe a tolerância religiosa, como negar *direitos* ao descrente?

“Eu é que desisto de discutir com quem pensa assim. Estou sempre pronto a discutir com quem reconheça em todo e qualquer descrente os mesmos direitos do crente. Com quem divide o mundo em duas partes: crentes e descrentes, só reconhecendo direitos aos primeiros, desisto de discutir, pois é um fanático e com fanáticos não se discute.”

Noutra ocasião, em data, aliás, bem anterior, Octavio assim se expressou ao noticiar a morte de outro irmão, a quem muito quisera, e que o tratara com inexcedível dedicação, durante a fase mais aguda de sua moléstia:

“8/9/1915 — E morreu (Cassiano) no próprio dia de aniversário de Mamãe, quando nos preparávamos para ir almoçar com ela alegrando um pouco o seu triste fim de vida. Em vez do almoço com os filhos, foi a notícia da morte do Cassiano que o destino lhe deu. Eis como a sorte trata a quem viveu uma longa vida só para lutar e sofrer, dando sempre só exemplos de retidão, de bondade e de humildade. Como diz um personagem de Bourget, “é preciso que Deus não exista, pois se Ele existisse, mereceria as galés.”



A capacidade de admirar não é virtude muito encontradiça entre as pessoas votadas às coisas do espírito. E é freqüente observar-se uma relação de ordem inversa entre amplitude da inteligência e a admiração que possam despertar as obras alheias. O poeta é o crítico menos indicado, por parcial e preconceituado, da poesia dos colegas; o romancista dos romances dos outros; o cientista, da ciência do vizinho. Entretanto,

escolhidos ao acaso entre muitas, três cartas de Octavio o colocam na honrosa situação de exceção à regra :

“17/1/1912 — As últimas notícias que tenho do Brasil dão o Hermes em vésperas de cair, receando desordens no Rio, depois dos morticínios da Baía e conseqüentes demissões do Marques Leão e P. Toledo, esta última causada pelo acôrdo de S. Paulo e retirada da candidatura do Rodolfo.

Se o Hermes não cair continuarei apreen-sivo com a sorte de S. Paulo, pois não acredito na sinceridade de quem se vendeu por 350:000\$000.

Ai de quem se iludir, como bem disse o Ruy. Os discursos dêsse gigante é que me encheram as medidas, aumentando minha admiração por sua coragem, que quanto ao talento não posso admirá-lo mais.”

“3/8/1921 — A morte do Dr. Pedro Lessa foi, efetivamente, uma desgraça nacional, porque era um grande jurisconsulto e um grande caráter. E tinha apenas 62 anos, podendo viver mais uns 15 anos, pelo menos, durante os quais poderia produzir obras notáveis, como as que deixou. E sofreu muito para morrer, com uma erisipela terrível que

gangrenou em diversas partes do corpo, produzindo-lhe dores atrozes.”

“31/10/1928 — O Carvalho de Mendonça foi-me visitar, no meu escritório, como Antãozinho já devia ter contado a V. porque ele assistiu à visita. É escusado dizer que fiquei lisonjeado com a visita.”



Octavio nunca elevava a voz, não empregava termos violentos, não deblaterava, jamais se lastimava. Com o olhar dizia da sua satisfação ou da sua reprovação; com o olhar envolvia e aprovava, ou admoestava e afastava. Os filhos, sobretudo, conheciam êsse olhar num relance e não havia pior castigo para êles do que ler em seus olhos a insatisfação, o desagrado. Octavio não era homem que se demiasse em afagos, porém seu olhar amigo valia, para os filhos, mais que um gesto carinhoso.

Para os filhos, constituiu-se em religião. Casados todos, a casa de Papai continuou sendo a casa de todos; era o ponto obrigatório de reunião. O encanto de sua prosa variada, seu permanente bom humor, sua inalterável disposição para dar uma explicação sôbre qualquer assunto ou ouvir um problema e opinar e aconselhar, faziam com que a casa da Avenida vivesse sempre cheia.

Os filhos acostumaram-se a ver nele a inteligência enciclopédica, que tudo sabia, tudo explicava, tudo esclarecia.

E os conselhos de Octavio não se limitavam aos filhos que iam pedi-los pessoalmente. Quando algum dêles viajava, fazia timbre de acompanhar mentalmente a viagem, indicar o que podia e devia ser visto, e como devia vê-lo. A propósito, vale a pena transcrever um trecho de uma carta endereçada a Sílvia, quando esta e o marido, em 1924, foram à Europa.

"5/10/1924 — Quero ver o que vocês vão me dizer de Roma, *se tiverem tempo de a examinar com algum vagar*, pois de Roma é preciso não esquecer o que disse Taine: que se pode nela morar 4 anos, *rendo cada dia uma coisa nova*. Mas é ver como entendia Taine, e não Papai, que me diz (coitado!) ter estado 8 dias em Roma e ter visto *tudo, tudo quanto merecia a pena ser visto!*

"Vocês leram o Taine, *Viagem na Itália e Psicologia da Arte*, antes de iniciarem a viagem? Se não leram, não foram preparados para bem aproveitarem a viagem. Eu aqui recomendei muito a Sílvia que levasse e lesse o Taine com atenção."

Embora materialista convicto, Octavio sabia respeitar as opiniões que divergiam da sua, sobre-

tudo quando as percebia sinceras e nunca se soube que tentasse dissuadir alguém de suas idéias para convertê-lo ao seu ateísmo. Três filhas teve extremamente religiosas: Cecília, Nina e, esporadicamente, Sílvia. Nina, em 1921, perdeu o marido, criatura de exceção, o Dr. Manoel de Abreu e, durante muito tempo, desconsolada, pensou em refugiar-se num convento. Quatro anos depois, o pai lhe escrevia esta carta:

"4/11/1926 — Hoje é dia de seu aniversário: aceite, por isso, um abraço em que transmito os meus melhores e mais sinceros desejos pela sua saúde, e para que encontres na vida a tranqüilidade de consciência, condição principal da relativa felicidade.

"A notícia que V. me dá — que vai voltar e continuar ao meu lado, não podia ser mais agradável. Podes voltar certa de que da minha parte nenhum obstáculo encontrarás para cumprires, como entenderes, os teus deveres de crente. Preciso, porém, te dizer que és injusta no modo de julgar tua mãe. Se ela falou e pediu pelo telefone a Mons. Maximiano que te desaconselhasse a entrada para um convento, não foi para *chamar a atenção*, como diz V., pois isso seria absurdo e infantil; foi, apenas, porque te quer bem, e por entender que, continuando a viver na casa de teus pais, V. será mais feliz, do que entrando

para um convento, onde, ainda que encontres só freiras santas, o que é impossível, não encontrarás amizade mais sincera do que aquela que te consagram teus pais.

“Já que estás decidida a voltar para a nossa companhia, e a continuar a me prestar os teus cuidados, que tão gratos me foram durante o nosso passeio pela Europa, preciso te aconselhar a seres mais indulgente para com os nervos de tua mãe, que, doente como é, nem sempre sabe traduzir com fidelidade o amor que consagra a todos seus filhos. Para viveres bem com ela precisas não te agastar com as impertinências de tua mãe, que tôdas tem por causa a *diabetes* de que ela sofre. Ela precisa mais do que eu dos teus cuidados e dos teus serviços, e pelos poucos anos que nos restam de vida, a nossa companhia nos será de grande valor e de grande importância para suavizar a nossa velhice, principalmente agora que (parece), Nonozinha se casando, vamos ficar completamente sós.

“Aqui te espero, portanto, de acôrdo com tua carta. O padre Maximiano mostrou ser o que eu sempre pensei dêle: é um sacerdote inteligente e criterioso, um conselheiro seguro. Só mesmo êle seria capaz de te apontar o 4.º Mandamento, pois eu, como pai, me julgaria *egoista* se tal fizesse. Como te disse quando

conversamos no meu escritório, eu jamais seria capaz de te amarrar à minha desgraça. Para sofrer as conseqüências da minha paralisia, basto eu, não havendo necessidade de obrigar a terceiros, ainda que meus filhos, a partilharem da minha miséria.

“Dá por mim, um abraço no bom Monsenhor Maximiano, com minhas especiais saudades.”



Embora se houvesse adaptado, com grande serenidade e perfeito equilíbrio, às peculiaríssimas condições de vida que lhe impusera a moléstia e houvesse, depois dela, obtido na vida os maiores triunfos, Octavio não deixava, por isso, de alimentar, no mais íntimo recesso de sua alma, a esperança de poder um dia andar sozinho, sem a ajuda dos outros, ainda que, para tanto, precisasse recorrer a bengalas, muletas, ou aparelhos. Vira esgotadas no Brasil tôdas as possibilidades que lhe oferecia a medicina patrícia. Esperava, entretanto, sem saber exatamente o que, que os centros médicos da Europa, os mais adiantados do mundo àquele tempo, lhe acudissem porventura com a tão almejada solução para o seu problema. E, um belo dia, decidiu-se. Obteve licença na Academia. Entregou os negócios do escritório aos companheiros de trabalho, o cunhado, José Correia

Borges, os genros, Pinheiro Junior e Antonio Cajado de Lemos e o filho, Octavio Mendes Filho. E, em meados de 1925, embarcou com a mulher e Nina, viuva, e Nonozinha, solteira, para a Europa, onde procuraria o médico, o especialista, a clínica, o hospital, que lhe acenasse com uma possibilidade, ainda que remota, de cura. Mas Octavio possuía também a alma sensível do artista. E não poderia viajar o Velho Mundo, sem ver e admirar tôdas as suas belezas. São desta época as muitas cartas que escreveu aos filhos que haviam ficado em São Paulo.

“4/6/1925 — Ainda estou deslumbrado com Florença. Ainda tenho nos olhos a visão do pouco que vi. A praça da Senhoria, a praça do Duomo, o Batistério, o Arno. Não tive tempo de ir ver o *David* mas daqui a 10 dias lá estarei por um mês, pelo menos, e espero que ficarei bem conhecendo a Galeria Pitti e a dos Uffizi, a Academia Nacional de Arte, etc., etc....”

“27/6/1925 — Florença tem-me deliciado. Até o clima é igual ao de São Paulo. Estamos em pleno verão, e entretanto, depois de uma pequena chuva a temperatura caiu a 26° e está fazendo um pouco de frio.

“No dia 24, dia de S. João, os templos da cidade foram iluminados *a giorno*, com

lampadazinhas de azeite, de forma que o *Duomo* parecia envolvido em um grande incêndio.

“Até o calçamento da cidade, com grandes pedras, parecidas com as nossas lousas de Itu, me agrada.”

“22/8/1925 — Quem definiu a arte como *um cantinho da Natureza visto através de um temperamento*, foi Zola. Que é uma das melhores definições que conheço.”

“23/8/1925 — O mês e sete dias que passamos em Florença foram uma delícia como V. bem imagina. Tudo me encantou naquela cidade, o calçamento, o Arno, as igrejas, as livrarias, as galerias de pintura, as festas populares. Das galerias de arte não falemos. Não me esquecerei, enquanto viver, da impressão que me ficou do *David* de Miguel Ângelo. Só o olhar do herói, encarando com certeza o gigante que para êle avançava, revela a sentença de morte proferida contra o bruto do Goliath, e só êste olhar revela o escopro de Miguel Ângelo, pois não encontrei impressão idêntica em nenhuma outra estátua.

“Outra estátua admirável é o *Rapto das Sabinas*, de João Bolonha, que está na Loggia

dei Lanzi. Nunca passava por lá, que não me detivesse para contemplá-la alguns momentos.

“Enfim, Florença é um paraíso, digno de ter produzido o Dante e o Miguel Ângelo, colocados pelo Taine entre os 4 maiores gênios da humanidade ao lado de Shakespeare e Beethoven.”

“10/9/1925 — ... de Milão, eu só gostei do *Duomo*, e isso mesmo sem entusiasmo, pois só me agradou exteriormente. Internamente nada tem de notável, e mesmo exteriormente a impressão agradável é de conjunto. Examinando-se o tempo detalhadamente, verifica-se que aquilo o que é é um abuso de mármore, de que Milão dispunha à vontade. As estátuas que ornarn as agulhas do templo nada tem de natural, tendo sido feitas às grosas, por *artistas* que eram mais *marmoristas* do que *estatuários*.”

“13/9/1925 — Veneza tem-me encantado, pelas suas qualidades próprias e pelas riquezas artísticas que encerra. Uma cidade sem feira, sem automóveis, sem carros e sem bondes. enfim sem barulho, é uma delícia.

“Já visitei a praça e a igreja de S. Marcos, o Palácio dos Doges, e a *Academia de Belas Artes*. A praça e a igreja são duas

belezas e o palácio dos Doges um primor, pela sua arquitetura e pelas pinturas de Tintoretto e Veronese.”

“13/9/1925 — Estou tão farto de ver quadros religiosos, que é com verdadeira delícia que descanso os olhos nos quadros pabãos que enchem o Palácio dos Doges. A beleza do Cristianismo é puramente espiritual, está só na sua doutrina, que é verdadeiramente santa. A beleza do Paganismo é puramente artística. Sob êsse ponto de vista, o Cristianismo é inferior. Não se compara um Cristo ou uma Madona com a sua pobre *toilette*, com um Apolo ou uma Venus em sua esplêndida nudez. Em matéria de arte eu sou pagão por completo. Os quadros de Tintoretto, *Mercurio e as Graças*, *Minerva*, *Venus e Marte*, *Ariadne e Baco*, *a Velhice e a Mocidade* de Veronese, eu não canso de admirar, e me agradam muito mais que tôdas as *Famílias Sagradas*, pois a pintura é a arte da Forma, pelo que encontra no corpo nu das deusas pagãs um elemento que não pode encontrar nos santos e no Deus do Cristianismo.”

“18/9/1925 — Passamos em Veneza dez dias, de 8 a 18. Dias felizes e cheios. Passei de gôndola, de *moto-scaf* e de barca grande, sem o menor acidente. Do que eu mais

gostei de Veneza foi da praça e da igreja de S. Marcos e do Palácio dos Doges. Êste, então, é uma delícia, pela sua arquitetura e pelas pinturas que encerra. Por si só dá idéia do que foi Veneza, a rainha do Adriático, herdeira de Roma, sem jamais ter sido domada pelos bárbaros, tratando de potência a potência com os reis, imperadores e com os papas. *Siamo veneziani e dopo christiani.*

"5/10/1925 — Aqui estamos em Roma desde 25 de setembro à noite, e estou me deliciando com a cidade eterna e suas belezas artísticas e suas ruínas colossais. Já fui ao Coliseu, à igreja S. Pedro, à S. Pedro *in Vincoli*, aos Museus do Vaticano e da Villa Borghese, e já fomos recebidos e abençoados pelo Papa.

"O Coliseu me encheu as medidas, dando-me uma idéia da Roma dos Césares. Imagine 100.000 pessoas dentro daquele anfiteatro, a vociferarem diante do combate dos gladiadores ou dos cristãos dados em pasto às feras! E o Cesar a presidir o espetáculo!

"A Igreja de S. Pedro me entusiasmou pela sua magnificência e pelo seu esplendor. Absolutamente não concordo com o Taine quando diz que a impressão que deixa tal igreja não se compara à que deixa a igreja

de Siena. Também estive em Siena, e a sua igreja é, de fato, uma beleza, mas não se compara com a *S. Pedro*, nem de longe.

“O que não correspondeu à minha expectativa foi a estátua de *Moisés* e também o *Julgamento Final* de Miguel Ângelo. Achei a primeira fria e inexpressiva. Prefiro mil vezes o *David*, pela expressão fisionômica respirando a energia e a resolução firme do herói, diante do bruto que avança para ele.

“O que positivamente me encantou foi o *Amor Sacro e o Amor Profano* de Ticiano, da Galeria Borghese, assim como a *Venus de Canova*, a deliciosa Paulina Borghese.

“Só para ver essas duas obras primas e a igreja de S. Pedro, vale a pena vir a Roma. E ainda me falta ver as estátuas do Museu do Vaticano, o *Lacoonte*, o *Apolo* e o torso do Belvedere. Tenho serviço aqui para mais de um mês. E que serviço delicioso, muito superior a estudar e arrazoar autos.

“Hoje fui visitar as *Stancias* de Rafael no Vaticano. Francamente, me agradaram mais que o *Julgamento Final* de Miguel Ângelo. Só a batalha de Constantino, o *encontro de S. Leão com Átila* e a *Expulsão de Heliodoro do Templo* metem o *Julgamento Final* num chinelo.”

“28/11/1925 — Eu pretendo sair aqui de Roma conhecendo tôdas as suas riquezas artísticas, *sem exceção de uma só*, e tudo, tudo isto, uma, duas, três vêzes, com vagar e consciência. Viajar atropeladamente, examinar museus apressadamente, é viajar por *sport*, não para ilustrar o espírito.”

“7/1/1926 — Desde que chegamos de Roma, a 30 de dezembro, temos andado aqui em Nápoles numa *roda viva*, que eu não aguentaria se tivesse qualquer lesão nos rins, como pretendia o Galeno.

“No primeiro dia visitamos o *Acquarium*, que é grande e muitíssimo interessante e lá vimos polvos a lutarem para um tomar a comida do outro, e flôres marinhas curiosíssimas, como as *sensitivas do mar*, que basta serem tocadas para se refugiarem dentro de um tubo, onde se encolhem, para daí alguns minutos saírem de nôvo, flôres do tamanho de uma rosa.

“No segundo dia visitamos a *Sulfarata*, um vulcão meio extinto que existe aqui a 1 hora de automóvel longe de Nápoles e onde vimos água fervendo sair de uma das crateras, e de outras vapor de enxofre, cujo cheiro se sente à distância. O guia queimou um papel e agitou a chama em cima do vapor

que saia da cratera. Imediatamente, o vapor que saia das outras crateras e a água fervendo que saia de uma delas, aumentaram de maneira visível. Assim ficará o Vesúvio quando começar a se extinguir.

“No terceiro dia visitamos o *Museu Nacional* que é grande e tem coisas verdadeiramente belas, entre outras o grande quadro de Tiziano — “Danae e o Amor”, que é uma verdadeira beleza.

“No quarto dia visitamos o teatro S. Carlos, isto é, fomos ouvir o *Mefistófeles* em *matinée*. Foi um dos melhores *Mefistófeles* que tenho ouvido, muito bem cantado e muito bem representado.

“No quinto dia fomos a Pompéia, visita interessantíssima. Lá vimos cadáveres de crianças, homens e mulheres e de um cachorro, no estado em que morreram asfixiados pelas cinzas do Vesúvio, no ano 79 depois de Cristo. Vimos mais uma casa com todos os seus quartos bem conservados, inclusive a sala de visitas, com pinturas à fresco nas paredes, o banheiro como os romanos usavam e até um gabinete com pinturas indecentes (costume romano!), o que só é permitido aos homens examinar.

“Vimos uma padaria com seus moinhos de moer trigo e o forno de assar os pães,

igualzinho aos nossos de assar biscoitos. Vimos o *Forum* e o *Anfiteatro*, que não valem nada para quem já viu o *Forum Romano* e o Coliseu.

“Antes de ontem fomos ao Vesúvio. Foi a visita mais importante que fizemos em Nápoles.

“Imaginem que eu, com a minha paralisia, subi um morro de 1.200 metros em um trem elétrico que faz a subida em duas partes, a primeira subindo 25% e a segunda subindo 55%.

“Acabada a subida pelo trem elétrico tem-se que andar a pé uns 500 metros até a cratera, mas aí já não é subida, é simplesmente marcha por um caminho sôbre terreno que parecia areia, mas é lava ou terra expelida pelo vulcão. Eu fui carregado por uns seis ou oito guias, e assim cheguei até a cratera, que expelia uma espessa fumarada. Os guias também me mostraram fogo, mas êsse fogo eu não vi. É verdade que fazia um vento tão forte que atrapalhava a visão, e de repente carregou com o meu chapéu, que um dos guias conseguiu salvar. Nina, ao meu lado, choramingava pedindo para voltar, de medo do vento e da fumarada do vulcão.

“Quando penso que eu, paralítico, fiz essa ascensão, chego a me convencer que sou mes-

mo um *decidido*, como diria o Marquês de Três Rios.”

O jurista também teve, nessa viagem de satisfações artísticas e sobretudo de busca de saúde, uma das mais gratas emoções de tôda a sua vida. É o que êle conta em duas cartas que dirigiu ao filho, quando ainda se encontrava em Roma.

“13/12/1925 — Fui antes de ontem assistir à aula do Vivante, na Universidade. O Vivante, o grande Vivante, é um velhinho pequenino, de fisionomia inteligente, e magnífico professor, com elocução fácil e interessante. Falou sôbre *a venda civil e a comercial*, diferenciando magistralmente uma da outra. Gostei imenso da preleção. Acabada esta, o professor veio falar comigo, e foi muito amável, convidando-me a ir a outras lições e a ir à sua casa, e me perguntando onde estava, e se interessando pela minha saúde.”

“18/12/1925 — Imagine quem acaba neste momento de me vir visitar aqui no Hotel e de ter uma grande conversa comigo? O Professor Vivante, o grande Vivante!

“Quando eu imaginaria que teria a honra de receber em minha casa a visita do grande mestre?

“Pois aqui estive, conversando longamente comigo, sobre política, sobre o *fascismo*, sobre o ensino do Direito em S. Paulo. E acabou me convidando a ir jantar com ele amanhã, o que não aceitei, por me ser muito difícil, pois preciso levar comigo os dois que me carregam. E depois a hora do jantar é muito tarde para mim, 8 horas da noite.

“Só para ter o gosto de receber a visita do Vivante, valeu a pena vir à Itália!

“E foi só para te comunicar esta visita que abri a minha carta para escrever estas linhas.”

Mas continuemos a acompanhar, através das saborosas observações de Octavio, contidas em suas cartas, as peripécias de sua viagem à Europa em 1925/26.

“24/1/1926 — Nós estamos de volta do nosso passeio ao Egito. Para lá embarcamos no *Esperia*, a 8 dêste, em Nápoles, às 3 horas da tarde. Chegamos a Alexandria no dia 11, às 8 horas da manhã, com uma viagem de cachorro, pois encontramos mar grosso, e o vapor, sendo expresso, corria como um desesperado, e por isso jogava como um danado. Resultado: todos enjoaram, menos Elisa; Nina e Nonozinha destriparam o mico à grande, eu

enjoei muito mas não destripei e não consegui ir ao salão de jantar um dia sequer e quase fizemos a viagem tôda na cabine e na cama.

“Enfim chegamos à Alexandria, e no mesmo dia, às 11 horas tomamos o trem, o qual nos transportou ao Cairo, onde chegamos às 3 1/2 da tarde.

“A viagem de trem já foi interessante, por atravessarmos o Nilo, um grande e belo rio, com uns 300 metros de vão, e por vermos camelos durante a viagem, e a vegetação do país, consistente em palmeiras, principalmente.

“Nesse dia não saí, cansado como estava, mas no dia seguinte, já fomos ver as pirâmides de Giseh, uma das quais é a grande pirâmide de Cheop, defronte do grande hotel inglês — Menna House — onde tomamos chá.

“As pirâmides não corresponderam à minha expectativa. Eu as imaginava muito maiores e muito mais imponentes. São uns triângulos cuja maior altura não chega a 200 metros, feitos de uns tijolos de 30 cent. mais ou menos de altura, sôbre outros tantos de largura, tijolos êsses feitos de uns blocos extraídos de uns montes que ainda existem em tôdas as circunvizinhanças do Cairo.

Não é pedra, mas é uma argamassa quase tão resistente como a pedra. E com êsses tijolos assim colocados uns sôbre outros é que os faraós fizeram as pirâmides, destinadas, como vocês sabem, a guardar as múmias dos tais faraós e suas famílias, pois as pirâmides são ôcas por dentro. Nós não as visitamos por dentro, por sabermos que nada têm de interessante e serem *mal-cheirosas* e muito sujas.

“Elas também são acessíveis à escalagem, para quem tiver a coragem de tentar essa escalada, coisa que nenhum de nós se atreveu a tentar.

“Perto das pirâmides de Giseh está a grande *Esfinge*, que não pudemos observar bem por estar cercada de uns andaimes, devido estar em obras de restauração, coisa necessária quando fica, como agora, muito coberta de areia, devido à poeira e ao vento do deserto. O pouco que vimos da *Esfinge*, porém, é o bastante para se verificar que não vale a pena vir de tão longe para vê-la.

“O mesmo não direi das pirâmides, pois são uns colossos que ao menos inspiraram a Bonaparte a frase célebre que dirigiu a seus soldados, antes de travar a batalha das Pirâmides, mas o certo é que fiquei meio desiludido depois que as ví. No meu sonho as fazia muito mais imponentes.

“No dia seguinte fomos ver as ruínas de *Mênfis* e os túmulos dos bois *Apis*, no deserto de Sahara, onde almoçamos um farnel de *sandwiches* que levamos do hotel.

“Foi, pelo menos para mim, outra desilusão. A tal *Mênfis* não passa de uma cidadezinha pobre e suja, como a nossa Indaia-tuba, sem coisa alguma de interessante, e cheia de uma população de mulatos, sujos e vestidos de uns camisolões de aspecto muito feio.

“Os túmulos dos bois *Apis* eu nem cheguei a visitar, por ser preciso para isso penetrar num subterrâneo, onde eu deveria ir carregado pelo Maneco e pelo Oscar, para ver o quê? As múmias de uns bois, vacas ou bezeros que os idiotas dos egípcios tinham como sagrados. Preferi ficar no automóvel, à espera dos outros, que foram visitar o tal subterrâneo. Para ir até êsse subterrâneo, Nonozinha e Nina foram de camelo, como a maior parte dos visitantes, sendo também que há burricos para isso, e de um dêles se serviu Elisa, para voltar.

“Dêsse lugar se vêm também outras pirâmides e outras *Esfinges*, iguais às primeiras que eu já tinha visto.

“O que eu pude observar bem dêste lugar é o começo do grande deserto do Saara, isto

é, o oceano de areia, que vai do Egito ao Senegal, e que incontestavelmente tem a sua grandeza.

“No terceiro dia fomos ao *Jardim Zoológico*, onde vimos belos leões, girafas, tigres, macacos e uns brutos hipopótamos e crocodilos. Êstes dois últimos achei interessantes, por serem animais que nunca tinha visto.

“No quarto dia fomos ao *Museu Egípcio*, onde vimos os sarcófagos de Tutankamon, todos doirados, e uma porção de coisas achadas com a múmia do tal Tutankamon: cadeiras doiradas, brinquedos, pedras, o diabo. Foi a única coisa que achei curiosa no tal *Museu Egípcio*, pois quanto ao mais que ali vi, não achei interessante, nem as múmias de Ramsés II, apesar de nelas se poderem ver ainda as unhas e os dentes. Mas quanto ao mais, pouco diferem da múmia da negra, preparada pelo Amancio de Carvalho.

“No quinto dia fomos visitar a barragem do Nilo, uma das maiores obras hidráulicas do mundo. É de fato uma obra colossal, que só um engenheiro pode bem apreciar. Lembrei-me do Mesquita durante êsse passeio.

“Imaginem uma barragem em tôda a largura do Nilo, cêrca de 300 metros, pela qual a água tôda do grande rio é contida e canalizada para um sem-número de canais, todos

de fundo de uma argamassa de cimento e pedra, pelos quais a água é dirigida para todos os pontos, cuja irrigação é assim garantida. O serviço é feito em todos êsses canais por grandes portas de ferro e pontes também de ferro, as quais se abrem quando é preciso dar passagem a vapores, e se fecham quando é preciso dar passagem a quaisquer veículos.

“É assim que a água do Nilo garante a uberdade da terra do Egito, onde uma sêca formidável domina de setembro a março de todos os anos. Apesar dessa estiagem, as terras são fartamente irrigadas pelas águas do grande rio, assim distribuídas pelos canais a que já me referi, garantindo as plantações de algodão, trigo, milho e frutas, e os campos onde pastam os grandes rebanhos de gado de tôda a espécie. Tem razão, pois, o ditado que diz que “o Egito é um presente do Nilo”.

“São essas barragens que constituem as chamadas *cataratas* do Nilo, sendo, pois, cataratas artificiais, e não naturais, como eu pensava.

“O Cairo é uma grande cidade, de mais de 1 milhão de habitantes, mas sem um só edifício artístico notável. As mesquitas são tôdas do mesmo estilo, e nenhuma é de gosto artístico notável.

“A Ópera é um teatro comum.

“A estação central é inferior à nossa estação da Luz. Os grandes hotéis não são superiores ao nosso *Esplanada*.

“O jardim Público também não é superior ao nosso Jardim da Luz, e certamente inferior ao Jardim Botânico do Rio.

“Procurei nêle um exemplar do *baobab*, o jequitibá africano e, imaginem a minha desilusão quando me vi diante de uma figueira, certamente grande, mas de dimensões muito inferiores ao que imaginava.

“O Cairo é uma cidade comercial, onde todos os ofícios se praticam à porta dos negócios, latoeiros, sapateiros, fabricantes de doces e de quanto artefato se possa imaginar.

“Mulheres raramente se vêem nas ruas, tôdas (as egípcias) de rosto velado, com uma espécie de agulheiro de ouro ou de madeira, conforme a fortuna, prêso ao nariz, e que serve para segurar o véu com que tampam o rosto. Com isso lucram as feias, pois é impossível se verificar quando a mulher é bonita ou feia. Tôdas vestidas de preto, e os homens com o tal camisolão indecente de que já falei.

“O povo egípcio é essencialmente agrícola e criador de gado. Indústrias, êle não conhece.

“Em tôdas as casas se bebe café, mas feito à moda árabe, misturado com pó, o que

o torna uma bebida bem ordinária. Diz o Dr. Barros Pimentel (embaixador do Brasil no Cairo), que quanto café se remeta para o Egito é vendido por bom preço no pôrto de Alexandria, mas que até hoje não conseguiu do nosso Govêrno navios do Lloyd para transportar o nosso café para Alexandria.

“E aí está o que foi a minha viagem ao Egito. Parece que não valeu a pena. Eu fazia o Egito, o Nilo, as pirâmides, a Esfinge, muito mais bonitos e interessantes do que êles são.

“O que o Cairo tem de bom é o clima, um clima sêco, um céu azul, um sol que aquece mas não queima, de forma que é uma cidade adorável para o inverno europeu, mas que deve ser um inferno intolerável no verão e mesmo na primavera e outono.

“O que ali abunda são as laranjas, principalmente as mexeriqueiras, das quais vi carregados camelos em número extraordinário, levando-as para as cidades.

“A tâmara, porém, que pensava achar no Cairo muito mais saborosa do que aí em São Paulo, não achei. É a mesma coisa que aí se come, sêca e sem melhor sabor.

“Uma quantidade extraordinária de automóveis, com os quais se fazem todos os passeios e por preços não exagerados.

“E vi automóveis correrem que é uma delícia, não só por tôda a cidade, como por tôdas as estradas de muito bom Mac-Adam, neste país que é uma interminável planície, sem colinas e sem morros, como no nosso Brasil.

“A população é muito feia. Os homens são como os nossos caboclos do norte do Brasil, sujos e indecentes com os seus camisolões, miseráveis e pedinchões, estendendo sempre a mão, a suplicar uma *bachiche* (gorjeta).

“Fiz o passeio de *Gezireh*, até o lugar onde se travou a batalha das Pirâmides, onde Bonaparte pronunciou as célebres palavras apontando aos soldados as pirâmides de cima das quais 40 séculos os contemplavam.

“Imaginem que o célebre campo de batalha é hoje um bairro do Cairo, uma espécie de Braz, cheio de casas e fábricas. A isto, está reduzido o teatro da célebre batalha, onde Bonaparte atirou para a História as suas palavras memoráveis.

“De modo que o que realmente me agradou no Egito foi o Nilo, a barragem que é obra francesa, hoje pertencente aos ingleses, e o clima. A própria pirâmide já me agradou relativamente.

“E para se ver isso tem-se que fazer uma viagem de cachorro, pois estou informado de que a travessia do Arquipélago, no inverno, é sempre esta que me atormentou.”

“15/2/1926 — Não vi as pirâmides à noite. Vi-as de dia e já contei que foi para mim uma desilusão. Você acertou quando disse que a imagem ou a recordação de Bonaparte contribuíram muito para enfeitar o Egito na minha imaginação. E daí, provavelmente, o meu desencanto, ao deparar com um Egito em que nada mais se vê de Bonaparte, nem mesmo o terreno onde se feriram as batalhas por êle ali travadas, pois que êsse terreno está hoje coberto prosaicamente de casas e mais casas.”

“27/3/1926 — Quanto a eu ter gostado do Egito se tivesse ficado mais tempo lá, para me *identificar melhor* com a raça egípcia, muito obrigado, mas não tinha e não tenho o menor desejo de me *identificar* com uma raça tão degenerada. No Egito gostei da natureza, do Nilo, do céu, do clima. Quanto à obra do homem, não gostei de nada, nem mesmo das Pirâmides.”

“26/2/1926 — Apesar de estarmos em pleno inverno, Paris está adorável e a tempe-

ratura amena, com 13° acima de zero. Tempo amável, pelo que tenho saído quase todos os dias, e me regalado de ir à *Opera*, a *Opera Comica* e à *Comedie Française*.

“Imagine: já fui à *Opera* ouvir o *Fausto* e a *Walkyria*, à *Opera Comica* ouvir o *Werther* e a *Manon*, à *Comedie* apreciar *O Abade Constantino*, a *Marion Delorne* e o *Amigo Fritz*.

“... e à *Opera* onde nos deliciamos com o *Fausto*, o *Fausto* mais completo e suntuoso que jamais ouvi! Imaginem que o espetáculo, que começou às 8 horas em ponto, só terminou à meia-noite. Mas só o bailado constituiu um ato inteiro, por um corpo de baile de umas 100 figuras. E dançavam tão bem, que ao terminar, desabou uma tempestade de aplausos.

“Efetivamente nunca pensei que se pudesse dançar tão bem.

“Quanto ao canto nem falemos. A prima-dona, o tenor e o baixo eram de primeira ordem. A *mise-en-scène* impecável. A cena do *Sabbath* dava vontade de ir para o inferno, tão bonita era a côrte de Satã.

“Protestei nunca mais ouvir o *Fausto* fora de Paris, para não estragar a recordação que me ficou daquela noite inigualável.”

"27/3/1926 — Ainda não vi a *Terre Inhumaine*, porque ainda não se representou, desde que estou em Paris, mas já fui à *Marion Delorme*, de Hugo, ao *Tombeau Sous l'Arc du Triomphe*, que é uma beleza, a *Robert et Marianne*, que é outra beleza, ao *Fausto* na Opera, ao *Werther* e *Manon* na Opera Comica e hoje vamos ao *Flamiaux*, na Porte Saint Martin, e amanhã ao *Rigoletto*, na Opera.

"Protesto contra o crime de lesa-bom-gosto que V. gratuitamente me atribui quando diz que em 1912 por aqui passei e não vi a *Vi-tória de Samotrácia*. Vi e a apreciei devidamente, assim como a *Venus de Milo*, e agora já a vi de nôvo. Não posso comparar a *Samotrácia* com qualquer *Venus*, pois é uma estátua de outro gênero, mas ponho a *Venus de Milo* acima de qualquer outra, assim como não comparo o *David* de Miguel Ângelo com o *Moisés* do mesmo autor, nem com estátua alguma, tendo caído tanto no meu gosto, que comprei uma redução em mármore, de 1 m. de altura que levarei comigo como lembrança do prazer que tive diante daquêlê monumento do gênio do grande Miguel Ângelo. O *David* é a estátua que mais me impressionou de tôdas quantas tenho visto."

“26/7/1926 — Ainda no último sábado fui à *Comedie Française*, onde ouvi a *Amoureuse*, de Porto Riche. Que bela comédia! E como foi esplendidamente representada por M^{me} Ventura! Espetáculos belos como êsse, só se apreciam na *Comedie*. Iguais espetáculos foram *Aimer* e as *Marionettes*. Agora só me falta apreciar o Museu de Versailles e ir à Exposição do *Grand Palais*, o que conto fazer antes de embarcar.”

“31/7/1926 — Continuo a ir à *Comedie* quando lá se representa qualquer peça que me atraia. A última que fui ver e ouvir foi *Gringoire*, de Th. de Benville. Uma beleza! Antes disso fui assistir ao *Vieil Homme*, de Porto Riche, um drama forte, que foi magnificamente representado. Não há dúvida: a *Comedie* e a *Opera* são as melhores coisas que há em Paris.”

Entretanto o motivo principal da viagem de Octavio à Europa, nessa época, era realmente procurar nos recursos da medicina européia uma última esperança, senão de cura, pelo menos de alívio à sua situação de paralítico.

Debalde consultara todos os médicos que poderiam valer-lhe no Brasil. Para impedir que o corpo se imobilizasse de todo, mandara fazer duas barras paralelas sôbre um estrado de madeira, e

entre elas se arrastava, sòmente com a fôrça dos braços, durante uma hora, todos os dias, exercícios que lhe sugerira o genro, Dr. Manoel Abreu. Durante a viagem, Octavio teve notícia dos trabalhos do Dr. Raphael Bidou, chefe do Serviço de Recuperação Funcional da Clínica Neurológica da Salpêtrière, louvados por outro médico que êle consultara. Sentindo renascer as esperanças, procurou-o em Neuilly, onde o Dr. Bidou tinha a sua clínica e onde, dizia-se, já operara maravilhas em matéria de reeducação de paráliticos. São dessa época os trechos seguintes de cartas endereçadas aos filhos.

“13/5/1926 — Todos nós continuamos a passar bem. Ontem fomos a Neuilly, à clínica do Dr. Bidou, ver o parálítico que êle fez andar e subir e descer escadas. De fato, é um moço de 30 anos, parálítico desde 9 anos, com as pernas e coxas inteiramente atrofiadas, que, entretanto, com o aparelho e duas bengalas, anda francamente, sobe e desce escadas (mas erguendo-se à fôrça de braços, de forma que não ergue as pernas, mas o corpo todo). Anda sòzinho e trabalha o dia todo, na clínica do Dr. Bidou.

“Eu já não exijo subir escadas e a descê-las, mòrmente à fôrça de braços. Bastará que possa andar em minha casa ou no meu jardim, sem auxílio de ninguém e com a fran-

queza com que vi ontem o doente do Dr. Bidou andar. Isso me bastará. Autorizei, pois, o Dr. Bidou a fazer o meu aparelho. Êle ficou de me escrever por êstes dias uma carta, com as condições pelas quais me fará o aparelho, e eu responderei, começando êle logo o trabalho, que deverá estar pronto em um mês, mais ou menos, começando eu então o meu trabalho para aprender a andar com o aparelho e duas bengalas. O bom resultado, diz o dr., dependerá de minha paciência, perseverança e coragem, qualidades que você já conhece. Espero, portanto, que até fins de julho estarei andando com facilidade e assim poderei embarcar em agosto.”

“21/5/1926 — Imagine que ontem fui à clínica do Dr. Bidou, para êle tirar o molde do meu corpo e principiar êle a trabalhar na construção do aparelho, cacetada em que gastei 3 horas, tendo de ficar mais de uma hora inteiramente nu, e o Dr. Bidou e duas irmãs de caridade a lidarem comigo, a me besuntarem de gêsso para tirarem o molde de meu lindo corpo. Então o Dr. Bidou me disse que logo eu estarei indo para a Academia com as minhas pernas, a dar as minhas lições. Me disse mais, que dentro de 15 dias me chamará para começar a aprendizagem com o aparelho, de forma que espero o cha-

mado para os primeiros dias de junho, e partindo o *Asturias* a 25 dêsse mês, estou com esperanças de poder ir nêle, levando o aparelho e já sabendo andar com êle.”

“10/6/1926 — Ainda antes de ontem fui à clínica do homem, pensando que ia começar a aprendizagem de andar sòzinho. Não foi para isso, foi para me experimentarem apenas os moldes do aparelho, e tomarem notas dos lugares onde devem ser colocadas as peças de metal para a articulação dos joelhos e coxas.

“Fui convidado a voltar no dia 14, quando espero que o aparelho estará pronto, e começarei a aprendizagem.

“Não posso pois dar a impressão do aparelho, mas o Dr. Bidou fala com tal segurança, e como tenho verificado que êle é um ortopedista de real valor, já notável mesmo entre os médicos e com trabalhos publicados e submetidos à Academia de Medicina, *como verifiquei com os meus olhos*, estou com muita esperança de poder voltar andando só com duas bengalas e com relativa segurança.

“O que admira é que os trabalhos do Dr. Bidou, publicados desde 1923, e apresentados à Academia de Medicina de Paris, não fôsem conhecidos aí em São Paulo, nem mes-

mo pelos médicos estudiosos como o Meira, pelo que nenhum soube me indicar o homem, que só por acaso descobri, indo consultar o prof. Sicard, que foi quem mo indicou e recomendou.”

“23/6/1926 — P. S. — Fui ao Bidou às 3 $\frac{1}{2}$ h. e voltei às 5 horas tendo perdido inteiramente a viagem!

“Imagine que depois de esperar $\frac{1}{2}$ hora, fui levado à sala onde costumam me experimentar o aparelho, por uma irmã de caridade, que lá me deixou com o Oscar.

“Conforme o costume, me despi e me dei-tei quase nu numa tábua dura onde costumam me experimentar o aparelho.

“Aí fiquei mais de uma hora, durante a qual apareceram o Bidou e o seu ajudante, para me darem prosa e me contarem não sei que desastre que tinha se dado numa peça da clínica, cujo conserto exigira horas, interrompendo todo o serviço da clínica, depois do que me pediram ter a paciência de esperar.

“Esperei até 5 horas, sempre deitado quase nu sobre a tal tábua dura, onde nem podia me virar de um lado para outro, para descansar.

“Às 5 horas não podendo mais suportar a tal tábua, me calcei, me vesti e saí.

“À saída, o ajudante do Bidou veio falar comigo, para me pedir para voltar terça-feira às 3 horas.

“Prometi voltar, e voltarei, a ver se terça-feira serei mais feliz.

“Meu Deus, dai-me paciência!”

“7/7/1926 — Ainda não ando com o meu aparelho. Ainda ontem fui ao Bidou. Lá estive mais de uma hora e nem de pé sozinho fiquei. O aparelho ainda não está definitivamente pronto. Fui convidado a voltar depois de amanhã. Creio que nesse dia começarei a minha aprendizagem de andar só com duas bengalas.

“O paralítico ajudante do Bidou anda com duas bengalas, com satisfatória desenvoltura e segurança. Ele move as pernas, apoiando-se em duas bengalas e numa perna, para mover a outra, e assim sucessivamente. É dêsse modo que terei de andar. A questão é obter equilíbrio e segurança para dar o passo, com o apoio das duas bengalas e uma perna. É questão de prática e tempo. Estou com esperanças de até o fim do mês estar com êsse problema resolvido. Se estiver, telegrafarei a Vocês.

“O Bidou continua satisfeito comigo, e eu com êle. Veremos o resultado final. Continuo com fé no médico, não só porque já verifiquei que é um médico de valor e de consciência como porque me foi recomendado pelo Sicard, e tem comunicado todos os seus trabalhos à Academia de Medicina. Êsses trabalhos constam de um livro publicado em 1923, que já li e me confirmou tôdas as minhas esperanças.”

“26/7/1926 — Respondo à vossa carta de 24 de junho em que V. externa as suas esperanças e entusiasmo a propósito de meu aparelho, e já me vê andando, subindo e descendo escadas.

“Esta é para pôr um pouco d’água fria nesse entusiasmo. Devo ir amanhã para a clínica do Dr. Bidou, e lá ficar uma semana para bem experimentar o aparelho e aprender a andar. Se voltar andando no fim da semana, Vocês terão o meu telegrama, bem antes de receber esta carta. Já tinha ido à clínica na segunda-feira, 19, para ficar lá uma semana e voltar andando, mas no fim de 3 dias tive de voltar, porque era preciso fazer uma modificação no aparelho e nas minhas botinas, o que levava 4 dias, durante os quais eu nada tinha que fazer na clínica, e por isso vim para casa. Volto amanhã para

a clínica e veremos se desta vez serei mais feliz.

“Durante os três dias que estive na clínica, fiz exercícios com o aparelho e entre duas cordas, bem esticadas. O último exercício foi já com uma bengala na mão direita e a outra apoiando-se em uma das cordas. Todos êsses exercícios eram muito difíceis e fatigantes, mas logrei dar alguns passos e continuar com esperança de vir a andar um dia. A grande dificuldade é me manter em pé, um pouco inclinado para frente, para não cair, e em equilíbrio quando tenho que fazer uma volta.

“A aprendizagem será dura e difficílissima, mas com paciência e energia conto vencer. Continuo com fé no Dr. Bidou, e mais ainda na minha paciência e perseverança.

“O ajudante do Dr. Bidou que preside aos meus exercícios é um paralítico como eu que tem um aparelho igual ao meu; com o qual êle (como eu vi), apoiado em uma bengala, se agacha até o chão, para levantar qualquer coisa, senta-se no chão, levanta-se sòzinho, apoiado em uma bengala e a outra mão em uma mesa, etc. Ora, se êle faz tudo isso, porque é que não chegarei a fazer a mesma coisa? É uma questão apenas *d’entrainement*.

“O aparelho é relativamente leve. É uma fita de aço acompanhando cada perna, com um colête sôbre o ventre, de tela com gêsso por dentro, o que endurece a tela. Tem mais um invólucro da mesma tela para as coxas e para as pernas. E mais nada: como vês, é muito simples. A questão tôda está em eu obter o equilíbrio necessário para andar com as duas bengalas, sem medo de cair. Êsse resultado, como reconhece o próprio Bidou, depende muito mais do meu *entrainement*, da minha paciência e coragem do que do aparelho.

“Deixe-se, portanto, de pensar em me ver subindo a escada de sua casa, andando com desenvoltura, etc. Isso é um sonho, que nunca se realizará. Eu me considerarei feliz quando puder andar sem desenvoltura, como um paralítico, em minha casa e no meu jardim, pois que nesse dia ficarei livre dos exercícios na paralela. Precisarei, porém, sempre de um Maneco para entrar e sair do banho, para entrar e sair do automóvel, etc. Hei de ser sempre um paralítico até morrer.

“Esta é a verdade. O mais é sonho, que nunca se realizará.

“Entretanto, se Vocês receberem o meu telegrama, dizendo que o aparelho deu bom

resultado, podem ficar contentes porque eu também estarei contente.”

“11/8/1926 — Sílvia em sua última carta compara os sofrimentos por que estou passando na aprendizagem de andar com o aparelho, com os que ela sofreu quando nas vésperas de nascer Paulo. Isso para me exortar a ter paciência! Você pode-lhe garantir que eu sou um *parturiente* corajoso e muito paciente.”

“11/8/1926 — Respondo à tua carta de 20 de julho, recebida há poucos dias. Escrevo-te aqui da clínica do Bidou, em Neuilly, onde estou desde ontem, com o Oscar, e onde penso que ficarei uns 8 dias, para sair daqui sabendo andar com o aparelho e duas bengalas.

“E acredito que sairei, porque todo mundo, e mesmo o Dr. Bidou, acha que estou fazendo progressos, e eu mesmo reconheço que dia a dia ando com mais facilidade. A questão tôda é achar o equilíbrio com as duas bengalas, para dar uns passos.

Os sofrimentos por que estou passando não são pròpriamente iguais aos que sofreste nas vésperas de nascer o Paulo, mas o que te garanto é que não me faltam coragem e pa-

ciência para vencê-los, e estou convencido de que os vencerei, e Vocês terão o meu telegrama lá para 20 ou 25 dêste.

“O aparelho não é uma obra de Miguel Ângelo, mas é uma coisa muito delicada e ao mesmo tempo forte, para agüentar o meu pêso e dar firmeza para andar. Tem sido retocado várias vêzes, e ainda não está definitivamente acabado. As bengalas com que estou aprendendo a andar são muito engenhosas, umas bengalas *muletas*, porque tem um apoio que se prende aos braços, e que ajuda muito a dar firmeza para andar.”

“2/9/1926 — Nós vamos indo sem novidades, a não ser que estou aqui na clínica do Bidou, onde desde ontem estou andando com o meu aparelho e duas bengalas, sem mais o apoio das cordas. É a vitória! De agora em diante, só tenho que praticar, para andar cada vez melhor; pelo que amanhã ou depois vou telegrafar a grande nova a você e aos demais filhos.”

“3/9/1926 — COMPLETO RESULTADO
APARELHO BENGALA ANDANDO BEM
COMUNIQUE IRMÃS TIAS ABRAÇOS
SAUDADES

PAPAI.”

O F I M

Octavio Mendes, entretanto, não dispensaria as paralelas.

É de imaginar-se a alegria esfusiante da família, com o recebimento do telegrama. A febril atmosfera de expectativa, enquanto aguardava a chegada do chefe, marcada para dali a alguns dias. A profunda emoção do momento do desembarque. Entretanto, tudo isso durou muito pouco. Não tardou que todo o júbilo se convertesse em amargo desengano. Frágil como era, manejado por mãos inexperientes, sem a assistência permanente de um especialista, o aparelho foi-se aos poucos desfazendo, desmontando, perdendo a utilidade. Pouco tempo depois não passava de uns pedaços de tela, recobertos de gesso, uma fita de aço e duas bengalas completamente inúteis.

Octavio Mendes voltou às paralelas.

Reassumiu em São Paulo a vida de todos os dias, com a mesma paciência, a mesma perseverança, a mesma energia inquebrantável, às quais se acrescentara porventura mais um travo amargo de decepção. Voltou ao escritório, às causas, aos clientes, que tornaram a absorver-lhe o melhor da atividade.

Voltou à Academia, às aulas, aos alunos, com a mesma assiduidade e a mesma aplicação aos estudos. Mas voltou na cadeira de braços, carregado por dois homens. E, a pouco e pouco, sorrateiramente, pela brecha aberta acaso pela deradeira desilusão, a moléstia fazia progressos. Já não era a paralisia, estacionária havia quase 20 anos. Mas, precisamente em virtude da inatividade forçada a que sujeitara o corpo do ventre para baixo, os órgãos abdominais, a despeito da sua pasmosa vitalidade, principiavam a revelar os primeiros efeitos da ausência de exercícios e de vida normal. Alternavam-se sintomas de preguiça funcional e incontinença. É o próprio Octavio quem conta, em carta datada de 29 de novembro de 1928:

“Eu estou às voltas com os exames da Faculdade. Desde segunda-feira que tenho ido presidir às provas escritas dos meus alunos, sendo obrigado a ficar duas horas (de 10 ao meio-dia) na Faculdade. Só eu sei o que isso me custa com o estado deplorável da minha bexiga. Levo a caneca e levo o cobertor e assim me arranjo para poder urinar mesmo na presença dos alunos, mas apesar dos cuidados, volto para casa todo urinado. A minha vida agora é essa. Paciência.

“O conselho que V. me dá de passar a incumbência dos exames para outro lente,

será uma confissão de não poder exercer o cargo. Nesse caso, o meu dever será pedir demissão.”

Dêsse período em diante, apesar da resistência desesperada de Octavio, da sua obstinada recusa em entregar-se, a doença ia cobrando com juro a sua dívida, cujo prazo se vencera havia tanto tempo! Dessa quadra são escassas as cartas e nelas já não é tão patente o risonho e inquebrável otimismo, de que sempre dera tão fartas provas. Em maio do ano seguinte escrevia êle:

“Ontem, quando o Júlio e o Bento desciam a escada comigo, para ir para o escritório, o primeiro escorregou e caiu, caindo a minha cadeira também, batendo eu com a cabeça no degrau de mármore, o que fez rasgar o couro cabeludo, produzindo sangue, que assustou Elisa e Nina. Mas não foi nada. Com um pouco de água oxigenada e aristol daí a pouco fui para o escritório, onde estive até 5 horas da tarde, sem novidade. É o que acontece de vez em quando a quem não tem pernas.”

Entretanto, é talvez êsse período um dos mais fecundos de tôda a sua existência. Como que sentindo a aproximação do fim, Octavio atirou-se com ímpeto, com raiva, ao trabalho. Seu escritório, àquele tempo, era, sem sombra de dúvida, a maior,

mais procurada e mais conceituada banca de advocacia de São Paulo. Os clientes afluíam, atraídos pelo seu nome de advogado e sua fama de irreduzível probidade profissional. As causas difíceis, importantes, sucediam-se. Octavio e os companheiros de trabalho não tinham mãos a medir com o serviço. Ao mesmo tempo, dava religiosamente as aulas de Direito Comercial na Academia, com uma pontualidade de que outros lentes, sem as desvantagens de sua deficiência física, não poderiam gabar-se. E foi ainda nessa ocasião que publicou seus livros mais importantes. Em 1930, deu à estampa o “Direito Comercial Terrestre” e “Falências e Concordatas”. E, no ano seguinte, o ano de sua morte, “Dos Títulos de Crédito”.

Mas a luta era desigual. De um lado, um homem. Do outro, a incapacidade física, o sofrimento, as decepções, qual mais funda e mais amarga, que o não pouparam nunca, e, sobretudo, as enfermidades, seqüelas da paralisia, da idade e da quase sôbre-humana atividade que êle desenvolvera durante tôda a existência.

Octavio Mendes exerceu-a, praticamente, até a véspera da morte. Só deixou de voltar à Academia quando já não se pôde levantar da cama, quando não tinha fôrças sequer para permanecer sentado.

No dia 12 de novembro de 1931, o lidador depôs as armas. Octavio Mendes cessava de viver. Terminada a luta, o grande batalhador, finalmente, descansava.

A pedido seu, expresso ainda em vida, foi sepultado com a beca de professor da Faculdade e, à beira do seu túmulo, outro professor, o Dr. Spencer Vampré, despediu-se d'ele com as seguintes palavras:

“Manda-me a Faculdade de Direito de São Paulo, de que o doutor Octavio Mendes foi um dos mais ilustres professôres, trazer-lhe, nesta hora pesarosa para os seus amigos e para o Brasil, a expressão de sua comovida saudade, ao companheiro de todos os dias, ao mestre querido de sua mocidade.

“Mestre êle o foi, pela dedicação indefesa, pelo trato amorável aos colegas e aos discípulos, pela paixão irreprimida dos estudos doutrinários, pela assiduidade sem par, e pelo carinho com que guardava as tradições e as glórias da velha casa de ensino, que se orgulha de havê-lo contado entre os seus docentes.

“Mestre o foi, por essas lições diuturnas de amor ao trabalho, por êsse heroismo silencioso, mas formidável, que o fazia esquecer as dores físicas para emparelhar-se com os mais assíduos semeadores de idéias e de doutrinas.

“À semelhança de Diogo Feijó e Bernardo Pereira de Vasconcelos, Octavio Mendes en-

controu no trabalho o derivativo aos sofrimentos corpóreos; à semelhança dêsses dois grandes vultos de nossa história, chumbados como êle, pela paralisia, a uma cadeira de rodas, pôde elevar-se tão alto, e distinguir-se tão lúcidamente, que provocava a admiração dos contemporâneos, e constituia um incentivo e um exemplo a quem quer que dêle se aproximasse: — era um dêsses homens que, pela atuação de todos os dias, aumentava o patrimônio intelectual e moral da Nação.

“Por isso, de tôdas as lições que nos legou, a mais alta, a mais nobre, a mais involvidável, é a lição de sua vida mesma, padrão aos moços de nossa terra, estímulo vivo aos trabalhadores intellectuais, que estão edificando em seus corações o Brasil de amanhã.

“Nessa hora terrível para a nossa pátria e para o mundo, em que tão necessários se fazem os verdadeiros valores da intelligência e do coração, o vulto que ora tomba arrasta atrás de si uma riqueza imensa de ensinamentos morais.

“Que êle repouse tranqüilo no seio da terra que tanto amou, e que o valor de seus nobres exemplos fecunde e frutifique na alma da nossa mocidade e no espírito de nossa gente!”

APRECIACÕES SÔBRE O VULTO E
A OBRA

OCTAVIO MENDES

Ministro PEDRO R. M. CHAVES

A Faculdade de Direito de São Paulo, criada pela Lei de 11 de agosto de 1827, a primeira a ser instalada no País, começou sua gloriosa tarefa em 1.º de março de 1828 e tem sido dessa data até hoje verdadeiro manancial para onde acorrem incessantemente jovens sedentos de ensinamentos, de sonhos, de aventuras, em constante renovação, ano após ano, geração após geração, o que faz com que a “velha Academia” seja também sempre a “nova Academia”.

Assim foi também em 1885, quando a legião dos neófitos trouxe nomes que mais tarde figurariam destacadamente entre os nossos maiores.

Registra a matrícula no primeiro ano do curso jurídico, de Herculano de Freitas, Afonso Fraga, Paulo Prado, Felix Bocayuva, José Augusto Pereira de Queiroz, Camilo Soares de Moura Junior, João Luiz Alves, Afonso Arinos de Mello Franco, Mendes Pimentel, Afonso José de Carvalho, Carlos Peixoto, Edmundo Lins, e Octavio Mendes.

Eram esperanças na luta por um ideal; era uma nebulosa de sonhos que o impulso da vida dissipou, superou e materializou, numa esplendida constelação formada de juristas, pensadores, escritores, estadistas, juizes e advogados.

Entre os advogados, destaco o nome de Octavio Mendes. Quase menino ao se matricular, viera da altaneira Campinas, onde nascera aos 12 de abril de 1869, do legítimo consórcio de Manoel Francisco Mendes e Da. Leopoldina da Cunha Mendes, que lhe inspiraram desde o berço as qualidades que sempre o acompanharam pela vida.

A República de 15 de novembro de 1889, já veio encontrar o moço campineiro, bacharel formado, poucos dias antes, ansioso para penetrar na vida judiciária. Sua inteligência viva, seu raciocínio pronto de resposta rápida e imediata reação, levaram sucessivamente Octavio Mendes a Promotoria Pública de Campinas, ao Juizado de Direito de Sorocaba e a Procuradoria da República, em São Paulo, cargos e funções que exerceu com exatidão e nobreza, mas que não ofereceram a sua atividade estuante de energia, febricitante de mocidade — o leito propício a torrente espiritual que o animava e que só encontraria vasão no torvelinho da grande advocacia e nas batalhas do fôro.

Foi sob a toga varonil de patrono no Forum e nos Pretórios que Octavio Mendes, como advo-

gado encontrou-se a si mesmo e exerceu o primado de sua inteligência.

Ninguém o excedeu em combatividade na defesa de seus constituintes, cujos direitos patrocinou com o ardor dos justos, num longo período de atividade múltipla e plena.

Mas um dia, a desdita restringiu e limitou sua atividade física, acorrentando-o a uma cadeira... Mas o lutador não se deu por vencido e encontrou o fim para seu suplicio, encontrou o seu Hercules libertador, na meditação e no estudo, na fôrça indomável de seu caráter, voltando-se para aquela mesma e eterna fonte de juventude, aquela velha e sempre moça "Academia", conquistando em concurso público, nos idos de 1920, o galardão de uma Cátedra.

Octavio Mendes, foi advogado, foi mestre de direito e foi também escritor, concorrendo com seus trabalhos para enriquecer a nossa literatura jurídica e de cuja pobreza, notadamente no ramo comercial, anteriormente tanto se queixavam Souza Bandeira e Cândido Mendes.

Em linguagem cuidada, presa à técnica jurídica e à preocupação de ser claro, sem ofensa à elegância da frase, deu à publicidade trabalhos de alto valor doutrinário, de compulsão diuturna até hoje, nos quais encarou a "Posição Jurídica dos Debenturistas em face da Falência", estudou a

tese “Se os sócios Solidários de uma Firma Comercial são Comerciantes”, versando ainda sobre “Hipoteca Naval no Brasil”, “Falências e Concor-datas”, “Direito Comercial Terrestre”, além de inúmeros outros trabalhos e teses, pareceres ar-razoados, com a precisão lógica e a objetividade das conclusões.

Partilhou o mestre Octávio Mendes, seus últi-mos tempos entre a cátedra e a família, aquela que êle tanto engrandeceu, esta a que tanto amor dedicou.

No lar que construiu sob as bençãos de Deus e na casa que o abrigava, o patriarca, envolvia todos seus descendentes, afins e amigos, nos eflu-vios de um carinho vigilante e orientador. Para a nobre companheira de sua vida, para Da. Elisa seu amor da mocidade, o afeto delicado, a atenção amorosa, a precaução e os cuidados eram sem conta e sem limites, ao ponto de arrancar de uma senhora amiga, a expontânea, meiga e singela ob-servação: “Elisa é quem tem sorte; o Octavio Mendes cuida até das crianças!”

Era êsse o homem, o grande homem paulista, cujo centenário de nascimento agora se comemora, e, aqui fica a impressão que sua personalidade marcante produziu em quem teve a ventura de se fazer amigo de seu filho.

(a) Pedro Chaves.

Discurso do Dr. Ernesto Leme, professor de Direito Comercial da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, ex-Reitor da Universidade de São Paulo e Embaixador do Brasil na ONU — proferido por ocasião da inauguração do centro de reabilitação da A.A.C.D. aos 17/4/63.

MEUS SENHORES.

O nobre presidente desta instituição quis promover no dia de hoje a evocação de duas vidas ilustres, cujo exemplo de resistência ao sofrimento serve de estímulo e modelo àquêles que se debatem no drama de sua incapacidade física.

Diversos na ação que exerceram durante sua existência, Bernardo Pereira de Vasconcelos e Octávio Mendes se aproximam na conformidade com que receberam o golpe do destino e na energia com que não se deixaram abater em face da adversidade. A um a glória política sorriu, inscrevendo seu nome nos fastos da nacionalidade como uma das grandes figuras do final do primeiro Reinado e do tempo da Regência; a outro, a notoriedade como jurisconsulto, advogado e professor de direito lhe assegurou sempre a admiração de seus con-

temporâneos e a projeção de sua figura de homem e de profissional nos dias do futuro.

Para traçar o perfil de Bernardo de Vasconcelos foi convocado um parlamentar eminente, jurista de prol, notável professor universitário e homem de Estado de peregrinas virtudes — o senador Milton Campos. Quanto a mim, devo à circunstância fortuita de haver sucedido a Octavio Mendes na cátedra de direito comercial da Faculdade de Direito a benévola escolha de meu nome.

Nascido em Campinas, neste Estado, a 12 de abril de 1869, filho do major Manuel Francisco Mendes e de d. Leopoldina da Cunha Mendes, matriculou-se Octavio na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1885, após seu curso de humanidades no Colégio Culto à Ciência, de sua terra natal.

Foi uma turma famosa, a que pertenceram, entre outros, Mendes Pimentel, Edmundo Lins, Carlos Peixoto Filho, Herculano de Freitas, João Luis Alves, Afonso Arinos, Paulo Prado, Francisco de Paula e Silva, Afonso Fraga, Horácio Sabino, José Augusto Pereira de Queiroz, Afonso José de Carvalho. Dessa esplêndida floração de talentos, muitos dentre êsses moços se notabilizaram na política, na magistratura, no professorado, nas letras floridas. E a 5 de novembro de 1889, dez dias antes da proclamação da República, recebia Octavio Mendes o grau de bacharel em ciências jurídi-

cas e sociais. O grau ainda lhe fôra conferido em nome de Sua Majestade o Imperador; mas, o seu diploma foi expedido em nome do governo republicano.

Nada se conhece de sua vida acadêmica, a um tempo em que as campanhas da Abolição e da República atingiam sua culminância. Sabe-se, porém, que para aqui veio recomendado por Francisco Glicério a Rangel Pestana, passando a trabalhar na redação d'*A Província de São Paulo*. É possível que também houvesse participado da atividade externa da Academia; como de outro lado se pode supor que o seu temperamento recolhido e modesto lhe houvesse reservado uma passagem silenciosa pelas Arcadas, preocupado apenas com a lição de seus mestres e o manuseio dos compêndios e apostilas.

Nomeado, em 1890, procurador da República em São Paulo, passou a exercer no ano seguinte as funções de promotor público de Campinas, de onde saiu, em 1893, para assumir o cargo de juiz de direito de Sorocaba. Também Bernardo de Vasconcelos, iniciou a sua vida pública na qualidade de juiz de fora, em Guaratinguetá. Em 1895, abandonou Octavio Mendes a magistratura, para se fixar definitivamente na advocacia, montando escritório nesta Capital, o qual até hoje permanece em atividade sob a direção de Octavio Mendes Filho.

Ligado pelo casamento a uma das famílias mais ilustres do Estado, genro do senador Manuel de Moraes Barros, tinha Octavio Mendes aberta para si a carreira política, na qual se notabilizaram mais tarde, por uma linha de coerência e correção exemplares, seus cunhados Paulo e Antônio de Moraes Barros. Octavio, contudo, quis ser apenas advogado. Só mais tarde, com a idade de cinquenta anos, foi que voltou seus olhos para a Academia, onde disputou em concurso o cargo de professor substituto da 6.^a Secção, para a qual foi nomeado por decreto de 2 de junho de 1920, passando a professor catedrático de Direito Commercial, por decreto de 21 de julho de 1923, na vaga aberta com o falecimento do professor Gabriel de Rezende.

Assíduo no desempenho de suas atribuições, assim escrevia a seu filho Octavio, interno em um colégio de Santa Catarina, aos 3 de agosto de 1921, ao deixar a cadeira que regia, como substituto, no impedimento do catedrático: “Dei ontem a minha última aula na Faculdade e nem pude me despedir dos meus alunos, pois, só à tarde é que tive a comunicação de que o Dr. Gabriel de Rezende havia reassumido a cadeira. Era um dever que me dava muito trabalho, mas que cumpria gostosamente. E os meus alunos parece que estavam contentes comigo, reconhecendo o esforço que fazia para lhes dar boas preleções”.

Na correspondência entre pai e filho e que este conserva carinhosamente, encontramos a história inteira de uma alma. É um verdadeiro trecho de autobiografia. A 6 de maio de 1920, na véspera da prova final de seu concurso, envia uma carta ao filho ausente, "só para não perder o vapor de amanhã"; como lhe escrevera uma semana antes, chegando da Faculdade, logo após a sua argruição...

De sua afetividade de pai, recolho apenas estes dois exemplos: o da carta escrita de São Paulo a 6 de julho de 1921 e o da missiva vinda de Roma, datada de 8 de outubro de 1925. Eis um trecho da primeira: "Este ano será o último em que vivemos separados. Para o ano você estará matriculado e não nos deixará mais. Vivo com esta esperança que, espero, será uma realidade em 1922". A segunda, contém uma queixa: "Afimal, depois de esperar desde segunda-feira, recebi hoje a sua carta de 6 do corrente. Você um dia há de esperar a carta de seu filho ausente e então poderá avaliar o que são as apreensões de um pai nas minhas condições"...

Cinco dias após, ainda em Roma, escreve para dar uma grande notícia: "Imagine quem acaba, neste momento, de me vir visitar aqui no hotel e de ter uma grande conversa comigo: o professor Vivante, o grande Vivante! Quando eu imaginaria que teria a honra de receber em minha casa a visita do grande mestre? Pois aqui esteve, con-

versando longamente comigo, sôbre política, sôbre o fascismo, sôbre o ensino do Direito em São Paulo. E acabou me convidando para ir jantar com êle amanhã, o que não aceitei por me ser muito difícil, pois preciso levar comigo os dois que me carregam”...

Sòmente uma vez tive oportunidade de me avistar com Octavio Mendes. Havendo aqui instalado minha banca de advogado em junho de 1922, após dois anos e meio de permanência no interior, entrei em contacto muitas vêzes com o seu escritório por interêsses profissionais, mas tratava êsses assuntos com os seus companheiros de trabalho, Dr. José Corrêa Borges, Antônio Cajado de Lemos, Pinheiro Júnior. Procurei o mestre pessoalmente, em 1927, quando fui levar-lhe um exemplar de minha tese de concurso sôbre “A Cláusula “Cif”. Recebeu-me amavelmente e palestramos durante um quarto de hora a respeito da Academia. Só voltei a vê-lo quando de sua morte, ocorrida a 12 de novembro de 1931.

Mestre de Direito, acatado jurisconsulto, Octavio Mendes foi, acima de tudo, advogado. Os seus arrazoados forenses constituem quase sempre esplêndidas monografias. Examinava as questões em todos os seus contornos, prejetando uma rajada de luz sôbre os temas jurídicos aflorados.

De seu entusiasmo pela profissão é nota marcante a carta que dirigiu de Nápoles a seu filho, a 7 de janeiro de 1926: “Esta é só para te re-

meter a notícia acima, que cortei do “Temps”, de Paris, pela qual você verá que um rapaz, advogado, tentou se suicidar em Paris, somente porque tomou um “pito” do “batonnier”, chefe da Ordem dos Advogados. Isto mostra com que rigor de honestidade é exercida a profissão de advogado em França, porque é só lá, absolutamente só, que tais fatos se dão. Mostre a notícia ao Plínio Barreto, o qual poderá, sobre esse fato, burilar uma das suas tão apreciadas “Crônicas Forenses”.

No desempenho de sua tarefa, como advogado, ia Octavio Mendes até o sacrifício. Uma prova eloqüente dessa verdade se encontra na sustentação dos embargos opostos pelo Brasilianische Bank für Deutschland contra a Massa Falida do Banco Regional de Mococa, em que, terminando o magistral trabalho forense, assim se expressa Octavio Mendes: “O advogado abaixo-assinado, pela primeira vez na sua já longa vida profissional, protesta se fazer transportar no dia do julgamento à presença do Egrégio Tribunal, para sustentar oralmente os seus embargos de fls. 327/334; não que tenha qualquer coisa a dizer, no terreno jurídico, além do que ficou explanado nesta sustentação, mas porque entende que, diante do acórdão embargado, precisa defender a sua responsabilidade profissional, que reputa empenhada na presente causa, pelas razões que exporá ao Egrégio Tribunal”. (Conf. *Revista dos Tribunais*, 30/507).

Relatando no Instituto dos Advogados de São Paulo a tese referente à *Vontade unilateral como fonte de obrigações no Direito Brasileiro*, compareceu pessoalmente à sessão plenária de 24 de abril de 1919, o que lhe valeu a homenagem de seus pares, na palavra dos consócios Daniel Rossi, Francisco Morato e Abrahão Ribeiro, (*Revista dos Tribunais*, 29/558-91). Foi tendo em conta parecer elaborado pelos professores Octavio Mendes e Waldemar Ferreira que o Instituto se pronunciou favoravelmente ao registro dos cheques visados como costume mercantil, (*Revista dos Tribunais*, 63/628-32), nos termos do assento que veio a ser tomado pela Junta Comercial.

Solicitado pelo Dr. Carlos Guimarães, no exercício da presidência do Estado, para opinar a respeito do Projeto de Código Comercial, de Inglês de Sousa, em discussão no Senado, formulou Octavio Mendes uma série de “Observações e emendas”, enviadas ao Congresso Nacional como contribuição do governo de São Paulo. Em carta que Octavio recebeu do autor do Projeto, éste alude à sua contribuição como “trabalho jurídico tão notável pela erudição, pela elevação da crítica e pelo senso prático”, assinalando que, não obstante a divergência existente entre ambos, em alguns pontos, para êle constituia grande satisfação ter merecido, na maior parte do Projeto, “o apoio de jurista tão eminente”. (Conf. *Revista dos Tribunais*, 19/311).

Os estudiosos da matéria encontrarão na mesma *Revista* a demonstração do engenho do jurisconsulto, nos capítulos consagrados ao *Valor por que devem ser pagas as debêntures na liquidação ou falência das sociedades anônimas*, (16/119), *Da possibilidade, ou não de darem as sociedades anônimas em penhor as debêntures de sua própria emissão*, (16/161), *Da retenção e da compensação na falência*, (17/61), *Da reivindicação na falência*, (17/219), *Da verificação dos créditos*, (17/349), *Da concordata na falência*, (18/57), *Da declaração da falência*, (18/157), *Da administração da falência*, (18/49). Esse trabalho, vê-se do original manuscrito em poder de Octavio Mendes Filho, foi dedicado a d. Elisa de Moraes Mendes, incomparável companheira de seus dias de triunfo e de seus dias de amargura.

Ainda na *Revista dos Tribunais* se encontram os seus estudos sobre temas de direito comercial e de direito civil, como *As falências fraudulentas*, (19/199), *O processo criminal dos falidos*, (39/107), *As faturas assinadas*, (19/313), *A venda e penhor dos fundos de comércio*, (21/79), *A reivindicação dos títulos de crédito* (33/175, 249, 356), em referência ao *Mandato expresso aos gerentes de estabelecimentos comerciais para assinar títulos cambiários*, (22/241), sobre a *Responsabilidade dos endossantes anteriores, dado o reendosso do cheque ao próprio emissor*, (39/5), a propósito

da *Destituição dos sócios gerentes de uma sociedade em comandita por ações pela assembléia geral dos acionistas*, (45/137), *Contrato de seguro de vida*, (16/3), a *Revogabilidade da partilha em vida*, (21/221), o *Contrato de trabalho*, (23/73), *Os efeitos da remissão no executivo hipotecário*, (45/8), a *Compra e venda civil*, (46/400).

A questão referente ao *Usofruto da mãe binuba sobre bens dos filhos do primeiro leito*, é objeto de uma erudita discussão entre Octavio Mendes e Reynaldo Porchat, (*Revista dos Tribunais*, 44/167, 429, 673 e 45/3, 359), assim como a matéria atinente à *Retenção e compensação na falência* dá motivo a debate entre Octavio Mendes e Laurentino Azevedo, (36/458, 37/517 e 38/201). E festejando a publicação dos volumes 7.º e 8.º, do *Tratado de Direito Comercial Brasileiro*, de José Xavier Carvalho de Mendonça, escreve Octavio longo estudo, inserto na *Revista dos Tribunais*, 18/249, 21/3, 241).

A sua intensa atividade de advogado nunca lhe permitiu ensanchas para uma obra sistemática, nem mesmo para mais desenvolvidas monografias. Limitara-se até então a simples ensaios, que constituíam um milagre de sua operosidade e de sua energia. A preparação de seu trabalho êle o fazia no próprio leito, pela manhã, após a refeição matinal, ordenando lhe trouxessem de sua biblioteca os elementos de consulta de que necessitava, fa-

zendo, sem a menor indecisão, indicação exata sobre a colocação dos volumes nas estantes.

Foi o concurso a oportunidade surgida para êsse trabalho doutrinário mais extenso, escrevendo na fazenda Bela Vista as três dissertações apresentadas: *Os Sócios de responsabilidade ilimitada de uma sociedade mercantil são comerciantes? Da posição jurídica do debenturista em face da falência; Da Hipoteca Naval no Brasil*. Publicou posteriormente uma excelente monografia — *Dos Títulos de Crédito*, de que inserira já um capítulo — *Da natureza jurídica dos títulos de crédito*, na *Revista da Faculdade de Direito*, (22/101). A sua bibliografia veio a se completar em 1930, um ano antes de seu falecimento, com a publicação pela Livraria Acadêmica, de Saraiva & Cia., dos volumes referentes ao *Direito Comercial Terrestre e Falências e Concordatas*. São lições por êle professadas na Faculdade e que denotam o seu zêlo no exercício do magistério. Tais volumes não constituem, nem poderiam constituir, um *tratado*; mas, como *curso*, contêm as noções fundamentais sobre a matéria, expostas com clareza e precisão.

Acometido, em 1910, de paralisia nos membros inferiores, debalde recorreu Octavio Mendes aos recursos médicos que lhe poderiam ser propiciados, aqui e no estrangeiro. Sua coragem e decisão no enfrentar a moléstia insidiosa foram surpreendentes. A nenhum esforço se furtou, submetendo-se

mesmo a todos os exercícios ginásticos que lhe foram recomendados. A poliomielite não era então um mal tão bem estudado. Conta Emil Ludwig, em sua biografia de Franklin Roosevelt, que ao tempo em que todos se convenciam sofrer êle de uma moléstia sem cura, não podendo jamais andar pelos próprios pés, somente o enfêrmo não desanimava, confiando sempre na reação de seu organismo. — É irrisório, dizia, que um adulto não possa vencer uma moléstia infantil...

Octavio Mendes possuia a mesma fibra de lutador. Suportando estòicamente o golpe do destino que o ferira, desenvolvia uma atividade espantosa para um homem nas suas condições, sem perder jamais a esperança de recuperação.

Procurava, por tôdas as formas, obter um resultado positivo em seu tratamento. A derradeira tentativa foi a que buscou em Paris, na clínica do Dr. Bidou. As cartas que dirige a seu filho, entre 13 de junho e 2 de setembro de 1926, são francamente animadoras.

Na de 13 de junho, assim se expressa: “Amanhã vou à clínica do Bidou e espero começar amanhã mesmo a minha aprendizagem de andar só. Se o bom resultado depender só de coragem e paciência, tenho esperança de logo poder passar a vocês um bom telegrama”. A 29 de junho, conseguia ficar de pé com o aparelho, “com um braço sôbre o pescoço do Oscar e outro sôbre o pescoço

do Bidou". Em carta de 10 de julho, comunica: "Preciso aprender a andar só me apoiando nas cordas, para depois andar com as bengalas. Espero que dentro de uns quinze dias terei conseguido êsse resultado, e se assim fôr, como espero, o problema estará resolvido". A 22 de julho: "O resultado dos exercícios, para eu poder andar com as duas bengalas, depende muito mais de mim, da minha paciência e coragem, do que do aparelho. Por isso mesmo é que tenho confiança no resultado. Por isso e porque vejo na clínica do Bidou um paralítico como eu sentar-se no chão, levantar-se apoiando-se só em uma bengala e numa mesa, agachar-se para levantar do chão qualquer coisa, enfim, fazer o que uma pessoa sã faz. Ora, se êle faz tudo isso, porque é que eu não poderei fazer o mesmo?! A 11 de agosto, ainda se encontra cheio de esperanças: "Desde ontem que estou praticando a andar com duas bengalas. É difícil como diabo, mas com o tempo estou convencido que conseguirei andar, e então, adeus paralelas e Maneco, e a minha vida será outra"... Finalmente, a carta de 2 de setembro: "Nós vamos indo sem novidades, a não ser que estou aqui na clínica do Bidou, onde desde ontem estou andando com o meu aparelho e duas bengalas, sem mais o apoio das cordas. É a vitória! de agora em diante, só tenho que praticar, para andar cada vez melhor; pelo que amanhã ou depois vou telegrafar a grande nova a você e aos demais filhos".

Com efeito. No dia seguinte, vinha o prometido telegrama: "Completo resultado. Aparelho bengalas andando bem. Comunique irmãs, tias. Abraços. Saudades. Papai".

Há de imaginar-se a alegria febricitante da família. O encanto da viagem de retôrno. A emoção da hora da chegada. Contudo, tal satisfação em breve seria substituída por amargo desencanto. O aparelho, frágil que era, foi aos poucos se desmontando, perdendo a sua utilidade; e o enfêrmo voltou à situação primitiva.

Sofreu, com resignação, mais êsse golpe pungente. A uma filha, que indagou um dia se acaso se considerava infeliz, disse que não: tinha como lenitivo o afeto da família e a alegria do trabalho. "O homem nasce para o trabalho como a ave para o vôo — *Homo nascitur ad laborem, et avis ad volatum*", (*Liber Job*, V, 7). E talvez Octavio Mendes repetisse mentalmente o pensamento de Goethe: "A moléstia não atinge o homem, que deve ignorá-la. Sòmente a saúde é que deve ser lembrada"...

Entre a sua atividade forense, a cátedra universitária e o doce aconchêgo da família passou Octavio Mendes a sua existência. Vinte e um anos a sua incapacidade física lutou para vencê-lo; mas, sobranceiro a tôdas as penas, êle não se curvou à imposição da matéria. O cérebro potente dominava a miséria da carne e a mão obediente, em-

punhando a pena, transmitia ao papel as ordenações da inteligência.

Jurista eminente, era Octavio Mendes também homem de rara sensibilidade, que apenas aos íntimos revelava os refolhos de seu coração. Os arquivos da família hoje se abrem, para que se exponham aos olhos do público duas páginas de rara beleza, em que a sabedoria de Octavio Mendes traçou, com amor, um roteiro para suas filhas. O Decálogo, escrito em Zurich em 1912, completou-se com os Conselhos para a filha casada, de 1920. É um verdadeiro catecismo de virtudes domésticas, cujos preceitos tanto concorrem, em sua observância, para a felicidade da família.

Tendo em sua casa um oásis em que encontrava, no afeto de sua espôsa e de seus filhos, refrigério para o seu sofrimento, poderia Octavio Mendes repetir a cada instante as palavras do livro sagrado: *"Tu vera pax cordis, tu sola requies; extra te dura sunt omnia et inquieta"*, (*De Imitatione Christi*, Liber Tertius, Caput XVI, 4).

I

DECÁLOGO PARA MINHA FILHA

1. Ama a teus pais e, se casares, ama a teu marido e a teus filhos sôbre tudo o mais neste mundo.

2. Quando falares, evita sempre os termos baixos, assim como as palavras rebuscadas e os superlativos. Os primeiros são incompatíveis com uma fina educação e os outros são sempre ridículos.

3. Se fôres crente, vive como manda a tua crença; se não tiveres religião, cumpre respeitar sempre a opinião alheia.

4. Sê sempre amiga de teus pais e mesmo ao ouvires uma observação que não te pareça justa, lembra-te que êles só procuram te fazer melhor.

5. Evita sempre a cólera, que só dá maus conselhos, e enquanto não te sentires inteiramente calma, desconfia da imparcialidade dos teus juízos.

6. Sê sempre modesta e recatada; causa sempre má impressão uma moça que não guarda a devida compostura, quer na maneira de se exprimir, quer no modo de trajar.

7. Não debes jamais ter inveja de coisa alguma, pois não há mais feio sentimento, nem causa mais freqüente de infortúnios. Procura estar sempre satisfeita com aquilo que tens, — eis o segredo da felicidade.

8. Não debes desprezar o dinheiro, pois é uma fôrça e terrível, mas ao lidares com êle debes fazê-lo de modo a mostrar que o consideras um meio e não um fim, isto é, que és tu que o dominas, e não êle a ti.

9. Sê sempre verdadeira, pois não pode haver mais feio vício que a mentira; mas lembra-te que nem tôdas as verdades se dizem, o que significa que há muitas ocasiões na vida em que a virtude está em saber guardar silêncio. Cumpre ter sempre em vista que é muito raro alguém se arrepende de não ter falado, ao passo que são de todos dias os desgostos causados pela indiscrição e pela loquacidade.

10. Quer com tuas amigas, quer com teus inferiores, evita sempre qualquer conversação sobre as misérias alheias. É vício corrente da sociedade contemporânea, como de todos os tempos, o que bem demonstra quão difícil é combatê-lo e extirpá-lo dos nossos costumes.

Zurich, 1.º de junho de 1912.

OCTAVIO MENDES

II

CONSELHOS PARA MINHA FILHA CASADA

1. Procura fazer de tua casa o oásis abençoado, onde teu marido encontre sempre a tranquilidade e a alegria, que lhe façam esquecer os motivos de tristeza, que porventura traga da luta pela vida.

2. Para isso deverás evitar sempre qualquer discussão com teu marido, ainda quando por êle provocada em momento de mau humor, que todos temos. Em tais ocasiões, será preferível te calares e logo na primeira oportunidade procurares com teus carinhos destruir aquêlê mau humor e trazer teu marido ao estado normal de satisfação e tranqüilidade.

3. Evita o ciúme, que é causa de tantas desgraças; e quando o não puderes evitar, recalca-o no fundo do teu coração, para que ninguém o perceba, até que o consigas dominar e desvanecer por completo.

4. Contenta-te sempre com o que possuires, sem invejar nada a ninguém, e nada reclamando de teu marido, de quem com carinhos poderás conseguir tudo quanto êle te puder dar.

5. Não deverás intervir jamais nos negócios de teu marido, e sim quando por êle consultada, deverás dar a tua opinião sincera e sempre no sentido mais favorável aos interêsses do casal.

6. Deverás ser solidária com teu marido em tôda e qualquer questão que êle tenha; mas quando entenderes que êle está errado, deverás lho dizer com tôda a sinceridade, mas com tôda a delicadeza, e procurares convencê-lo do seu êrro. Se êle, porém, persistir, deverás te calar e não alimentar discussões.

7. Deverás acompanhar teu marido, e sempre com cara alegre, para onde êle te queira levar.

8. Procurarás conquistar a amizade dos parentes de teu marido, principalmente de teus sogros e cunhados.

9. Sê econômica, evitando despesas inúteis e incompatíveis com a tua fortuna e de teu marido; mas evita também o excesso de usura, que tanto tem de feio quanto de prejudicial.

10. Deverás ser caridosa com os infortúnios alheios e viver de acôrdo com as tuas posses, com o confôrto que estas te permitirem.

11. Deverás preferir sempre a companhia de teu marido e tua casa a qualquer diversão, sem faltar, entretanto, aos deveres sociais e aos da amizade bem escolhida.

12. Quando te sentires triste e não tiveres a companhia de teu marido, procura um bom livro, e nêle encontrarás refrigério para a tua tristeza. Os bons livros são amigos sempre fiéis e sempre prontos a nos consolar e servir.

13. Se tiveres filhos, procura criá-los no hábito do trabalho, criaturas úteis, amigos da Verdade e da Justiça, empregando todo o teu esforço para que não se tornem inúteis pela preguiça.

14. Se algum dia ouvires de teu marido uma palavra menos delicada, não lhe respondas, e perdoa-lhe a ofensa, e facilita-lhe a pronta reconciliação. Saber perdoar é uma das coisas mais difíceis dêste mundo e uma das mais seguras garantias de uma vida feliz.

São Paulo, 28 de dezembro de 1920.

OCTAVIO MENDES

POSIÇÃO DE OCTAVIO MENDES NO DIREITO COMERCIAL BRASILEIRO

MIGUEL REALE

Não fui aluno de Octavio Mendes, mas, êle foi mestre de energia moral e de dedicação aos valores culturais de quantos, como eu, víamos o velho professor ascender, serenamente, de uma cadeira de rodas à cátedra, afim de proferir as suas preleções de Direito Comercial.

Fazia-o com desvêlo e, advogado exímio que era, sabia combinar as exigências teóricas com as de ordem prática, tornando os estudantes partícipes de suas dúvidas e convicções, através do exame dos feitos confiados à sua responsabilidade profissional.

Essa preocupação pelas questões práticas, em correlação imediata com os elementos teóricos essenciais, não constituia apenas uma diretriz assumida no âmbito pedagógico, mas representava uma das características de sua obra de jurista.

Quem examina a sua produção científica nota, desde logo, que não o seduziam os amplos debates doutrinários, sendo preferidas as teses necessárias

à elucidação dos assuntos que formam o repertório da vida comercial e das questões forenses. Aplica-se-lhe, como uma luva, a apreciação crítica que San Tiago Dantas, talvez com excessiva generalização, fez dos jurisconsultos brasileiros do início da República: “um real conhecimento do direito positivo; uma argumentação concisa, livre de prolixidade acadêmica; uma intuição do caso, ainda não falseada pelo gosto das teorias; e uma robusta visão do direito como arte, prevalecendo sobre a do direito como ciência”¹.

Essas notas distintivas, na obra de Octavio Mendes, revelam-se sobretudo no volume intitulado *Ensaio de Direito Comercial*, onde se acham reunidas as suas três dissertações de concurso, de 1919, sobre temas de Direito Mercantil², e também no seu livro “Dos Títulos de Crédito”, 1931.

As suas teses de concurso obedecem, em linhas gerais, aos padrões vigentes na época e que, ainda hoje, prevalecem nas provas de seleção de nossos mestres de Direito, mas sem se ater a uma orientação puramente expositiva do pensamento alheio. Não tinha Octavio Mendes temor de apresentar o

1. SAN TIAGO DANTAS — Prefácio ao “Parecer Jurídico” de RUI BARBOSA sobre o Projeto de Código Civil (*Obras Completas*, de RUI, Vol. XXXIII, 1905, t. III, pág. XII).

2. Foram estes os temas versados no concurso: a) *Da posição jurídica do debenturista em face da falência* (173 págs.); b) *Os sócios de responsabilidade ilimitada de uma sociedade mercantil são comerciantes?* (53 págs.); c) *Da hipoteca naval no Brasil* (52 págs.).

resultado de suas pesquisas, fazendo-o até mesmo com veemência.

Analisando-se as suas monografias, o que desde logo se evidencia é a aderência às realidades práticas, revelando a experiência de quem conhece o Direito por dentro, através de contínuo tirocínio profissional.

Entra êle de chôfre no assunto, enquadrando a matéria no estrito campo dogmático-jurídico, sem tergiversações e delongas, com apoio na tradição da literatura jurídica pátria, posta em permanente confronto com os mais ilustres comercialistas alienígenas, não só da França e da Itália, mas também da Inglaterra e da Alemanha, demonstrando não ter ficado jungido às fontes latinas. Essas qualidades revelam-se sobretudo no seu estudo sobre a posição jurídica do debenturista em face da falência, onde não se perde em generalidades, limitando-se a debater as teses relacionadas com o tema proposto. Trata-se, aliás, de sua melhor contribuição à Jurisprudência nacional, denotando a sua predileção pelos problemas pertinentes aos títulos de crédito, a cujo estudo iria dedicar a sua derradeira obra.

As análises que, nesse campo, foram realizadas por Octavio Mendes conservam ainda atualidade doutrinária e prática, o que não passou despercebido ao insigne comercialista Tullio Ascarelli, que, mais de uma vez, se reporta à opinião do

mestre campineiro, em sua primorosa *Teoria Geral sobre Títulos de Crédito*³.

Formado sob a influência da chamada “Escola científica do Direito”, isto é, daquela corrente que, sobretudo por obra de positivistas italianos, conciliava os ensinamentos de H. Spencer e de A. Comte numa compreensão objetiva da experiência jurídica, Octavio Mendes, mais uma vez afirma a necessidade de atender às exigências econômicas, que antecedem e determinam os institutos jurídicos, os quais, consoante palavras de Vivante, por êle invocadas, não podem ser elaboradas como “construções geométricas”.

Numa atitude pragmática, pondera que, em matéria como esta dos *títulos ao portador*, é impossível legislar com proveito, mantendo sempre in-

3. Cf. ASCARELLI — *op. cit.*, trad. de Nicolau Nazo, São Paulo, 1943, O ilustre comercialista peninsular refere-se a OCTAVIO MENDES, entre outras, às págs. 214, 259, 262, 267, 289, 309, 338, 390, etc. À pág. 338, n.º 1, pondera ASCARELLI, referindo-se ao problema do fundamento do “Direito cartular”: “No direito brasileiro é interessante observar a posição de OCTAVIO MENDES (*Títulos de Crédito*, São Paulo, 1931), que adere às teorias contratualistas (coerentemente, aliás, com a sua adesão à tese da causalidade da declaração cambiária) mas ao mesmo tempo afirma, coerente com o art. 1.506 do Código Civil, que a emissão pode ser involuntária (Cf. também págs. 5, 11 e 286 do *Direito Comercial Terrestre* do mesmo Autor).”

Essa posição de OCTAVIO MENDES, apontada por ASCARELLI, traduz bem a sua linha de pensamento, de fidelidade às teorias tradicionais, ajustando-as aos imperativos das normas vigentes.

teiro acôrdo entre as necessidades práticas e os princípios de doutrina⁴.

Preocupa-o a multiplicidade das teorias que, consoante frase incisiva de Thaler, que êle cita e acolhe, “tem dado mais fadiga ao cérebro humano, do que resultados satisfatórios”, mas isto não o impede de expor e debater as lições de Thaller, de Kuntze, de Brunner, de Siegel, de Bruschettini ou de Saleilles, assim como de trazer, a todo instante, à colação as teses dos comercialistas nacionais, como Inglez de Souza, Carvalho de Mendonça, Margarino Tôrres e Pontes de Miranda.

Essa desconfiança teorética levava-o, às vezes, a apegar-se em demasia às chamadas doutrinas tradicionais, como, por exemplo, o fêz ao se opôr, intransigentemente, à já triunfante teoria sôbre a unilateralidade do ato em que se assenta a constituição do direito cartular⁵. O empirismo de Octavio Mendes impedia-o de reconhecer que, pelas exigências mesmas da vida econômica que condicionam as normas comerciais, a teoria unilateral não

4. Cf. OCTAVIO MENDES — “A posição jurídica do debenturista”, em *Ensaio do Direito Comercial*, São Paulo, 1920, pág. 40. Também em sua monografia *Dos Títulos de Crédito*, cit., pág. 128, reitera que “os verdadeiros interesses sociais nem sempre se harmonizam com os princípios jurídicos”, o que revela bem a sua compreensão estática e abstrata dos valores da Jurisprudência.

5. *Op. cit.*, pág. 43 e segs. OCTAVIO MENDES sempre se manteve fiel à teoria contratual, insistindo sempre na sua tese de que “unilateralidade e relações jurídicas são termos que se repelem” (Cf. *Dos Títulos de Crédito*, págs. 92 e segs.).

era “uma audácia” passageira, mas antes uma linha necessária no desenvolvimento da Ciência jurídica ⁶.

Outras vêzes, porém, essa tendência conservadora prevenia-o contra a introdução no Direito pátrio de doutrinas correspondentes a outras circunstâncias sócio-econômicas, criticando, o legislador brasileiro, por copiar ou adaptar leis estrangeiras sem levar em conta a especificidade de nossa estrutura econômica, incipiente, onde o crédito obedece, então como agora, a taxas de juros desusadas na Europa e nos Estados Unidos da América.

Podemos, aliás, divergir de suas teses, mas não há como não reconhecer a coerência de seu pensamento, o amor às suas convicções, que o levam, às vêzes, a assumir um tom polêmico.

Exemplo dessa sua atitude polêmica têmola nas críticas movidas a Pontes de Miranda, juriconsulto pertencente à geração posterior, bem mais sensível aos valores das teorias gerais, e pessoalmente propenso à aceitação de idéias novas nos domínios da Jurisprudência.

Insurge-se Octavio Mendes especialmente contra a tese expendida por Pontes de Miranda em sua obra *Dos Títulos ao Portador*, pág. 274, de que “é a posse e não a propriedade que produz o direito cartular”. O professor paulista, ao contrário, sustenta diretriz diferente, exigindo

6. *Op. cit.*, pág. 172.

o título de propriedade, sem o qual, obtempera-ê-lo, não há que falar em exercício de direito cartular. Referindo-se a essa divergência, no Direito brasileiro, Ascarelli prefere a “teoria da propriedade”, seguida por Octavio Mendes⁷.

Fazendo ironia sobre as conhecidas tendências germanófilas de Pontes de Miranda nos domínios do Direito, repele a sua pretensão de criar, com base no art. 521 do Código Civil, “uma *ação de reivindicação de posse*, expediente alemão, que a ciência moderna muito terá de aplaudir, e a sociedade de agradecer à inventiva costumeira e filosófica dos alemães”, Octavio Mendes procura por em evidência os méritos da teoria da propriedade, em confronto com a da posse, para legitimidade da titularidade do direito cartular e conclui, desconsoladamente:

“Em artigo que publicamos na *Revista de Direito*, vol. 60, pág. 206-233, impugnamos integralmente essa opinião de Pontes de Miranda.

Esse artigo foi publicado em Março de 1921.

Estamos em 1930. Há nove anos que impugnamos a opinião de Pontes de Miranda, e durante todo esse lápso de tempo mantive-

7. ASCARELLI — *Teoria Geral, cit.*, pág. 267.

mos sempre a nossa impugnativa, contra a qual não vimos ainda resposta satisfatória.”⁸

No Tomo XXXIII de seu *Tratado de Direito Privado*, Pontes de Miranda repete o que dissera em seu livro de 1921, e sem se referir às críticas feitas por Octavio Mendes à sua posição, procura dar o rigoroso sentido de sua interpretação ao art. 521 do Código Civil, o qual, a seu ver, “separa-nos de outros povos”, por conter “*uma vindicatória de posse*”, que não se confunde nem com a reivindicação, nem com a reintegração de posse⁹.

Os toques polêmicos não constituem, todavia, a nota dominante nas páginas do catedrático das Arcadas, cujo estilo é em geral claro, sóbrio e comedido, revelando grandes qualidades de exposição, como se pode apreciar, por exemplo, ao condensar as lições de Brunner, de Siegel, de Saleilles, ou de Bruschettini. Uma nota de alta probidade intelectual distingue os seus estudos, timbrando em assinalar a fonte em que baseia as explanações feitas, como se vê no fim dos capítulos XVIII, XXII e XXIII, usando, modestamente, de expressões como estas: “tal é a lição que se vê

8. OCTAVIO MENDES — *Dos Títulos de Crédito*, cit., pág. 121. Cf. também as críticas feitas por êle à teoria de PONTES DE MIRANDA, de que no título ao portador *não há um direito de crédito*, mas uma “*pré-forma*” dêsse direito. (Capítulo XIV).

9. Cf. PONTES DE MIRANDA — *Tratado*, cit., vol. XXXIII, págs. 138 e segs.

em Brunner, sábio professor de Berlim, no seu precioso livro *Werthpapieri*, do qual extraímos o que deixamos dito”¹⁰.

Pois bem, é êsse alto sentido de responsabilidade que se observa no seu *Direito Comercial Terrestre*, que é o compêndio de suas lições na Faculdade do Largo de São Francisco. É uma obra que ainda hoje se lê com proveito, refletindo a repercussão no Brasil da Dogmática Jurídica conceitual européia, sob a inspiração da Escola de Exegese e dos Pandectistas, ainda numa fase de transição para uma visão mais compreensiva das relações privadas, que, no caso especial do Direito italiano, veio adquirir expressão própria com o desenvolvimento da grande Escola de Scialoja e de Vivante, e na Alemanha, ofereceu os seus melhores frutos com a Jurisprudência dos Interesses.

O seu compêndio confirma os seus dotes de seriedade e clareza, só surgindo, vez por outra, uma pitada de ironia, como na referência à inutilidade da matrícula dos comerciantes, cuja única vantagem era conferir as honras de capitão da guarda nacional, impedindo fôsem recolhidos à enxovia, quando processados criminalmente. Era essa, sublinhava o professor, a razão pela qual muitos negociantes, em véspera de falência, se faziam matricular...

10. *Dos Títulos de Crédito, cit.,* pág. 170.

Bem característica é, pelo exposto, a posição de Octavio Mendes na história das idéias jurídico-mercantis no Brasil. Situa-se êle na corrente da Jurisprudência conceitual, assinalando um momento significativo na formação de nosso Direito cartular, figurando os seus escritos condignamente ao lado de trabalhos de ilustres monografistas dedicados ao problema dos títulos de Crédito, como Saraiva, Paulo Maria de Lacerda, Margarino Torres, Witaker e Pontes de Miranda, que vieram progressivamente alargando a participação do pensamento brasileiro na renovação do Direito Comercial¹¹.

11. Essa renovação foi, às vezes, entendida, e a meu ver errôneamente, no sentido da crescente comercialização do Direito Civil. OCTAVIO MENDES, que de início compartilhava da tese de THALER sobre a evolução do Direito Privado, "pela subordinação do Direito Comercial ao Direito Civil, em todos os assuntos regulados por êste", por ser o Direito Geral, (*Ensaio de Direito Comercial*, cit., pág. 156) acabou se enfileirando entre os partidários da tese da "absorção do Direito Civil pelo Direito Comercial" (*Direito Comercial Terrestre*, cit., pág. 108). Trata-se, a bem ver, de duas teses contrapostas e abstratas, ambas sem correspondência com a experiência jurídica de nosso tempo, pois, por mais que se tenha dado e se dê a convergência dos dois Direitos no plano dos princípios e normas gerais, nem por isto desaparecem as peculiaridades resultantes de exigências inerentes às atividades mercantis e industriais.

PROF. DR. OCTAVIO MENDES

*Ao ensejo da comemoração do centenário
de seu nascimento.*

Prof. PAULO BONILHA

Altamente honrado com o convite do meu dileto amigo Dr. Octavio Mendes Filho para escrever sôbre o homem Octavio Mendes, por tê-lo conhecido na intimidade, é com profunda emoção que o faço, não só porque tive a ventura de frequentar sua casa, quando ainda jovem, na fase mais pura e por isso mesmo mais sensível da existência, como porque fui recebido no recesso do lar por um homem realmente superior, que exerceu em minha formação a influência de sua forte e amorável personalidade.

Fui levado à sua casa por seu filho, Octavinho, já meu bom amigo e colega de turma, para nos prepararmos para os exames finais do ano de 1924.

Era eu um simples estudante de direito, mas já ardoroso crente da Justiça, a penetrar na mansão de um eminente professor da mesma legendária escola em que eu começava a balbuciar as primeiras letras jurídicas. Logo à entrada, achava-se a biblioteca do Prof. Octavio Mendes, grande

Bem característica é, pelo exposto, a posição de Octavio Mendes na história das idéias jurídico-mercantis no Brasil. Situa-se êle na corrente da Jurisprudência conceitual, assinalando um momento significativo na formação de nosso Direito cartular, figurando os seus escritos condignamente ao lado de trabalhos de ilustres monografistas dedicados ao problema dos títulos de Crédito, como Saraiva, Paulo Maria de Lacerda, Margarino Torres, Witaker e Pontes de Miranda, que vieram progressivamente alargando a participação do pensamento brasileiro na renovação do Direito Comercial¹¹.

11. Essa renovação foi, às vezes, entendida, e a meu ver errôneamente, no sentido da crescente comercialização do Direito Civil. OCTAVIO MENDES, que de início compartilhava da tese de THALER sobre a evolução do Direito Privado, "pela subordinação do Direito Comercial ao Direito Civil, em todos os assuntos regulados por êste", por ser o Direito Geral, (*Ensaio de Direito Comercial*, cit., pág. 156) acabou se enfileirando entre os partidários da tese da "absorção do Direito Civil pelo Direito Comercial" (*Direito Comercial Terrestre*, cit., pág. 108). Trata-se, a bem ver, de duas teses contrapostas e abstratas, ambas sem correspondência com a experiência jurídica de nosso tempo, pois, por mais que se tenha dado e se dê a convergência dos dois Direitos no plano dos princípios e normas gerais, nem por isto desaparecem as peculiaridades resultantes de exigências inerentes às atividades mercantis e industriais.

PROF. DR. OCTAVIO MENDES

*Ao ensejo da comemoração do centenário
de seu nascimento.*

Prof. PAULO BONILHA

Altamente honrado com o convite do meu dileto amigo Dr. Octavio Mendes Filho para escrever sôbre o homem Octavio Mendes, por tê-lo conhecido na intimidade, é com profunda emoção que o faço, não só porque tive a ventura de frequentar sua casa, quando ainda jovem, na fase mais pura e por isso mesmo mais sensível da existência, como porque fui recebido no recesso do lar por um homem realmente superior, que exerceu em minha formação a influência de sua forte e amorável personalidade.

Fui levado à sua casa por seu filho, Octavinho, já meu bom amigo e colega de turma, para nos prepararmos para os exames finais do ano de 1924.

Era eu um simples estudante de direito, mas já ardoroso crente da Justiça, a penetrar na mansão de um eminente professor da mesma legendária escola em que eu começava a balbuciar as primeiras letras jurídicas. Logo à entrada, achava-se a biblioteca do Prof. Octavio Mendes, grande

e bem cuidada, jurídica, filosófica, histórica e literária.

É fácil imaginar-se a minha timidez, o meu embaraço.

Lá não encontrei apenas o jurisconsulto, o grande advogado, de primorosa e variada cultura, mas sobretudo o homem na mais digna acepção da palavra.

Sempre me tratou com benevolência, simpatia e amizade. E pela minha formatura, presenteou-me com uma bela caneta de ouro, com generosos votos de feliz êxito profissional. Jamais esqueci aquêle gesto tão amável e tão honroso. Daquela época ficaram-me indeléveis impressões no espírito e no coração.

Assim que a minha palavra, ao comemorar-se o centenário do nascimento do Prof. Octavio Mendes, é de saudade, de agradecimento, de admiração, de afeto e de respeito.



É de relevante interêsse social que se aproveitem certas datas para se rememorarem pessoas que, pela sua vida, servem de exemplo, confôrto e estímulo, e para que sejam reveladas sob todos os seus aspectos, quer públicos, quer privados.

Na intimidade o homem relaxa as suas energias e dá vazão às suas fraquezas; energias que o convívio social suscita e fraquezas que obriga

a ocultar. Então, sem os freios sociais, o homem se mostra tal como é, com suas precariedades e misérias, desmentindo o mito social. Mas, por outro lado, as qualidades verdadeiramente superiores, que definem um homem na mais profunda e nobre significação do termo, se revelam no recato do lar, ultra sensíveis que são e assim medrosas do ambiente exterior, envergonhadas da indiferença e da incompreensão da sociedade. Em consequência retraem-se, desabrochando-se somente no aconchego, na doçura, na segurança da intimidade.

Então, tem o homem necessidade de libertar-se das convenções sociais, e, confiante na pureza do afeto dos seus íntimos, no recôndito de suas mais requintadas sensibilidades, abandona-se, entrega-se às manifestações espontâneas do seu sêr.



Nunca vi no Prof. Octavio Mendes um instante sequer de desfalecimento de suas energias varonis; nunca levantou a voz, jamais perdeu a serenidade, até nas ocasiões mais pungentes, mais dramáticas, como aquela que passo a mencionar.

Logo após haver chegado de sua última viagem à Europa, estava certo de poder definitivamente andar com aparelho e bengalas. Com êles já dava os primeiros passos, embora com sacrifício e hercúleo esforço, despertando animação e

entusiasmo em si próprio, em sua família e em seus amigos. De Paris enviara, pouco antes de embarcar de volta, carta e, logo depois, telegrama ao filho, em São Paulo. Na primeira, dizia que já estava andando com o seu aparelho e duas bengalas, sem mais o apoio das cordas, asseverando que era a “vitória”, só lhe faltando praticar para andar melhor; e no telegrama, em confirmação: “Completo resultado. Aparelho bengalas andando bem. Comunique irmãs, tias. Abraços. Saudades. Papai.” Mas — como é doloroso êsse “mas”! ... — certa vez, à tarde, no jardim de sua casa, onde costumava fazer exercícios diários, ao dar alguns passos, quebrou-se uma das bengalas, e o seu corpo pesado — o Prof. Octavio Mendes era de compleição robusta — caiu desamparadamente, de peito, no cimento, sem poder esboçar um mínimo de defesa, que ao menos diminuísse a violência do choque, pois seus braços estavam presos às alças das bengalas.

Não era só a queda do corpo. Era também a queda, o desmoronamento das melhores, das mais legítimas, das mais fundadas esperanças, tão carinhosa e empenhadamente alimentadas por êle, por sua família e seus amigos, esperanças que se haviam então recentemente robustecido pelas notícias que pouco antes mandara da Europa. Era mais do que tudo isso: era a traição da “vitória”, que já havia sido conseguida, a fuga do “completo resultado”, que já havia sido obtido, após longuís-

simos anos de sacrifício, de resistência tenaz, de lutas denodadas, de permanente e irrenunciável confiança.

Não se pode descrever a comoção por êle sofrida.

No entanto, não proferiu uma só palavra, não soltou uma queixa. Apenas um véu de profunda amargura cobriu-lhe o rosto.

Devagar, com dificuldade, com a ajuda do filho e minha, que estávamos presentes, se refêz, novamente composto, com aquela distinção que lhe era habitual, com aquela serenidade que a todos confortava.

Detenho-me um pouco que a emoção me impede de continuar a escrever...



O Prof. Octavio Mendes empolgava pela inteligência, pela cultura e pela austeridade que, entretanto, não conseguia esconder a sua bondade.

Sua austeridade fazia lembrar aquelas margens escarpadas que eram como que as defesas severas de um mundo zeloso de seus tesouros, na bela imagem de Rui Barbosa a respeito da literatura de Thomas Carlyle, mas das quais “se vos aproximardes”, é ainda Rui quem fala, “vereis como a poesia mana destas rochas”.

Cativava pelo sofrimento suportado com tão elevada resignação que lhe realçava a superiorida-

de moral, pela tranqüila confiança com que dominava o padecimento, dando aos outros a impressão — milagre e beleza de um espírito superior — que não existia o sofrimento; e acima de tudo prendia pelos eflúvios carinhosos e reconfortantes que irradiavam de sua personalidade e que a todos envolvia em sua casa, o “oasis abençoado”, que êle recomendara nos “CONSELHOS PARA A MINHA FILHA CASADA”, mostrando a importância decisiva da mulher no lar, o que se vê confirmado na enternecida dedicatória de um de seus trabalhos jurídicos à Espôsa estremecida: “À minha querida Elisa, consolação da minha vida, principalmente depois que me feriu a paralisia, lembrança do Octavio”. Foi ela, com seus filhos, a tecelã carinhosa daquele ninho de arminho, de sedas e rosas, que o Prof. Octavio Mendes teve para seu repouso, refrigério e felicidade.

Naqueles “CONSELHOS PARA A MINHA FILHA CASADA”, escritos em São Paulo, em 1920, e no “DECÁLOGO PARA MINHA FILHA”, elaborado em Zurich, em 1912, encontram-se recomendações de suave sabedoria, demonstrando comovida preocupação pelas filhas.

Algumas daquelas recomendações servem não só para filhas, ou filhas casadas, senão também para todos. Ei-las:

“Evita sempre a cólera que só dá maus conselhos, e enquanto não te sentires inteira-

mente calma, desconfia da imparcialidade dos teus juízos.” — “Não debes jamais ter inveja de coisa alguma, pois não há mais feio sentimento, nem causa mais freqüente de infortúnios. Procura estar sempre satisfeita com aquilo que tens — eis o segredo da felicidade”. — “Sê sempre verdadeira, pois não pode haver mais feio vício que a mentira; mas lembra-te que nem tôdas as verdades se dizem, o que significa que há muitas ocasiões na vida em que a virtude está em saber guardar silêncio. Cumpre ter sempre em vista que é muito raro alguém se arrepender de não ter falado, ao passo que são de todos os dias os desgostos causados pela indiscrição e pela loquacidade.” — “Quer com tuas amigas, quer com teus inferiores evita sempre qualquer conversação sôbre as misérias alheias. É vício corrente da sociedade contemporânea, como de todos os tempos, o que bem demonstra quão difícil é combatê-lo e extirpá-lo dos nossos costumes.” — “Evita o ciúme, que é causa de tantas desgraças; e quando o não puderes evitar, recalca-o no fundo do teu coração, para que ninguém o perceba, até que o consigas dominar e desvanecer por completo.” — “Deverás ser caridosa com os infortúnios alheios e viver de acôrdo com as tuas posses, com o conforto que estas te permitirem.” — “Saber perdoar é uma das coisas mais difíceis dêste

mundo e uma das mais seguras garantias de uma vida feliz.”

Aí estão primores da alma dêsse homem que não acreditava em Deus e que, todavia, se esforçava por nêle acreditar, que queria acreditar. Como são insondáveis os desígnios divinos!

Mas, acatava a religião dos outros. No referido “DECÁLOGO PARA MINHA FILHA”, escrevera: “Se fores crente, vive como manda a tua crença; se não tiveres religião, cumpre respeitar a opinião alheia”.



A energia que se ausentara dos seus membros inferiores parece que fôra concentrar-se nos seus olhos, vivíssimos e ágeis, intensamente expressivos, refletindo sua pronta, cintilante e aguda inteligência e sua profunda afetividade; olhos que falavam, que dominavam, atraindo ou afastando, ora denotando alegria e aprovação, ora descontentamento e censura; mas êle sempre sereno e, não raro, florindo com elegante e leve ironia suas observações ou respostas. Era o espírito e o coração a se transbordarem pelos olhos, pois o Prof. Octavio Mendes era sóbrio no falar. Parecia não ter necessidade da palavra tal o poder do seu olhar.



Cabendo-me escrever sôbre o Prof. Octavio Mendes, como homem, não posso, porém, deixar de fazer uma referência à sua atuação de Mestre, não só porque o seu exercício da cátedra estava entranhadamente ligado à sua vida, como também porque lhe proporcionaria satisfação, como certamente proporcionará à sua família, saber que o seu dever de lecionar — que lhe “dava muito trabalho mas que cumpria gostosamente”, conforme confidenciara em carta ao filho, acrescentando “e os meus alunos parece que estavam contentes comigo, reconhecendo o esforço que fazia para lhes dar boas preleções” — foi reconhecido por êles, que realmente ficaram contentes.

Na Faculdade, não tive a honra de ser seu aluno. Mas, eis o testemunho de um dos seus discípulos mais distintos, que já brilhava na escola pela sua inteligência e cultura literária, poeta e orador, e que hoje honra a ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS: — Francisco Patti.

No seu livro “O ESPÍRITO DAS ARCADAS”, editado em 1950, alude aquêle ilustre acadêmico ao Prof. Octavio Mendes ao tempo em que êste substituiu o Prof. Gabriel de Rezende, em 1921, nos seguintes termos:

“Claro, incisivo, lógico, o nôvo professor não nos deu um minuto de folga. Esgotou o programa. Tinha o hábito de chamar os alunos à lição e isso nos obrigava a trazer a

matéria na ponta da língua. Estudamos. Trouxemos em dia os nossos "pontos". Suas aulas nada tinham de brilhantes. Eram, porém, precisas. Eram, sobretudo, categóricas. Em linguagem muito bem cuidada, falando com um ligeiro sotaque português, levou-nos pela mão através do Direito Comercial.

No fim do ano, às vésperas dos exames, Gabriel de Rezende reassumiu a cadeira. Foi uma surpresa para êle: os seus alunos conheciam a matéria a fundo e dissertavam com segurança sobre qualquer ponto sorteado. À surpresa do seu espírito juntou-se a decepção de sua bondade: Gabriel de Rezende não precisou exercê-la, como era tão do seu agrado, em favor dos examinados. Sabíamos tudo tim-tim-por-tim-tim.

Gabriel de Rezende felicitou a turma. Cada um de nós, intimamente, deslocou, no entanto, os parabéns, para o lado da avenida Paulista, em direção à residência do grande mestre." (pág. 121)

Que maior elogio poderia um professor receber de seus alunos?!



Conversar com o Prof. Octavio Mendes constituia um grande prazer. Não era polemista.

Não fazia proselitismo. Expunha com naturalidade suas idéias e conceitos.

À mesa do almoço, certa vez, conversava-se sobre as conversões, à última hora, de Anatole France e de outros.

E eu, animado pela simpatia com que o Mestre e todos me tratavam, tive a coragem, mas ainda assim tímidamente, de dizer que sentia dificuldade em aceitar essas conversões "in extremis", quando o organismo já estava combalido. Não podiam elas prevalecer contra uma vida inteira de pujança intelectual, de combates de idéias, quando a inteligência estava na pleniposse de tôdas as suas energias e em todo o seu vigor.

O Prof. Octavio Mendes não disse nada. Mas pediu à sua filha mais moça que fôsse à Biblioteca, na estante tal e prateleira tal, e lhe trouxesse um determinado livro de Renan, de cujo nome agora não me lembro. Abrindo-o, leu um trecho. Dizia Renan que queria que nêle acreditassem naquele momento em que escrevia, no gôzo amplo de suas funções orgânicas, com o seu cérebro em normalidade, e não no Renan da hora da morte.

Decorridos mais de quarenta anos, desvendou-me, porém, a vida alguns mistérios e ensinou-me que aquêles instantes derradeiros são os supremos, quando o homem se encontra sòzinho, embora possa estar cercado de parentes e amigos, em face tão sòmente de sua consciência, em que o seu espírito

pode recobrar tôdas as energias, recolhidas de outras preocupações, que já naqueles momentos perderam qualquer sentido. E então não é raro que a lucidez se apresente com outras perspectivas e o homem possa ter a intuição da Verdade.

Refiro aquêle episódio não só para lembrar a sua prodigiosa memória — sabia onde estava cada livro de sua Biblioteca, de cêrca de 10.000 volumes — como também para mostrar a elegância com que conversava e a firmeza e superioridade com que sustentava suas idéias.



Como podia um homem tão duramente atingido — e o fôra no máximo da sua exuberância vital, na idade de 41 anos incompletos — impossibilitado de locomover-se, sentindo o profundo contraste do vigor físico de tôdas as outras partes do corpo e da extraordinária capacidade intelectual, e que sempre gostara de fazer longas caminhadas e, com as filhas, quando meninas, extensos passeios de bicicleta, resignar-se, não se queixar, não deixando, porém, de lutar pela recuperação, ter a serenidade que nunca perdera e a tranquila confiança que sempre tivera?

Sentia-se que êsse milagre era produto do amor. Como se amavam os membros da família! Ele amava enternecidamente a espôsa e os filhos e era por êles do mesmo modo amado. Octavinho

chegou a dizer que para os filhos Octavio Mendes constituia uma religião.

Estava satisfeito. Era feliz. Que mais pode alguém desejar quando é amado por quem ama? O amor assim sobrepua a tudo; dá fôrças para enfrentar, com serenidade e consôlo, os vendavais da existência.



Aí está em breves traços o homem Octavio Mendes.

Durante êstes largos anos, desde que o conheci, quanto mais medito sôbre sua vida mais me convenço ser impossível exprimir em tôda sua extensão a grandeza dessa existência.

Refletindo sôbre os testemunhos dos que o conheceram pessoalmente e sôbre os escritos que êle deixou, poderão os outros imaginar o que foi aquêle homem.

Deixe eu, pois, de escrever e continuemos todos a pensar no Prof. OCTavio Mendes. É a glória dos grandes homens: viver na memória dos pósteros e servir-lhes de exemplo.

(a) Paulo Bonilha.

6 de fevereiro de 1969.

OCTAVIO MENDES — O HOMEM DA FAMÍLIA

HERMANN MORAES BARROS

A família foi a base em que Octavio Mendes alicerçou o edifício de sua vida. Alimentou-a com o melhor de sua seiva, dedicou-lhe carinhosa afeição e protegeu-a com tôdas as fôrças do seu sér.

Partiu para a luta da vida armado de lúcida inteligência e dedicação sem limites ao estudo e ao trabalho. Teve dificuldades e tropeços, inclusive a provação de uma doença cruel. Chegou a parecer desesperançado, mas reagiu, prosseguindo na caminhada, galgando altura a cada passo, exemplo vivo de ânimo resoluto e fôrça de vontade, que o tornaram alvo da admiração e respeito dos contemporâneos.

Modelou sua família dentro dos mais puros princípios morais e fêz do carinho a moeda comum cujos laços teceram a mais fina trama afetiva que tornou seu lar tão desejado.

Vencedor na vida profissional, orienta-se para a realização do sonho que acalentara desde os bancos acadêmicos, a cátedra. Galgou-a em concurso memorável a 8 de junho de 1920 e durante

quase duas décadas foi o professor mais assíduo de seu tempo.

Honrou-a e elevou-a às mais altas culminâncias, colhendo a paga afetiva do respeito e da admiração das gerações que por ali passaram, dos colegas de cátedra e de toda a gente Paulistana.

Era enérgico e sabia fazer-se respeitar quando necessário, nunca recuando diante de qualquer luta, gostava mesmo da polêmica quando, então esgrimia com segurança e elegância, envolvendo o adversário em verdadeiro círculo de ferro com argumentação de lógica irresponsável. Quando se defrontava com a desonestidade e a malícia sabia zurzir de forma contundente os látegos de sua dialética, reação por vezes incontida, fruto de sua intransigente formação moral.

Octavio Mendes tinha físico de atleta. Alto, espadaúdo, bem proporcionado, fisionomia quase carrancuda, mas que logo às primeiras palavras irradiava simpatia e benevolência que lhe descarregavam o semblante, desfazendo-se em sua larga fronte os vincos que a princípio pareciam carregados.

Amava os exercícios físicos, andarilho incansável era temido rival nas caçadas às perdizes, quando caminhava pelos campos de sol a sol. Ciclista apaixonado, comprazia-se na companhia dos filhos em prolongados passeios, sempre atento e cheio de cuidados.

Com a espôsa viveu uma comovente história de amor. Conheceram-se e desde os primeiros encontros, momentos fugazes de acôrdo com os rígidos costumes da época, sentiram-se atraídos pela fôrça irreprimível dos mais puros sentimentos afetivos.

O casamento trouxe-lhes os filhos que receberam como dádivas divinas, cercando-os de constantes e desvelados carinhos. Foi sempre companheiro atento de sua espôsa, ajudando-a e amparando-a na trabalhosa faina quotidiana de cuidar da criangada. Soube sempre compreender a delicadeza de seus sentimentos, seu quase excessivo carinho pelos filhos o que não a impedia de se preocupar e ajudar, também, a parentes, conhecidos e até estranhos. Alma benfazeja, D. Elisa viveu para fazer bem aos outros e só assim poderia ser feliz. Encontrou no marido o homem indicado para compreender e admirar as subtilezas e as notas de extrema afetividade de que era capaz seu coração, em verdadeira porfia de se sobrepujar, todos os dias, no afã de fazer bem aos outros. Tudo isto não a impediu de ser, ao mesmo tempo, espôsa apaixonada e amantíssima, correspondendo, assim, ao afeto inalterável que o marido sempre lhe dedicou. Foram dignos um do outro e amaram-se desveladamente.

Apesar de algumas vêzes parecer impetuoso, o traço característico da personalidade de Octavio

Mendes era a paciência. Interessou-se sempre pelos filhos desde a mais tenra idade, carregando-os ao colo e ensinando-lhes as primeiras palavras e os primeiros passos. Depois ajudou-os paciente-mente nos estudos, ministrando-lhes esclarecimentos que já evidenciavam seus predicados didáticos. Assim, era, também, com os sobrinhos e as outras crianças. Colocava-as ao colo, sabia entretê-las em longas conversas, contando-lhes histórias deliciosas e conseguia assim, aquietar terríveis traquinas cujos pais embevecidos com aquela mágica, lamentavam não poderem imitá-lo.

Cabe aqui uma referência particular aos netos com os quais se ocupava embevecidamente. Era comovente vê-los à sua volta, ouvindo, atentamente, as histórias maravilhosas que sabia contar, principalmente aquelas cujos personagens eram bichos. Daí é que se originou o pelido de Vovô Leão, tratamento carinhoso que passou a ser usado habitualmente e com o qual se comprazia.

Acometido por repentina enfermidade que lhe paralisou as pernas, procurou alívio junto aos melhores médicos da época, sem resultado. Reuniu as economias que amealhava e partiu para Europa em busca de uma cura que não encontrou, depois de se consultar com as maiores sumidades daquele tempo. Regressou desanimado. Sem recursos para o sustento da família o futuro se lhe apresentava sombrio. Como trabalhar com as pernas

paralisadas, dependendo sempre de pelo menos duas pessoas para mudar de uma cadeira para outra. Parecia que a adversidade o vencera.

Isto foi, entretanto, um momento passageiro. Aceitou algum tempo depois do regresso da Europa, não sem certa relutância, a oferta do amigo e cunhado, Antonio Moraes Barros, para trabalharem juntos. Constituíram reputada banca profissional, na qual Antonio Moraes Barros se desincumbia das tarefas no Forum, possibilitando-lhe, assim, prosseguir na sua carreira de advogado.

Lançou-se ao trabalho e logo se convenceu de que poderia alcançar o sucesso com que sempre sonhara. Meticuloso em seus hábitos e servido por uma fôrça de vontade sem limites, entremeava as horas de trabalho impondo-se férrea disciplina no cumprimento dos exercícios físicos prescritos pelos médicos. Era incansável nas paralelas duas vêzes ao dia. Percorria-as repetidamente, de um extremo ao outro, locomovendo o corpo hercúleo pela fôrça dos braços, enxugando a testa banhada de abundante transpiração nas paradas momentâneas, em cada extremidade, para recomeçar, em seguida, pelo espaço de tempo de cêrca de uma hora. Nunca se queixava e jamais deixou transparecer qualquer aborrecimento por aquela prática rotineira. Muito ao contrário, executava-a com visível prazer, mantendo conversações com pessoas da família ou da sua intimidade. Além disso exercitava as per-

nas percorrendo o longo corredor da entrada de sua residência, de um extremo ao outro, muitas vezes seguidas, apoiado a duas bengalas e tendo por trás apenas para ampará-lo, se perdesse o equilíbrio, um criado forte e corpulento. Era admirável sua serenidade em todos êstes lances e também nas mudanças de um cômodo a outro assim como na viagem quotidiana ao escritório da rua da Boa Vista e para as aulas da Faculdade, sempre carregado por duas pessoas ou na cadeira de rodas impelida por um acompanhante.

Seu temperamento não sofreu alteração. Ao contrário, sua proverbial paciência se cristalizou, amadurecendo-o, talvez precocemente, moderando-lhe os impulsos. Sua fisionomia a um tempo acolhedora e aureolada de suave autoridade, refletia a serenidade como traço dominante de seu espírito.

A casa da Avenida Paulista, cercada de denso arvoredo, a cuja sombra gostava de receber, tornou-se o centro a que acorriam parentes e verdadeira legião de amigos e admiradores. O ambiente acolhedor punha à vontade os visitantes, sempre recebidos com carinho.

Octavio Mendes era solícito com todos, pronto a ouvir e a aconselhar carinhosamente, não raro paternalmente, a amigos e admiradores que se habituaram a ouvi-lo a respeito dos mais variados assuntos. Conselheiro e advogado exerceu verda-

deiro sacerdócio, orientando amigos e parentes em suas aflições, muitas vezes de caráter íntimo.

Deleitava-se com a leitura a que dedicava algumas horas diariamente. Sua imensa biblioteca jurídica encerrava, também, verdadeiros tesouros de obras literárias e de história. Conhecia de memória a localização de todos os volumes, apontando a respectiva prateleira sem nunca consultar o índice. Profundo conhecedor da história pátria e de história universal, era admirador apaixonado de Bonaparte cuja carreira fulgurante conhecia em todos os seus lances, tendo em sua mesa de trabalho, sua efígie cinzelada em bronze, incrustada em pequena placa de mármore.

Apreciava a arte em tôdas as suas manifestações. Admirador do teatro lírico e dramático, a cujos espetáculos presenciou, algumas vezes, no nosso tradicional Teatro Municipal.

Atraia a sua casa, sempre acolhedora, pensadores, poetas e homens de letras, em reuniões sempre muito apreciadas. Ali se exibiram grandes pianistas e algumas vezes a extraordinária Guiomar Novaes de quem era admirador incondicional.

Sua personalidade desdobrava-se em múltiplas facetas criando em seu lar um ambiente do mais fino requinte espiritual a par da singeleza e das mais puras virtudes burguesas.

Era exigente com os filhos no desempenho dos deveres escolares e assim agia vencendo indifar-

gável constrangimento como no episódio do filho varão que foi enviado para estudar em um internato religioso no Estado de Santa Catarina, porque não vinha bem cumprindo seus deveres escolares. O maior castigado neste lance foi o pai que sentiu duramente o afastamento do filho que por dois anos esteve naquele Colégio. Embora não confessasse a saudade, todos perceberam como aquela ausência o afetou até que com o passar dos meses vieram as notícias de que tudo corria bem, Octavio Mendes Filho aproveitara a lição e em pouco tempo se transformara em estudante atento e cumpridor de seus deveres. A volta reuniu-os na mais afetuosa e comovente das convivências, desdobrando-se o filho em carinhos e atenções verdadeiramente admiráveis, como admiráveis sempre foram os sentimentos de toda a família para com seu chefe.

Depois veio a Faculdade. Octavio Mendes Filho galga o vestibular e cumpre o curso de Direito com distinção em todas as cadeiras. Foram anos de verdadeiro deleite espiritual nas prolongadas conversas e debate quotidiano dos temas e teses que se sucediam à medida em que se desenvolvia o curso acadêmico. Seguiu-se a formatura e o trabalho no afamado escritório paterno.

O destino que a certo momento parecia empenhado em castigá-lo, reservou a Octavio Mendes, no decorrer dos anos, fartas compensações, mercê de suas qualidades de exemplar chefe de família

e de cidadão impecável, atributos que tornaram sua vida digna de ser vivida e seu lar tão apetecido.

A imobilidade física acarretou-lhe distúrbios funcionais que aos poucos lhe minaram a saúde. Padeceu longamente, sofrimentos que suportou com estoicismo, sem nunca se lamentar, vindo a falecer em 12 de novembro de 1931.

Alguns meses antes desaparecera, vitimado por uma crise de angina pectoris, seu dedicado amigo e companheiro Antonio de Moraes Barros. A família piedosamente tentou ocultar-lhe o fato. Poucos dias depois, entretanto, êle teve em mãos um jornal onde se prestava homenagem póstuma a Antonio de Moraes Barros. Estupefato, pensou tratar-se de um homônimo, caindo em profunda prostração com o prosseguimento da leitura, ao inteirar-se de tôda a verdade.

A partir dêsse dia seu estado agravou-se continuamente.

Assim escoou-se uma vida aureolada por nobre exemplo de coragem e perseverança, sempre lembrada com carinhosa saudade e maior admiração por todos os que tiveram a ventura de conhecê-lo.

OCTAVIO MENDES — O HOMEM DA FAMÍLIA E O PROFESSOR

FRANCISCO GLYCERIO NETO

Por ocasião do centenário de nascimento de Octavio Mendes, eu não podia deixar de prestar minha homenagem ao saudoso amigo e professor, em cuja casa sempre encontrei uma acolhida verdadeiramente paternal, desde minha adolescência.

Tendo perdido meu pai, muito cedo, tive a felicidade de conhecer, pouco depois, um menino — que se tornaria com o tempo, o meu maior amigo — o qual me levou a sua casa, tão logo estreitamos nossas relações.

Fiquei, pois, conhecendo seu pai, o Doutor Octavio, como sempre o chamei.

Natural de Campinas, êle conhecera meu pai e meu avô, cabendo a êste último pequena parte da responsabilidade pela sua vitoriosa carreira de advogado.

Efetivamente, fôra preciso vencer a oposição de seu pai, modesto comerciante em Campinas para adotar a profissão que escolhera e meu avô foi um dos que o apoiaram naquela oportunidade.

Essa circunstância, aliada às relações que tivera com meu pai, devem ter contribuído para

tão simpática e generosa acolhida por parte do Doutor Octavio, apesar da distância de nossas gerações.

Penetrando na intimidade daquela família, pude, desde logo, sentir o empolgante prestígio de seu chefe.

Embora estejamos, constantemente, à procura do tempo perdido, nem sempre a memória nos ajuda, retendo as lembranças mais preciosas.

Entretanto, tenho ainda bem presente sua fisionomia, habitualmente severa, mas, que, de vez em quando, dava lugar a expressões cheias de malícia. Suas observações, espirituosas e oportunas, se destinavam não só aos adultos, mas, também, às crianças da família e dos amigos.

Criatura privilegiada, estigmatizada pelo sofrimento, dava a todos um grandioso exemplo de esperança e de força de vontade.

Presenciei, durante muitos anos, aquela luta física e moral, sem tréguas, que exalta o sacrifício, com vitórias cotidianas do espírito.

Era uma vida tumultuada, uma lição de energia sobre-humana, pois que o espírito exercia uma influência dominadora sobre os fatores fisiológicos.

Quem com ele privava, sentia-se subjugado por sua força e por seu exemplo.

A enfermidade era suportada pela sua mente, sã e vigorosa, que não admitia qualquer espécie de queixa contra a tragédia de seu destino.

Depois de acompanhá-lo em sua vida dentro da família, fui seu aluno nos 3.º e 4.º anos de Direito Comercial, mas, confesso humildemente que era muito pequena minha freqüência às aulas das "velhas arcadas". Disso me arrependo, porém, pois menores teriam sido meus esforços, desde que me iniciei na vida prática do Direito.

Recordo-me da impressão de profundo respeito que cercava a chegada do Doutor Octavio às portas da Faculdade e nenhum professor, como êle, se impunha tanto aos estudantes, sempre irreverentes.

Sem arroubos de oratória, sem artifícios retóricos, Octavio Mendes fazia suas preleções em linguagem correta, clara, objetiva, mas com a segurança de sua grande cultura. Exerceu a cátedra com a eficiência que todos reconhecemos e aplaudimos, ilustrando as teorias que esposava com a prática de seus brilhantes sucessos forenses.

Não era um desses professôres de modelo negativo, que ocupam a cátedra, duramente conquistada, para mergulhar no marasmo da rotina.

Assim não procedeu o querido Mestre, pois dedicou-se ao Direito Comercial, dignificou a cátedra e ensinou bastante e da maneira mais objetiva possível, sem floreios gongóricos.

Plantou bastante porque queria colher e a safra continua: sua obra escrita se situa entre as dos nossos maiores tratadistas e ainda nos ensina, dia após dia, de modo fluente, preciso e direto.

Durante a maior parte de sua vida, Octavio Mendes foi um recluso, dedicado exclusivamente à família, à leitura, ao trabalho e ao magistério. Ele amava, realmente, a juventude e estava sempre à disposição de seus alunos.

Era proverbial a paciência com que os atendia e, desde suas primeiras aulas, muito anteriores às da minha turma, ele os recebia em casa ou no seu escritório, sempre disposto a orientá-los e esclarecer-lhes as dúvidas.

Contava-se nos corredores da velha academia, sua carinhosa atitude com um de seus alunos, O.M.A., cujos esforços para taquigrafar as preleções do Mestre foram, por êste, plenamente recompensados. Assim é que, recebendo-o em seu escritório de advocacia, ou em sua casa, com toda a boa vontade, o professor ia revendo e corrigindo as provas das suas preleções para serem distribuídas entre os colegas.

Não lhe faltava tempo para essa assistência a seus queridos alunos, os quais lhe retribuiam com atenção, disciplina, respeito e admiração.

Poucos eram os professores daquele tempo que se deixavam cercar pelos alunos, terminada a aula,

para ouví-los e orientá-los e, nesse ponto, Doutor Octavio era incansável.

Sem dúvida alguma, era com amor que acudia a seus alunos, quando êstes o procuravam, pois o magistério representava para êle um verdadeiro IDEAL. Em todos os setores de atividade estava presente sua carinhosa preocupação com os alunos e, mesmo, ausente do país, nunca deixava de mencioná-los na correspondência que mantinha com a família.

Possuia, como poucos, as virtudes heróicas peculiares aos homens superiores e verdadeiramente livres, porque alcançaram a harmonia interior, baseada na mais severa disciplina do espírito e da vontade.

Sua atitude face à moléstia que o prostrou, depois de tão duras provações, dá bem a medida da estatura moral do ilustre varão.

Expresso aqui, com esta sincera homenagem, o meu reconhecimento e a minha saudade.

(a) Francisco Glycerio Neto.



*Este livro foi confeccionado
nas oficinas da
INDUSTRIA GRÁFICA SARAIVA S. A.,
à Rua Sampson, 265, São Paulo,
em abril de 1969*

